



Oca Zilma Saturnina

Ampliação da sede do
Movimento Integrado de
Saúde Mental Comunitária
(MISMEC) 4 Varas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E
URBANISMO E DESIGN
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

OCA ZILMA SATURNINA
AMPLIAÇÃO DA SEDE DO MOVIMENTO INTEGRADO DE SAÚDE
MENTAL COMUNITÁRIA (MISMEC) 4 VARAS.

ADRÍSIA FERNANDES DA ROCHA MARQUES
SOB ORIENTAÇÃO DE CLÉVIO DHEIVAS NOBRE RABELO

FORTALEZA
2023



OCA ZILMA SATURNINA

Ampliação da sede do Movimento Integrado de Saúde
Mental Comunitária (MISMEC) 4 Varas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Tecnologia -
Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.Dr. Clévio Dheivas Nobre Rabelo

Aprovada em: 13/12/2023.

Banca Examinadora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

M1o MARQUES, ADRISIA.

Oca Zilma Saturnina : Ampliação da sede do Movimento Integrado de
Saúde Mental Comunitária (MISMEC) 4 Varas. / ADRISIA MARQUES. – 2023.
187 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do
Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza,
2023.

Orientação: Prof. CLÉVIO DHEIVAS NOBRE RABELO.

1. arquitetura vernacular. 2. participação. 3. espaços de saúde e cuidado.

I. Título.

Prof.Dr. Clévio Dheivas Nobre Rabelo – Orientador
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dr.^a. Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva – Professora da casa
Universidade Federal do Ceará

Ms. Hector Rocha Isaias – Arquiteto e Urbanista convidado



À Dona Zilma.

meus pais contam que quando eu era pequena, fui em uma rezadeira, ela me benzeu com suas folhas e fiquei rapidamente “boa”.

Não me lembro o rosto dela, mas lembro da roupa branca, da rua e do dia quente.

Assim que comecei esse projeto essa lembrança se tornou viva e, desde então, gosto de pensar que ela era a senhora. Mesmo não a conhecendo, sempre gosto de passar na sua sala, a primeira a esquerda, que ainda continua intacta.

agradecimentos



Figura 1 e 2 – Formação do MISMEC 4 Varas. Fonte – Acervo MISMEC4 Varas

Primeiramente, meus agradecimentos saudosos aos que não dividem o mesmo plano que eu, mas que de algum lugar, continuam me guiando e me amparando. Vó Cila e Vó Elias, estou com saudades, mas sigo forte.

Ao meu vô Domingos por ter comprado esse lote no Grande Pirambu. Vô, se tivesse conhecido o senhor, a primeira coisa que iria dizer é que aqui a vida é mais feliz.

À minha família Fernandes, Marques e Rocha, por todo suporte, vocês são minha base. Em especial a tia Odê (mãe) e o tio Adriano (pai) por serem meus primeiros e principais professores da vida.

À Dona Socorro, pelas mãos de fazer tudo e até, você é a mulher mais forte que conheci.
“-Vó, tem dindin de que hoje?”

A todos os funcionários, usuários e liderança do projeto MISMEC 4 Varas, por manter esse templo vivo e por me receberem de abraços abertos. Vocês foram minha segunda casa.

Aos mestres das tradições Tonhão, José Maria e Aurélio Barreto, por me ensinarem seus saberes tão preciosos e fazer esse “rio” crescer.

A todos meus professores da UNI7 e da UFC que me formaram e me motivaram profissionalmente. Em especial, o professor Clévio Rabelo, por ter embarcado nessa aventura comigo, obrigada por todo comprometimento e orientação. Além da banca avaliadora, Anna Lúcia e Hector Rocha, obrigada pelas contribuições.

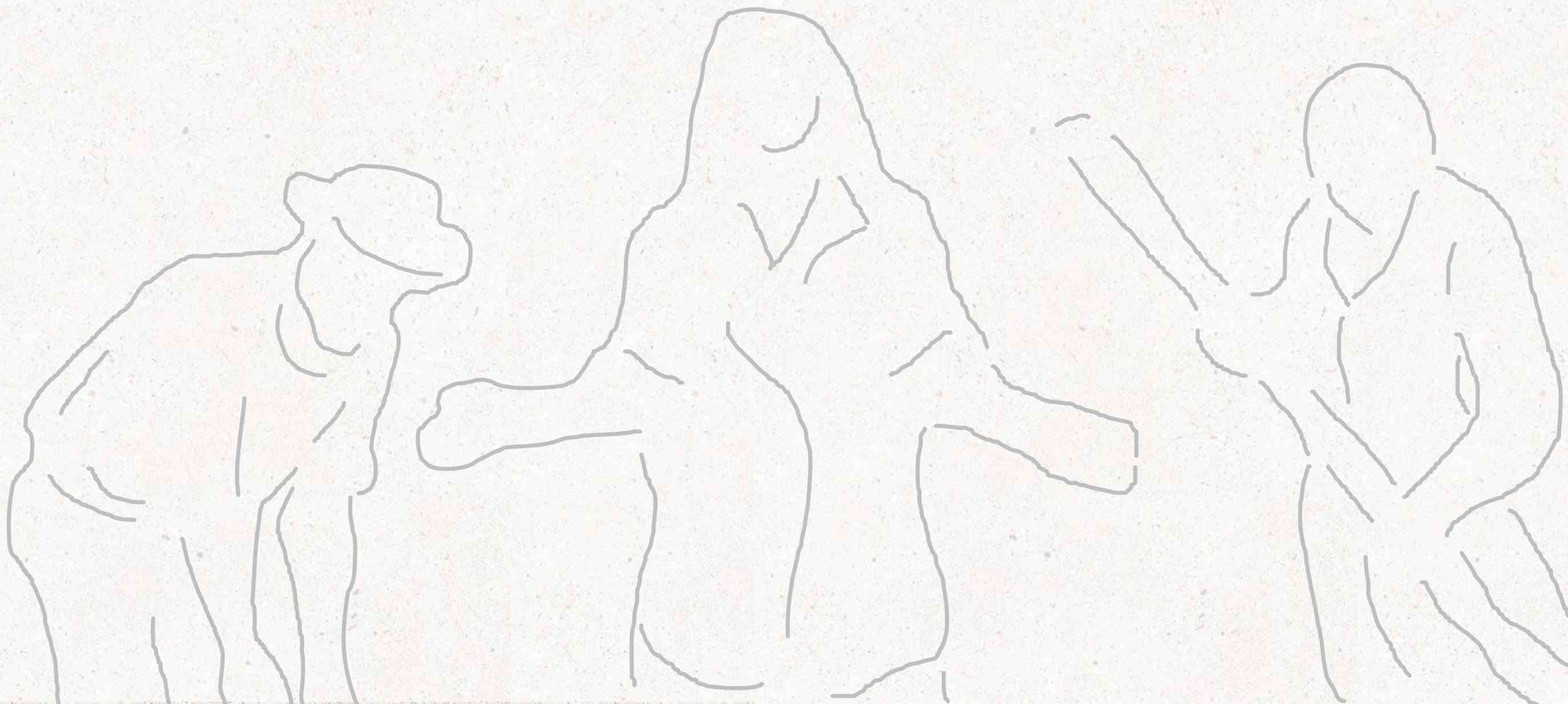
Às pessoas que somaram nesse projeto, Cristiellen Rodrigues, Sérgio Rodrigues, Gabriel Cardoso, Raony Bernardo e Wesley Pacífico, impossível não se inspirar em vocês.

Aos meus amigos, que das formas mais possíveis e inimagináveis se tornaram presente nessa jornada. Sou extremamente sortuda por compartilhar essa mesma época com vocês.

E ao meu amor, Rafael Bessa, por me ajudar a aproveitar o processo e por viver a vida intensamente. Todos os dias são feriados com você.

“(…) No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. **Uma confluência entre os saberes.** Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização.”

Antônio Bispo dos Santos



Resumo

O autor adota uma abordagem participativa, buscando atender às necessidades da comunidade e fortalecer a identidade civilizatória por meio de uma arquitetura sustentável e vernacular. Estuda-se a história do MISMEC 4 Varas imbuída pelos acontecimentos históricos que moldaram o Grande Pirambu e o povo que nele habita, relacionando-os à elaboração da Oca Zilma Saturnina. A partir da troca de saberes com os mestres das tradições construtivas na jornada por um conhecimento ancestral que é passado oralmente e pouco catalogado em trabalhos acadêmicos, elabora-se um breve estudo sobre as tipologias arquitetônicas afro-indígenas, mostrando como a colonização está relacionada com o abafamento desses conhecimentos. Por conta disso, o objeto final é o projeto de uma oca multifuncional, utilizando a tipologia presente nas construções da instituição, com intuito de mostrar sua eficiência, tecnologia e respeito tanto ao clima como à materialidade da região. Assim, fomentando a salvaguarda e a difusão da arquitetura afro-indígena.

Palavras-chave: arquitetura vernacular, participação, espaços de saúde e cuidado.

Abstract

The author adopts a participatory approach, aiming to meet the community needs and strengthen the civilizational identity through sustainable and vernacular architecture. The history of MISMEC 4 Varas is studied in the context of historical events that shaped the Great Pirambu and its inhabitants, relating them to the development of Oca Zilma Saturnina. Through the exchange of knowledge with “mestres populares” in the quest for ancestral knowledge disseminated orally and scarcely documented in academic works, a brief study is conducted on Afro-Indigenous architectural typologies, demonstrating how colonization process is linked to the suppression of such knowledge. As a result, the final objective is the design of a multifunctional hut, using the typology found in the institution's structures, with the purpose of showcasing its efficiency, technology, and respect for both the area's climate and materiality. Thus, supporting the preservation and dissemination of Afro-Indigenous architecture.

Keywords: vernacular architecture, participation, health and care spaces.

Figura 3- Formação do MISMEC 4 Varas. Fonte – Acervo MISMEC4 Varas



Sumário

Introdução.....	14
Justificativa	
Objetivo geral	
Objetivos específicos	
Metodologia	
Capítulo I - Os trâmites da Família Barreto.....	22
1.1. Dos flagelados à marcha do peixe roncador	
1.2. Do vixe à casinha de taipa	
1.3. Da falência fabril à união das varas	
Capítulo II - Os fragmento do Movimento.....	36
2.1. O cerne	
2.2. O corpo	
2.3. O concreto	
2.4. Catálogo	
Capítulo III - O ancestral afro-indígena brasileiro.....	82
3.1 Povos originários	
3.2 Projetos de referência	
3.2.1 Centro de Produção Cultural Tapeba	
3.2.2 Oca Partilha de Saberes	
3.2.3 Restaurante do Benin	

Capítulo IV - Os segmentos da Oca.....	98
4.1 Diagnóstico urbano-projetual	
4.1.1 Especificações urbanas	
4.1.2 Diagnóstico espacial	
4.2 Projeto paisagístico e arquitetônico	
4.2.1 Paisagismo	
4.2.2 Novas construções	
4.3 Oca Zilma Saturnina	
4.3.1 Situação	
4.3.2 Estrutura	
4.3.3 Análise Bioclimática	
4.3.4 Vocabulário construtivo	
4.4 Canteiro vivo	
Reflexões.....	168
Referências.....	170
Apêndice.....	174



Figura 4— Formação do MISMEC 4 Varas . Fonte – Acervo MISMEC4 Varas

IN

Introdução

“A história de uma família, de um povo perseguido pela miséria e seca, de uma povo de índios deserdados, de uma comunidade de excluídos vivendo na favela, universo de pobreza e dificuldades, mas também de amor e esperança (...) no interior de um vasto projeto de saúde mental comunitária, inovador e apaixonante que associa psiquiatras, psicólogos, médiuns, sacerdotes e curandeiros. Nas sessões de terapia comunitária conduzidas por Adalberto, a ciência da medicina ocidental está conjugada aos rituais afro-brasileiros. Esta forma e processo terapêutico permite que cada favelado sofrido encontre nele mesmo e com os outros o caminho de sua própria cura.” (BARRETO, Adalberto, PIERRE Jean. O índio que vive em mim: o itinerário de um psiquiatra brasileiro. São Paulo: Terceira Margem,2003)

Iniciado em um casebre no Grande Pirambu, no município de Fortaleza, o advogado Airton Barreto, um dos líderes do projeto, começou seus atendimentos jurídicos de modo voluntário aos moradores com ambição de popularizar as leis e combater a miséria da região. O aumento da demanda e o deslocamento posterior para uma casa de palha, nas grandes glebas de agricultura familiar na Barra do Ceará, ocasionou seu primeiro contato com a comunidade local, ajudando na luta dos trabalhadores desolados pela falência fabril da Fábrica Cimpelco.

Diante dessa disparidade social e da luta dos trabalhadores, juntamente com os líderes comunitários, o projeto teve sua primeira integração, chamando-se 4 Varas, tendo como objetivo melhorar infraestruturalmente a área e organizá-la socialmente.

O projeto foi tomando forma à medida que as demandas foram se intensificando, principalmente atreladas a problemas psicológicos, como consequência o médico psiquiatra Adalberto Barreto começa a assistir essa comunidade. Assim, o projeto foi de um simples programa de extensão da universidade, em 1988, até se transformar no Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária (MISMEC), o qual hoje é atrelada à política de práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) do SUS.

Esse movimento se caracteriza por ser uma entidade civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico e de base comunitária, sendo um projeto interdisciplinar e transcultural. Segundo Adalberto Barreto (2012), foi sob solo fortalezense que se gerou o grande destaque do projeto, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), a qual se caracteriza por ser uma prática coletiva, genuinamente brasileira, que usufrui de recursos culturais, saberes tradicionais e de vida para acolher o sofrimento humano e promover a saúde mental.

O projeto é um dos pontos norteadores deste estudo, composto por um rico simbolismo ancestral e de uma arquitetura que acolhe, que cuida da dor da alma, oferecendo cuidados e experiências holísticas à comunidade. À medida que o projeto foi se institucionalizando, seu espaço também foi se moldando para atender essas novas mudanças. Atualmente fornece oito atividades de cuidados individuais e onze coletivas, sendo especializadas no terreno em quatro ocas, que seguem as tipologias afro-indígenas, e por cinco construções convencionais de apoio.

Vale ressaltar a importância dessas ocas para a perpetuação dessa tecnologia e a salvaguarda desses conhecimentos que são passados oralmente de geração para geração, fazendo parte tanto do patrimônio material cearense, quanto do patrimônio imaterial, por meio dos saberes e fazeres tradicionais, desenvolvidos, sobretudo pelo seu Antônio (Tonhão) e seu Aurélio, a qual potencializa a formação da identidade, a ação e a memória dos grupos formadores da sociedade brasileira.

O valor está na ancestralidade e na generosidade de perpetuar cada conhecimento. (...) são detentores de saberes e fazeres tradicionais e populares representativos da sociedade local. A salvaguarda dessas demonstrações, a fim de dar condições à tradição na dinâmica que a comporta, respeitando a capacidade de continuidade, manutenção e adaptação para resistir – sobretudo na transmissão entre gerações, relevância e qualidade da proposta; experiência, temporalidade e vivência; e capacidade de transmissão e partilha do saber cultural. (VI Encontro Mestres do Mundo – Secult CE, 2011).

Tendo em vista o reconhecimento da importância desse movimento para os moradores do Grande Pirambu e considerando sua singularidade arquitetônica, o presente trabalho apresenta um levantamento da história do bairro e dos líderes do movimento, relatando a origem e as atividades ofertadas, além de documentar e salvaguardar as ocas do projeto, passando, ainda, pelo recorte tipológico das construções de influência afro-indígena, com seus modos de saber e fazer. Dessa forma, o trabalho tem como finalidade propor uma nova oca multifuncional que atenda às determinadas necessidades locais, sendo elaborada de modo participativo com a comunidade, além de tornar o espaço mais acessível para acolher confortavelmente todos os tipos de público.

Figura 5 – Formação do MISMEC 4 Varas . Fonte – Acervo MISMEC4 Varas



Justificativa

Segundo o SUS (Sistema Único de Saúde), a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é uma prática de intervenção coletiva que almeja fortalecer e criar os laços sociais, usufruindo os recursos da própria comunidade para criar soluções para as dificuldades, formando um espaço de acolhimento que favorece a troca de experiências entre as pessoas. Segundo o acervo MISMEC 4 Varas, atualmente está implantado em vinte e três estados e conta com cerca de sete mil terapeutas em todo o país, contemplando mais de dois milhões de atendimentos e com cinquenta polos formadores em TCI espalhados pelo mundo.

Em decorrência do crescimento significativo dos frequentadores e da ampliação do reconhecimento da TCI, chegando a comportar cerca de quatro mil pessoas por mês, segundo dados apontados pela Administração do MISMEC, o projeto começou a demandar, urgentemente, melhorias infraestruturais em seu espaço, como uma área que consiga comportar aproximadamente 200 pessoas, seguindo a mesma linguagem tipológica do projeto, além de caminhos que permitem uma livre e acessível circulação durante toda a extensão do terreno, podendo contemplar e perpassar pelo paisagismo; além de adequações de uso em algumas construções já instaladas.

Durante minha formação, participei de inventários participativos, neles documentava e levantava fotograficamente, digitalmente e manualmente os prédios ecléticos do centro da cidade que, ao estudá-los, a sensação de querer preservá-los era enorme, por saber toda a história e seu valor arquitetônico e social. Ao entrar pela primeira vez no projeto, na segunda metade de 2022, por mais que seja uma tipologia arquitetônica diferente, o sentimento de pertencimento, como moradora da Barra do Ceará e de salvaguarda para com as ocas, foi ainda maior. Adentrar às ocas afro-indígenas construídas sem ajuda de nenhum arquiteto ou engenheiro, erguidas unicamente por conhecimentos ancestrais, passados de geração em geração e pela ajuda da sociedade, me fez perceber que ali estava minha verdadeira faculdade e que precisava, de alguma forma, contribuir para a melhoria dessa comunidade e valorizar esse recinto holístico, seja inventariando, entrevistando, documentando ou apenas escrevendo o primeiro trabalho acadêmico de cunho patrimonial.

Com isso, o objetivo da pesquisa é trabalhar, de modo participativo, com arquitetura vernacular no projeto de ampliação de uma nova oca multifuncional instalada no próprio terreno, além de buscar tornar acessível seus percursos ao longo lote, voltado para um paisagismo de uso medicinal, intervindo também nas construções já existentes. Tendo como foco estratégias projetuais que consigam refletir a delicadeza da essência do projeto, criando espaços de acolhimento da dor da alma que consigam manifestar, sobretudo, a cultura indígena e africana, a qual é desvalorizada e silenciada.

E foi embaixo de um cajueiro que os primeiros atendimentos jurídicos e de sofrimento humano foram feitos para a comunidade do Grande Pirambu e vai ser embaixo do mesmo cajueiro, ainda preservado, que essa comunidade verá os estudos de melhoria e de valorização sendo realizados.

Realizar uma pesquisa e documentar sobre o Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária (MISMEC) 4 varas e propor um anteprojeto de uma oca que atenda as demandas sociais e culturais, de forma participativa, utilizando técnicas construtivas locais. Além de desenvolver percursos acessíveis e modificações das construções já existentes.

Realizar uma pesquisa acerca do Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária (MISMEC) 4 varas, investigando sua história, seus fundadores, suas atividades e seu espaço, atrelando a história do Grande Pirambu às tipologias arquitetônicas afro-indígenas;

Coletar informações acerca do projeto em campo através de visitas, entrevistas e registros da comunidade;

Elaborar um catálogo das construções e das técnicas construtivas presentes nas ocas e nos caminhos construídos;

Analisar as informações coletadas em campo e propor um programa de necessidades;

Criar, de forma participativa, um anteprojeto de uma oca multidisciplinar, percursos acessíveis e modificações das construções já existentes.

Objetivo geral

Objetivos específicos

Metodologia

Para alcançar os objetivos apresentados, este trabalho foi dividido em quatro etapas metodológicas que embasaram a estruturação dos capítulos. Vale ressaltar que este projeto se caracteriza por adentrar e se aprofundar junto aos conhecimentos acumulados e vivenciados pela comunidade, ao mesmo tempo em que se utiliza de escopos acadêmicos.

1. ETAPA

O primeiro capítulo consiste no estudo da história do Grande Pirambu, juntamente com a história dos líderes do Projeto 4 Varas, para isso foi necessário fazer uso de uma pesquisa bibliográfica e documental que busca, por meio não somente de livros, artigos e sites, mas principalmente da realização de entrevistas com os líderes, Adalberto e Airton, para entender seus percursos urbanos e identitários. Os principais autores referenciados nesta etapa são, Kênia Rios, Raimundo Cavalcante, Sandra Paula, Adalberto Barreto e Pierre Jean.

2. ETAPA

Com o intuito de estudar a história e as atividades do MISMEC 4 varas, além de compreender e documentar seu espaço físico, no segundo capítulo foi realizado, respectivamente, uma pesquisa bibliográfica e um percurso etnográfico e documental. Tal percurso almeja compreender as memórias, o simbolismo, os bens culturais e as paisagens significativas para a comunidade MISMEC 4 varas, fazendo uso de visitas em campo, entrevistas e levantamento arquitetônico físico e digital do local, introduzindo os funcionários, os artesãos e os usuários na concepção.

3. ETAPA

Os autores referenciados nesta etapa são: Abdias do Nascimento, Alessandra Devulsky, Gunter Weimer, José Afonso Botura Portocarrero, Nego Bispo e Taynara Gomes. Com o intuito de estudar e compreender as tipologias arquitetônicas afro-indígenas, com seu passado histórico social e seus reflexos na sociedade atual, por meio de uma pesquisa essencialmente bibliográfica. Além de estudar referências arquitetônicas.

4. ETAPA

Será a criação projeto da oca multidisciplinar, dos caminhos acessíveis e das intervenções reparativas das construções já existentes, tendo como base de concepção e partido arquitetônico, todo o estudo realizado nas etapas anteriores, além de ações e interações participativas com os funcionários e os usuários do projeto, introduzindo, por meio de uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas espaciais.

1. Entrevista funcionários

Setor	Nome
administração	Antônio Cláudio
marketing	Meiryelli dos Santos
marketing	Marcelino Silva
terapeuta	Igor Premal
massagista e cuidador	Joelson Mariano
massagista e cuidadora	Leide Albano
cozinha	Manuela Guimarães
jardineiro	Valdecir Bernardo
recepção, coordenadora dos cuidados	Luana Cavalcante
farmácia viva	Alexandre Costa
reiki	Humberto Teixeira
Yoga	Leila Pessoa
direitos humanos	Olga do Nascimento

5. Levantamento físico e digital

Oca Dos Cuidados	Casa do caseiro
Oca Restaurante	Café + Cisterna
Oca Jovem + Caixa d'água	Banheiros
Oca Galeria	Fachada + Pórtico
Escalda pés	Horta + Área de secagem
Farmácia Viva	Caminhos + Catalogação árvores
Administração	Situação

2. Entrevista liderança

Nome
Adalberto Barreto
Airton Barreto

3. Entrevista usuários

Nome
Antônio de Sousa Costa (Toin)
Antônio Araújo Pontes

4. Entrevista mestres

Nome
Aurélio Barreto
José Maria
Antônio José (Tonhão)

Tabela 1 – Entrevista funcionários

Tabela 2 – Entrevista liderança

Tabela 3 – Entrevista usuários

Tabela 4 – Entrevista com os mestres

Tabela 5 – Levantamento físico e digital

Fonte: Elaboração da autora

01

Os trâmites da Família Barreto

de uma ponta a outra

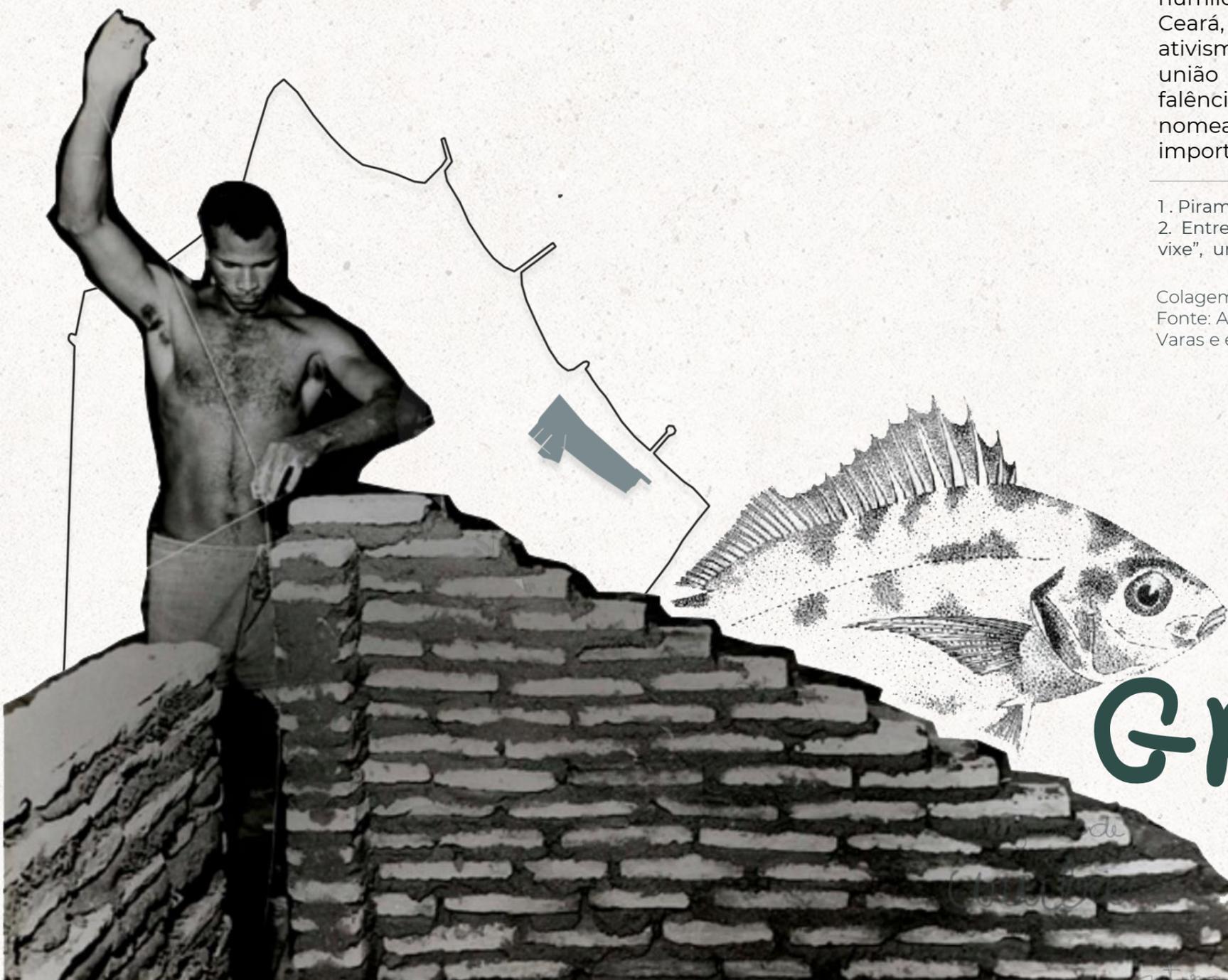
Este primeiro capítulo tem como objetivo pontuar os acontecimentos principais ocorridos no bairro do Grande Pirambu¹, ao mesmo tempo que busca mesclar, paralelamente, a história da família Barreto, que deu origem aos principais personagens da liderança e da criação do Projeto 4 Varas. Ao fazer um jogo de escalas, analisando, primeiramente, uma escala macro - o bairro - para depois abordar uma escala micro - a família Barreto - cria-se uma compreensão mais clara e contínua dessas histórias extremamente fortes e sensíveis.

Pensando nisso, foi dividido em três tópicos, o primeiro relata dois episódios essenciais para a formação e para a institucionalização do bairro do Grande Pirambu, as migrações da seca de 1932 e a Marcha do Pirambu Sobre a Cidade de Fortaleza, chamando-se “dos flagelados à marcha do peixe roncador¹”, fomentando o peso da luta social e da riqueza cultural dessa comunidade. O segundo tópico, “do vixe² à casinha de taipa”, remetendo ao deslocamento do advogado José Airton, um dos membros da família Barreto, de sua casa humilde no Pirambu até a compra da casa de telhado de palha na Barra do Ceará, relatando os desafios e as contribuições de sua profissão e do seu ativismo no bairro para gerações futuras. Já o último tópico, “da falência fabril à união das varas”, aborda a organização e a resistência dos operários desde a falência da fábrica Cimpelco (Companhia Industrial de Peles e Couros) até a nomeação de “4 varas” e a entrada de Adalberto Barreto, outro membro importante da família, no projeto.

1. Pirambu significa, em tupi guarani, peixe roncador

2. Entrevista com Airton: “Uma vez fui dar uma palestra, e disse: “Meu nome é Airton e moro no vixe”, um homem perguntou onde era esse “vixe” e eu falei Pirambu, aí que o “vixe” foi maior.”

Colagem digital
Fonte: Acervo Mismec 4
Varas e editado pela autora.



GRANDE PIRAMBU

URUBU RETIRANTES

1.1 Dos flagelados à marcha do peixe roncador

1932 AHG (Acontecimento Histórico Geral) migração dos retirantes da seca para o Grande Pirambu

1950 AHG: Estabilização dos retirantes no bairro do Grande Pirambu

1960 AHG: Desemprego e instabilidade dos retirantes no bairro do Grande Pirambu

1962 Marcha do Pirambu Sobre a Cidade de Fortaleza

1965 AHFB (Acontecimento Histórico da Família Barreto) Chegada da Família em Fortaleza

1970 AHFB: Estabilização e apropriação da Família no bairro Pirambu

1983 AHFB: Airton se torna advogado

1985 AHFB: Fundação do CEPP

1.3 Da falência fabril à união das varas

1986 AHG: Falência da Cimpelco

a outra

de uma ponta

1.2 Do vixe à casinha de taipa

1.1 Dos flagelados à marcha do peixe roncador

“Cansado de tanto esperar a reforma agrária
Saí à procura de Terra no mundo sem fim
Tão depressa me deparei com um latifundiário
Vi que a Terra existe para poucos e menos para mim
Os patrões que eu tive na vida só me maltrataram
Promessas, bonitas promessas fizeram em vão
Só tristeza, dor e inveja comigo ficaram
E da roça que eu fiz, agora é só recordação
Caminho tão certo pra favela eu sigo
Não tenho conforto de nada pra levar comigo
A miséria é minha companheira clareia o caminho,
Deitado no colo da fome, adormeço morrendo aos pouquinho.”
(Entrevista cedida por CV, 62 anos, assentado, liderança, em 08 de julho de 2005. - Zangelmil e Sales, 2009)

Em decorrência das grandes secas do sertão cearense, em meados da década de 1930, várias famílias se viram obrigadas a deixarem suas casas e se deslocarem para a “cidade grande”, almejando condições para uma existência minimamente digna ao diminuir o sofrimento familiar e encontrar um elemento vital básico para a vida: a água.

Quando essas famílias chegavam em Fortaleza, a capital cearense, em sua maioria só tinham a roupa do corpo, suas crenças e suas culturas circulando em seu sangue e fincada em suas memórias afetivas, em pouquíssimos casos vinham com algum dinheiro guardado devido a venda do terreno no interior. Pela falta de condições financeiras, esses retirantes procuravam os espaços geográficos que pudessem ocupar e abrigar-se por tempo indeterminado.

Uma dessas áreas de realocação, era os campos de concentração, situados por todo estado do Ceará, os quais foram criados, estrategicamente, em 1932 pelo Poder Público, contando com o apoio da burguesia. Esses espaços buscavam, urgentemente, assistir essas famílias que se encontravam em situação de extrema pobreza, além de proteger a capital das invasões dos flagelados que chegavam de todas as partes do estado. Segundo Kênia Rios (2014):

Para barrar a marcha dos retirantes rumo a Fortaleza e a outras cidades do Estado, foram erguidos sete “Campos de Concentração” (em Ipu, Quixeramobim, Senador Pompeu, Cariús, Crato e dois em Fortaleza). Eram locais para onde grande parte dos retirantes foi recolhida a fim de receber do governo comida e assistência médica. Dali não podiam sair sem autorização dos inspetores do Campo. Havia guardas vigiando constantemente o movimento dos concentrados. Ali ficaram “encurralados” milhares de retirantes a morrer de fome e doenças. (RIOS, 2014, p.68).

Um dos dois campos de concentração da capital era o Campo de Concentração do Urubu, tendo essa nomeação por conta da oficina da viação ferroviária (Oficina do Urubu) instalada na área do Grande Pirambu. Conforme a publicação do O povo:



Figura 6 – Campo de Concentração do Urubu, no Pirambu. Fortaleza durante a Seca de 1932.
Fonte: Acervo Valdecy Alves.

O local escolhido fica na praia, não muito próximo do mar, na confrontação, mais ou menos, das oficinas da R.V.C., em urubu. O barracão, cuja construção foi iniciada no sábado ultimo, fica nas proximidades de um grande poço de água doce, conhecido pela denominação de Lagoa do mel. (O POVO, 11 de abril de 1932).

Segundo relatório da Comissão Médica de Assistência e Profilaxia aos Flagelados do Nordeste, divulgado em agosto de 1933, elaborado pelo médico José Bonifácio da Costa, esse campo chegou a abrigar cerca de seis mil pessoas. Nele foram construídos grandes galpões cobertos de folha de zinco fixadas com madeira e fincadas várias estacas onde eram armadas as redes. Logo, o uso de instalações coletivas, constantemente superlotadas, pressupunha novas maneiras de relacionar-se com o corpo e com o ambiente.

Em pouco tempo esses campos ficaram conhecidos por “currais governamentais”, pois mesmo com o empenho do poder público de transparecer uma imagem organizada e humanitária, a realidade vivida pelos retirantes das secas era totalmente divergente, visto que eram ambientes que não conseguiam atender à demanda, tornando um lugar insalubre e propiciador de várias doenças, além ser um lugar vigiado e controlado, em que as pessoas tinham seu direito de ir e vir constantemente cerceado pelas autoridades públicas.

A partir da segunda metade do século XIX, esses migrantes foram se estabelecendo no bairro, juntamente com alguns pescadores que já habitavam naquele espaço, lutando por sua terra de uma forma inapropriada e desassistida, assim, tornou-se rapidamente uma periferia sub equipada e longínqua.

O Grande Pirambu é o sétimo maior aglomerado subnormal do Brasil, que se originou no contexto de desenvolvimento desigual do espaço urbano de Fortaleza. Hoje a quinta capital brasileira em números demográficos, com aproximadamente 2.627.4825 pessoas, vivendo nessa urbe que é uma das mais adensadas da nação: são (7.786,52 pessoas por Km²), quase 8 mil pessoas por Km² sendo 314,9 Km² de área total. MONTEIRO, S. P. E. (2018)



Figura 7 – Mocambos da Praia do Arpoador. Fonte - Weimer (2005).

Vale ressaltar que um dos meios facilitadores da fixação desses “flagelados da seca” no bairro foi por conta do emprego assalariado oferecido pelas indústrias têxteis, que se estendiam do bairro Jacarecanga em direção à Barra do Ceará.

Próximo ao Pirambu iniciava-se a instalação do polo Industrial da Avenida Francisco Sá (ou Estrada do Urubu como era conhecida na época), acompanhando a direção da via férrea e a implantação da Oficina do Urubu (apelido dado à oficina mecânica da Rede Viária Cearense...). A cada período de estiagem migravam mais retirantes para a capital, atraídos pelos trabalhos nas fábricas. Desse modo, as favelas em Fortaleza iam se avolumando. MONTEIRO, S. P. E. (2018)

Porém, na década de 1960, inicia-se um novo Distrito Industrial do Ceará, no município de Maracanaú e, corriqueiramente, algumas fábricas foram encerrando suas atividades em Fortaleza. Com isso, os funcionários que habitavam no Grande Pirambu, antes minimamente estabilizados, começaram a ficar sem emprego, aumentando a vulnerabilidade econômica.

Diante de tanta disparidade e abusos sofridos pelos trabalhadores e moradores, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) cria uma sede no bairro para cientificar sobre seus direitos. Além disso, uma figura emblemática se destaca nessa luta, que é o Padre Hélio Campos, que, ao vir morar no local, por conta de um acordo entre a paróquia e o serviço social, começa a se apropriar da comunidade, ficando a par da realidade vivida.

Visto que, além de não possuírem mais uma fonte de renda, estavam morando em barracos construídos sobre as dunas e começaram a receber ameaças de despejo daquelas terras.

Portanto, segundo Cavalcante (2016), em 1962, o padre resolve organizar e liderar a Marcha do Pirambu Sobre a Cidade de Fortaleza, juntamente com a Associação de Mulheres do Pirambu, as associações comunitárias e o PCB, levando a comunidade rumo ao Palácio do Governo para reivindicar seus direitos, ecoando ao som de vinte mil pessoas nas ruas da cidade a canção escrita pelo Padre Gerardo Campos:

“Vem ver, ó Fortaleza
O Pirambu passar
Somos pessoas humanas
Temos direitos que ninguém pode tirar
Somos cristãos que não temem
O Cristo é nosso ideal
Por Ele todos faremos
A reforma social
Pirambu marchar
Pirambu marchar
Por um mundo melhor vamos lutar.”
(Letra de Padre Gerardo Campos)

Como consequência da parabenização dos jornais da época, ao ser tida como uma passeata pacífica e ordeira, houve, imediatamente, insatisfação da elite, causando a intensificação das ações de despejos. A reação das autoridades foi contra o movimento e, várias, autointitularam-se como proprietárias das terras, gerando uma intervenção federal.

Logo, o Grande Pirambu foi desapropriado por decreto-lei 1.058 de 25 de maio de 1962 e a União começa a delegar responsabilidades à Igreja, fazendo com que o bairro fosse “fatiado” como um pedaço de bolo, garantindo abertura de novas vias e a desapropriação das terras, ocorrendo a divisão entre Nossa Senhora das Graças e Cristo Redentor, acontecimento que alterou definitivamente a atuação das lideranças comunitárias.



Figura 8 – Marcha do Pirambu. Fonte - Delfim Vieira, 1962 (para o Jornal do Brasil)

1.2 Do vixe à casinha de taipa

Hercílio Barreto era funcionário público do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), encarregado de supervisionar o conjunto dos trabalhos oferecidos pelo governo nas construções de barragem, em razão das grandes secas que assolavam o nordeste brasileiro. Fazendo com que peregrinasse profissionalmente por vários lugares do sertão levando toda sua família “na bagagem”.

Em virtude disso, e em busca de um futuro melhor para todos os membros da família Barreto, em 1965, a serenidade da Dona Isa e a força de Seu Hercílio, levaram oito crianças do interior de Canindé para a “cidade grande”, atravessando 110km para morar em uma casa fruto de uma herança, que se situava em Tirol (localidade que faz parte do Grande Pirambu), porém era muito diferente de toda realidade vivida até então.

(...) Quando o caminhão da mudança parou, ele viu um lugar sujo, desorganizado, ruas escuras sem calçamento, e em frente à casa simples da família, um muro frio de fábrica. Nos dias de chuva, a água subia quase um metro. Na época, ele nem sabia que era uma das maiores favelas do Brasil, um lugar bonito, próximo à praia, mas contaminado por estigmas e estereótipos. (BARRETO, Adalberto, PIERRE Jean. O índio que vive em mim: o itinerário de um psiquiatra brasileiro. São Paulo: Terceira Margem, 2003)

Diante desse novo panorama e da tomada de consciência que estavam morando no “campo geográfico dos pobres”, começou a desenvolver um sentimento de vergonha nos filhos. No entanto, no decorrer das duas décadas, um deles, Airton Barreto, começou a vivenciar suas crenças no novo bairro, participando dos movimentos sociais e religiosos, procurando descobrir a história do bairro e se aproximar dos líderes, criando, assim, um sentimento de pertencimento e de orgulho pelo Pirambu e por sua população. Isso vai refletir futuramente, não apenas na escolha da sua profissão, mas principalmente na lapidação do seu caráter.

Em 1983, trabalhando na Arquidiocese de Fortaleza, no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, ao se formar em direito, Airton Barreto, junto com dois amigos, resolvem comprar uma casebre de vinte metros quadrados, sem piso, com apenas uma janela na entrada, com ambição de popularizar as leis, combater a miséria da região e vivenciar diariamente a realidade daquela comunidade em suas próprias peles.

Um dos seus trabalhos foi a criação do CEPP (Centro de Educação e Pastoral Popular), em 1985, o qual focava na formação dos para-advogados, levando formações e debates acadêmicos para a comunidade, influenciando vários futuros advogados; além da fundação da Comissão de Direitos Humanos do Pirambu, cujo o compromisso era de servir como um ponto de apoio para a comunidade, encaminhando os casos jurídicos e orientando, principalmente sobre a violência policial.

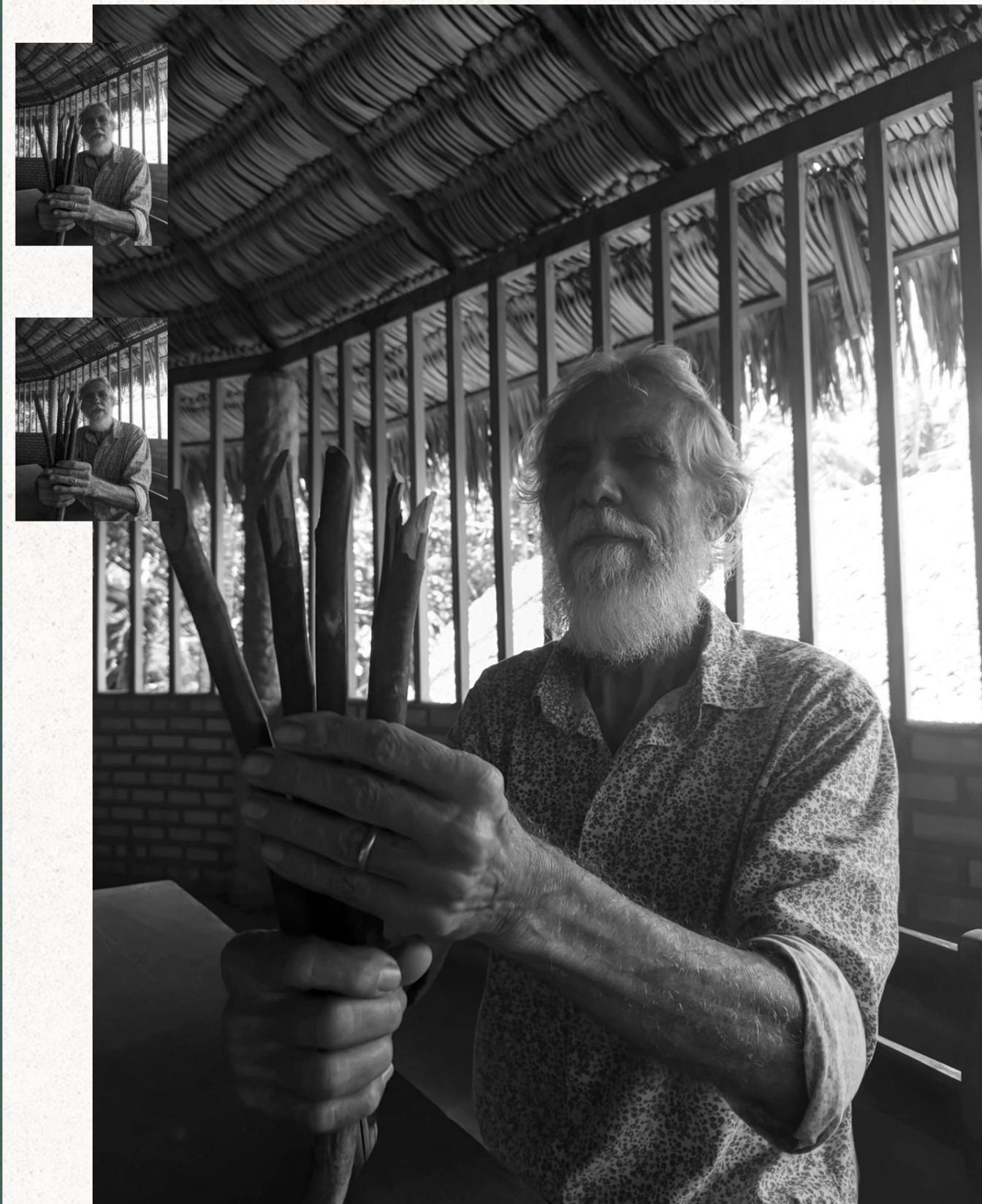


Figura 9 – Airton Barreto, abril/ 2023 . Fonte - Acervo da autora.

“Para cada violência policial, nós tínhamos uma reação. Quando a gente percebeu que a coisa estava se multiplicando, escrevemos na parede assim: ‘Senhor policial, queremos o seu trabalho, não a sua truculência’. Aí botamos uns artigos (da Constituição).” (Revista Entrevista UFC- Airton Barreto, 2012)

Esse tipo de ativismo e postura inflamada diante das desigualdades foi influenciado também pelo Padre Henry Le Boussicaut, um redentorista francês que morou durante um período com Airton Barreto no Pirambu, ele almejava conhecer o país a partir dos pobres na década de 1980 e foi um dos responsáveis pela fundação do Movimento Emaús. Por compartilharem os mesmos ideais, foi-se criando uma verdadeira amizade e parceria entre eles.

16.06.86

Uma grande preocupação: a minha estada em Pirambu. Teresa, não tens o direito de me deixar. Tens de me acompanhar a todo instante, para que faça, custe o que custar, toda a vontade de Deus, Pai de todos, mas sobretudo dos mais desprotegidos. Gostaria de ser nesta favela imensa, uma bomba de confiança, mas sou medroso. Então, Teresa, tens de fazer um verdadeiro milagre, para que, neste lugar, as minhas palavras, gestos, a minha maneira de viver transbordem de confiança para a maior alegria de todos os que sofrem. (H. LE BOURSICAUD. Caminho de Emaús no Brasil)



Figura 10. Hortas familiares nas dunas do Grande Pirambu Fonte – Acervo MISMEC 4 Varas.

Depois dos ensinamentos do padre, o advogado, sentado nas dunas da Barra do Ceará, olhando o mar, o verde daquela região erma, viu-se reflexivo sobre sua vida e seus passos futuros, questionando-se sobre a possibilidade de se mudar para esse lugar e exercer sua profissão sobre essa nova perspectiva.

Decidido sobre esse novo rumo, Airton Barreto compra a casa de taipa, de frente para o mar e muda para a Barra do Ceará. Nesse período, o bairro era repleto de hortas familiares em decorrência das migrações, pois, como era uma área pouco valorizada, os lotes eram mais acessíveis, além da agricultura ser uma prática bastante disseminada e dominada por várias pessoas que vinham do interior.

1.3 Da falência fabril à união das varas

Atrás da primeira duna, no prolongamento da comunidade do Pirambu, localizava-se uma fábrica de curtumes, a Cimpelco, a qual era especializada na exportação e no tratamento de peles de animais silvestres, sendo tida como a maior indústria dessa atividade da América Latina, com a produção de 10 mil peles por dia. Contudo, em 1986, com a desautorização da comercialização de peles de animais, a empresa faliu e, conseqüentemente não conseguiu realizar e assegurar os pagamentos dos funcionários, gerando uma verdadeira rebelião.

(...) Indignados com a situação, os funcionários resolveram saquear os bens restantes e ocupar a área para estabelecer moradia. A comunidade próxima também decidiu ocupar o espaço da fábrica. Diante da atitude dos operários e da comunidade circunvizinha, o poder público se manifestou por meio de violência e derrubada das casas, mas as pessoas resistiram e ali se estabeleceram (GIFFONI, 2008; RIVALTA; ALMEIDA, 2011).



Figura 11 – Fabrica Cimpelco. Fonte: Couto Filho (2000)

A constante luta dos trabalhadores teve o árduo e sensível apoio do “advogado da favela” desde o começo, auxiliando e defendendo juridicamente essas pessoas. Depois de dois violentos meses, houve a desapropriação dos cem mil metros quadrados da área onde funcionava a fábrica da Cimpelco, por meio de uma decisão da prefeita Maria Luiza Fontenele, eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), percebendo que era uma questão de justiça e não de violência policial. **A vitória foi dada ao povo.**

“Em um dia de domingo, tu imagina duzentas pessoas sentadas em volta da fábrica, mortas de feliz, porque não tem mais suor, pancada, nem chute, nem prisão, porque ganhamos essa questão, é tanto que as ruas têm assim: “rua grito de alerta”. (Entrevista Airton Barreto, abril/2023 - apêndice)



Logo em seguida, os trabalhadores se organizaram em assembleias para decidir quais seriam as próximas etapas e buscar por melhorias para a área, construindo uma nova comunidade de moradores dentro do bairro. O Padre Henry atuou ativamente no confronto policial e nas vigílias da ocupação, servindo como uma figura de respeito e autoridade; batizou a comunidade, depois da aprovação de todos os membros, com uma história que faz parte do patrimônio cultural do nordeste, o conto das 4 Varas.

“Ele estava em Crateús, trabalhando com os camponeses e um dia, ao passar na calçada, um senhor perguntou: “você conhece a história de 4 varas?”, eu disse não e ele me contou. Um velho estava no leito da morte e antes de morrer, chamou seus quatro filhos, pediu que cada um trouxesse uma vara, eles trouxeram e pediu que cada um quebrasse. Eles quebraram facilmente, o pai pediu para voltar novamente e trazer outra vara, todos trouxeram, mas desta vez, o velhinho juntou as quatro varas e entregou ao mais velho, pedindo para tentar quebrar as quatro juntas, como nenhum deles conseguiu, o velhinho disse: “a herança que deixo para vocês é a união das varas, se vocês ficarem unidos, como essas varas, ninguém separará vocês.” (Entrevista Airton Barreto, abril/2023 - apêndice)

Depois da nomeação e da mobilização, já em sua casa de taipa, Airton Barreto inaugura o Centro de Direitos Humanos da Comunidade Quatro Varas, continuando o seu trabalho jurídico, mas dentro do aparato institucional da comunidade. No entanto, com o passar dos anos, o advogado percebeu que as demandas daquela população extrapolaram a alçada do direito e, cada vez mais, problemas emocionais e psicológicos estavam vindo à tona, sendo incapaz de ajudar da maneira mais adequada. Ainda, essas dificuldades não eram associadas com questões do próprio contexto sociopolítico vivenciado pela comunidade; e sim eram analisadas de modo particular, focando apenas em medicamentos, na tentativa de amenizar ou solucionar as necessidades apontadas.

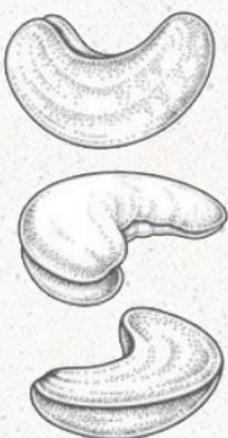
Diante desse preocupante panorama, Airton Barreto decide procurar ajuda do irmão psiquiatra e professor Adalberto Barreto, o qual começa a direcionar as pessoas para o atendimento no hospital universitário da UFC (Universidade Federal do Ceará). Contudo, por a demanda exceder a capacidade, começa a ser feito o caminho inverso, ao invés da comunidade ir para academia, é a academia que vai até a comunidade. Assim, em uma grande roda, debaixo de um cajueiro, tentando solucionar o problema levantado pela própria população e criando uma grande partilha de vivências, nasce o embrião da **Terapia Comunitária Integrativa (TCI)**.

“(…) Doutor Adalberto Barreto chega e se depara com um impasse: como atender um número tão grande de pessoas e em tão pouco tempo? E, de forma improvisada, decide que ao invés de oferecer consultas ele iria ‘se consultar’ e diz: “Eu vim aqui para resolver o meu problema”. As pessoas ficam sem entender aquela proposta, pois como um doutor iria buscar resolver seus problemas numa favela? E o Doutor esclarece: “Eu vim aqui para resolver a minha ‘alienação universitária’, pois tudo o que aprendi na faculdade não me preparou para atender 70 pessoas numa manhã”. (Camarotti e Oliveira (2009, p. 219)

02

Os fragmentos do Movimento

Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária (MISMEC) 4 Varas



CERNE



CORPO

CONCRETO

O segundo capítulo foi estruturado pensando na explicação do MISMEC 4 varas, formando uma sequência lógica e descritiva, por meio de uma tríade: o cerne, o corpo e o concreto.

O Cerne corresponde ao primeiro tópico, estando diretamente ligado com o âmago do projeto, o qual busca relatar desde as vivências e as inspirações do Adalberto Barreto, um dos principais líderes do movimento, discorrendo a respeito da sua formação acadêmica e da importante visita ao povo Tremembé de Almofala, com toda sua repercussão na identidade e na essência do projeto; até o processo de formação e estruturação do MISMEC, por meio de uma linha cronológica.

O Corpo faz alusão a tudo que mantém o movimento “pulando” diariamente, que são suas atividades, juntamente com os funcionários, suas referências culturais e sua inserção geográfica, servindo como um “pulmão comunitário”, possibilitando um “novo respiro” à população e aos usuários. Portanto, nesse segundo tópico, será detalhado as atividades desenvolvidas em conjunto com seus benefícios, informando, com mais ênfase, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e a Farmácia Viva Comunitária Professor Abreu de Matos.

O Concreto remete à espacialização do projeto, sendo o reflexo do cerne e do corpo em um espaço, buscando documentar a arquitetura do projeto, a qual nunca foi inventariada academicamente antes, apresentando-se como uma forma de salvaguardar essas construções, valorizando os conhecimentos ancestrais dos três principais mestres tradicionais que trabalharam ativamente na obra do MISMEC: seu Antônio, seu Aurélio e seu José Maria.



Colagem digital
Fonte: Acervo
Mismec 4 Varas e
editado pela autora.

2.1 O cerne

“Uma manhã, na hora do café, dois ou três dias após o meu retorno, minha mãe conta o sonho que ela teve: “Eu lhe via em meus sonhos falando para uma Assembleia com muitas pessoas presentes que lhe ouviam com atenção. Eu estava diante de você, que me via, mas não me reconhecia. Eu me perguntava completamente desamparada: o que é que tinha acontecido para que você não reconhecesse mais a sua mãe?” (BARRETO,2003)

Diante desse acontecimento, na década de 1980, o psiquiatra, professor e filósofo Adalberto Barreto, começa a se questionar sobre sua vida, rememorando seu passado e se preocupando com seu futuro: “- Qual seria meu próximo passo?” e “- Quem eu quero me tornar?”. Resolve aproximar-se novamente da sua cidade natal, Canindé, a qual conseguiu oferecer uma infância mágico-religiosa, fortalecendo sua identidade cultural, visto que o convívio com os eventos religiosos, como as romarias, gerou contato com alguns personagens que dedicavam sua vida para cuidar e curar as doenças e os sofrimentos da população, como os curandeiros, as rezadeiras, os umbandistas e os médiuns espíritas. Com isso, enriquece também seu lado profissional, trabalhando nos hospitais do sertão nordestino e vivenciando aquela realidade, com ações promotoras da cura, da vida e da saúde.

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI), o grande destaque do projeto 4 Varas, inicia-se justamente com essa mudança de mentalidade de Adalberto, ao propor uma postura ativa de diálogo entre os dois mundos de conhecimento, o acadêmico e o tradicional, considerando não serem contraditórios ou excludentes, mas serem complementares. Por gerar um campo de saber mais amplo e diverso, o projeto Quatro Varas vai ser o lugar ideal para organizar e propor a retomada da memória de resistência e tradições de comunidades camponesas e autóctones do estado do Ceará.

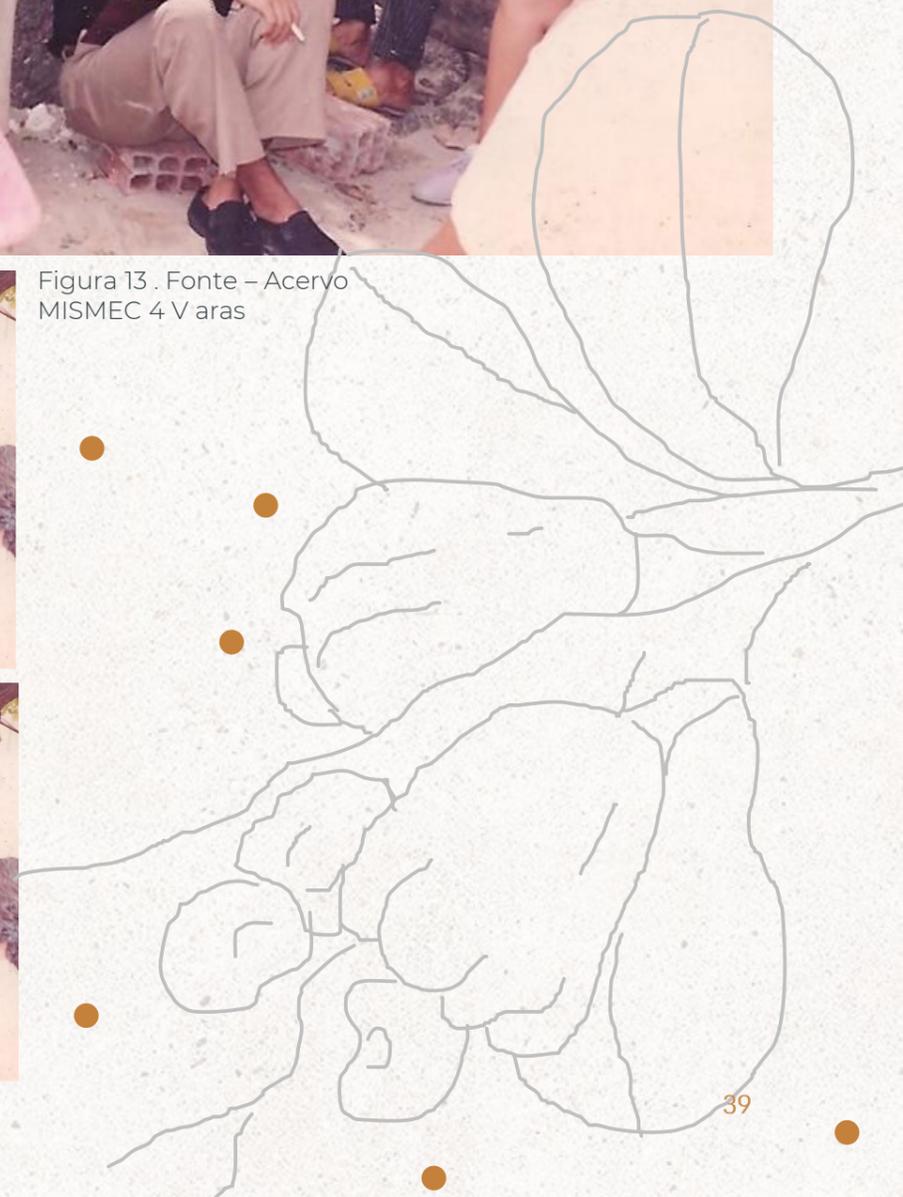
Com o passar do tempo e a ampliação do seu alcance, o projeto vai se institucionalizando, assim, o que era apenas um espaço de encontro que propiciava rodas de conversas embaixo de um cajueiro, em 1988 vira Projeto de Extensão Quatro Varas, tornando-se um projeto da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), almejando a aproximação da universidade naquele sítio urbano; além de continuar desenvolvendo conjuntamente a TCI.

Sete anos depois, o projeto de extensão se transforma em uma organização não governamental (ONG), o Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária (MISMEC), passando a ser coordenado por lideranças da comunidade, buscando responder às necessidades dos moradores vulneráveis, por meio de suporte em saúde terapêutica e mental.

Procurando o aprimoramento da TCI, entre 2005 e 2008, foram feitas algumas colaborações, com a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), com a UFC e com o Sistema Único de Saúde (SUS), tornando a TCI uma política pública do SUS. Com a expansão do projeto para outros países, como Europa, em 2017, ocorreu a aprovação da TCI como uma prática reconhecida na política de práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) no SUS.



Figura 13 . Fonte – Acervo MISMEC 4 Varas





Espaço de encontro comunitário Quatro Varas

Fonte: Artigo – 4 Varas LIS PICS 2022

1988 Projeto de Extensão Quatro Varas

1985 ONG MISMEC Quatro Varas

2005/2008 Política Pública do SUS

2017 Práticas interativas e Complementares e estratégia da Saúde Mental na Atenção Básica do Ministério da Saúde

Vale salientar, que um marco para o movimento foi a imagem da “teia de aranha” adotada como a simbologia do projeto, formando sua concepção visual e identitária. Esse acontecimento se iniciou em decorrência de uma viagem, a qual os líderes do projeto, juntamente com os moradores do Quatro Varas e alguns estudantes, fizeram ao povo Tremembés de Almofala, por conta de um relato de um índio Tremembé, em uma das primeiras rodas de conversa, sobre os graves problemas de rivalidades e de conflitos em suas terras organizados pelos ricos proprietários fundiários e pelos industriais exportadores de castanha de caju, fruta que retrata uma das riquezas desse povo.

Nessa viagem, eles tiveram o rico contato com o Torém, o qual segundo Florival Sraime (1955).

O Torém é dança de terreiro, que exige espaço para a movimentação dos seus participantes. Uma roda é formada pelos dançadores, cerca de vinte pessoas, em geral mestiços xantodermos, homens e mulheres, sem distinção de idade, excluídas naturalmente as crianças, os quais se dão as mãos, enquanto José Miguel, no interior do círculo, agita o aguaim (espécie de maracá), e põe-se a executar os movimentos da dança, e a entoar um canto, de que a melodia e o texto parecem ser de origem ameríndia.

Um dos momentos importantes desse ritual sagrado considerado um símbolo de resistência dos povos Tremembé é quando eles dançam a dança da aranha, nesse instante cada um estende a mão para o outro e cada geração é convidada a fazer sua própria teia, seguindo com isto o exemplo dos ancestrais, onde os mais velhos ficam próximos do centro e os mais novos mais afastados.

Com isso, a aranha fez a fundamental tarefa de estender os “fios” entre a favela e os índios, representando, figurativamente, a solidariedade comunitária. Desde então, as trocas permaneceram, o projeto ofereceu apoio aos índios Tremembé, elaborando artigos e entrevistas, para obter o reconhecimento dos direitos de propriedade dos membros do povo Tremembés, além de comprar palha de carnaúba para a realização de artesanatos; e dezenas de jovens toxicomaníacos, foram acolhidos pelo povo para um período de desintoxicação.

Nós nos empenhamos para reunir estas duas comunidades marginalizadas: uma expressa a tradição (Tremembé), a outra a modernidade (a favela). Elas têm em comum as grandes dificuldades, mas cada uma parece possuir aquilo que falta à outra: de um lado, a tradição, uma identidade cultural, de outro lado, a solidariedade e a experiência de luta. (BARRETO, Adalberto, PIERRE Jean. O índio que vive em mim: o itinerário de um psiquiatra brasileiro. São Paulo: Terceira Margem,2003)

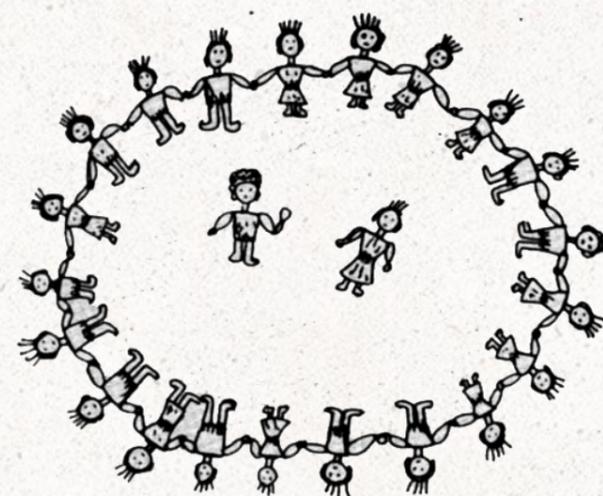


Figura 14 – Toré. Fonte: Acervo Carlos Guilherme do Valle, 1990.



Figura 15– Logo atual do MISMEC. Fonte – Acervo MISMEC 4 Varas

2.2 O corpo

O MISMEC 4 Varas trabalha para diminuir a marginalização das instituições de cultura tradicional, guardiãs da identidade cultural e portadoras dos saberes tradicionais, além de evitar a exclusão de pessoas em situações de desestruturação sociocultural. Com isso, busca meios de reinserção social, criação de ambientes de reconstituição pessoal, reativação das potencialidades da comunidade, e estimula ações terapêuticas e culturais, levando em consideração suas especificidades em todo processo terapêutico.

Propomos uma mudança de paradigma que articula modelos clínicos com modelos solidários em uma perspectiva complementar e não competitiva. Além do conhecimento acadêmico, se faz necessário incluir a "mutualização" da sabedoria de cada cultura, bem como o conhecimento adquirido por meio das experiências de vida. (Artigo - 4 Varas - LIS PICS 2022)

Ao refletir tanto essas diretrizes e buscando o amplo alcance de público, foram elaborado diversos tipos de atividades de cuidado com oferta diária, podendo ser desenvolvidas tanto individualmente - massagem de bem-estar, ventosaterapia, reiki, argiloterapia, auriculoterapia, rezadeira, banho de ervas e atendimento psicológico e psiquiátrico - como grupalmente - resgate da autoestima, cuidando do cuidador, O Que Minhas Dores Querem Me Dizer?, renascimento, Técnica para Redução do Estresse Comunitário (TRE), esalda pés com cafuné, yoga, dança circular, expressão artística, hipnose clínica e Farmácia Viva Comunitária – Prof. Abreu Matos - descritas na tabela a seguir:



Figura 16 – Dança Circular. Fonte – Acervo da autora.

Tabela 06 - Atividades de cuidados individuais.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Massagem de Bem-Estar	Com a massagem, a música, as ervas e muito amor, nossos cuidadores despertam a energia vital que se encontra dentro de cada um de nós. A atividade é realizada de segunda a sexta, das 8h às 16h (DONATELLI, 2017).
Ventosaterapia	Indicada para relaxar e acalmar o corpo e a mente. Elimina as contraturas e as dores musculares, aumenta a circulação sanguínea local, fortalecendo os vasos (CAMPOS, 2014)
Reiki	É uma técnica que usa as mãos para transferência de energia, promovendo o equilíbrio energético, necessário para manter o bem-estar físico e mental (FRAZIER, 2020)
Argiloterapia	Dispomos de atendimento em argiloterapia corporal com ação calmante e anti-inflamatória, ajudando a melhorar a circulação sanguínea e aliviando a tensão muscular (PERETTO, 2012)
Auriculoterapia	Essa terapia micro sistêmica, consiste na estimulação mecânica de pontos específicos do pavilhão auricular para aliviar dores e/ou tratar problemas físicos e psíquicos (ENOMOTO, 2017).
Rezadeira	Os curandeiros, recursos culturais locais, no início estavam marginalizados e estigmatizados. Tratados, revalorizados, tendo suas competências conhecidas eles puderam retomar um papel a serviço da comunidade. Nossa primeira rezadeira, D. Zilma Saturnino, de descendência indígena, passou de paciente psiquiátrica a cuidadora. Hoje ela dispõe de um espaço para atendimento semanal (DINIZ, 2018).
Banho de ervas	Além de relaxar, desintoxicar, melhora a circulação sanguínea e desperta as energias adormecidas em cada pessoa.
Atendimento Psicológico e Psiquiátrico	Reservamos atendimentos individuais para 10% dos casos que necessitam uma complementariedade das práticas terapêuticas grupais.

Fonte: Artigo - 4 Varas - LIS PICS 2022

Tabela 06 - Atividades de cuidados coletivos

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Resgate da Autoestima	Este resgate promove o auto conhecimento por meio de dinâmicas corporais trabalhando as tensões físicas e mentais, o estresse, as raivas, o perdão, o resgate da criança interior, as preocupações da mente e o centramento corpo e mente. Foi elaborado um manual intitulado Cuidando do Cuidador: Técnicas para o resgate da autoestima (BARRETO, 2017)
Cuidando do Cuidador	Atividade semanal para os profissionais colaboradores e voluntários que trabalham no MISMEC 4 Varas, eles são confrontados diariamente com o acolhimento de pessoas em sofrimento psíquico, eles estão nas trincheiras do sofrimento humano. Esta atividade permite a estes profissionais que sejam trabalhadas as ressonâncias inerentes a arte de cuidar. Utilizamos dinâmicas psicoenergéticas de autoconhecimento e redução do estresse utilizadas no manual para este fim (BARRETO, 2017). A partir das memórias corporais que surgem durante as dinâmicas, são feitas as decodificações das mensagens inconscientes veiculadas pelos nossos sintomas. Muitas pessoas têm dificuldades de verbalizar o seu sofrimento psíquico e limitam-se a falar de dores corporais. Os curandeiros que participam como cuidadores têm grande habilidade para tratar estes sintomas corporais. Para estas pessoas com dificuldade de verbalizar seu sofrimento, aplicamos dinâmicas corporais inspiradas e adaptadas do OSHO (2019) que despertam memórias e permitem decodificar as mensagens inconscientes veiculadas pelos sintomas. O que vivemos interiormente se exterioriza em nosso corpo físico, como sobre uma tela de projeção. Para fazer um vínculo entre essas dores da alma e as dores físicas do corpo é necessário conceber o ser humano em sua globalidade física, psíquica, cultural, espiritual e relacional. Neste sentido as dores corporais podem ser entendidas como grito de alerta. É o corpo fazendo apelo para que nossos comportamentos, atitudes e valores, sejam vistos e revistos. E com isso, possamos ter uma vida mais autônoma e geradora de saúde. Já foram produzidos dois livros sobre esse tema (BARRETO, 2014, 2020).
O Que Minhas Dores Querem Me Dizer?	
Dança Circular	A prática busca interligar os universos interno e externo do indivíduo, por meio da sua simbologia, favorecendo a saúde física e mental. É uma arte livre conectada a um processo terapêutico que foca no processo criativo. Utiliza instrumentos como pintura, colagem, poesia, teatro, dança, expressão corporal e música como uma forma de comunicação entre profissional e participantes, em processo terapêutico de grupo, numa produção artística a favor da saúde (OSTERTO, 2014)
	Utilizamos a respiração energética conectada em um ritmo suave e relaxado, esta respiração conectada, liberta a mente e o corpo da dor e da tensão. Respirar é a fonte básica de saúde para o corpo, a respiração é nossa fonte primaria de alimentação e de eliminação. Esta atividade é realizada com grupo de pessoas que passam por um processo suave e profundo de desenvolvimento pessoal. Amplia a segurança das pessoas, aumenta a autoestima, e resgata a potencia de realização e concretização em sua vida. Nesta abordagem permite criar harmonia entre o que fomos, o que somos e para onde iremos. Permite acolher a criança ferida, permitindo que ela resgate sua força, seu pulso e sua vitalidade. Descobrir nossas feridas antigas, para que a luz da consciência do amor possa curá-la. Esta metodologia é inspirada no criador do renascimento, Leonardo Orr (1983), que realizou um treinamento com a nossa equipe de terapeutas.
	São exercícios práticos, inspirado no Terapia de Redução de Estresse - TRE do Prof. David Bercei (2007), que estimulam por meio do mecanismo natural do organismo, tremores para restabelecer o estado de relaxamento profundo, na superação do estresse pós-traumático, objetivando reduzir a ansiedade, transtornos do pânico, depressão e somatizações.
	Aceitar este cuidado simples, acolhe e conforta aqueles que estão sempre cuidando dos outros. As pessoas se acomodam confortavelmente, com os olhos vendados e colocam seus pés em uma vasilha com água morna e ervas aromáticas, enquanto escutam uma reflexão sobre a simbólica dos pés de em média 20min. Esta atividade é a porta de entrada para acolher as pessoas que vão participar de outros atendimentos.
	A Yoga ajuda na conquista e manutenção de uma boa saúde física, mental e força de vontade. Melhora a autoestima e proporciona o alívio do estresse, o autoconhecimento e a paz interior espiritual (SIVANANDA, 2017).
	Por meio da arte, buscamos nesse momento representar por meio de várias formas, em especial na música, escultura, pintura, colagem, entre outras, expressar suas emoções, sentimentos e reduzir o estresse.
	Atividade que sugere uma mudança nas sensações, percepções, pensamentos ou comportamentos, fazendo com que a pessoa enfrente seus problemas ou sofrimento, buscando superá-los (APA, 1993).
	É um laboratório rústico para produção de medicamentos para uso comunitário por meio do cultivo de ervas medicinais rigorosamente selecionadas pelo horto de plantas da UFCCE. São produzidos xaropes, tinturas e cápsulas.

Renascimento:
Diálogo da
criança de
ontem com o
adulto de hoje

Técnica para
Redução do
Estresse
Comunitário

Escalda Pés com
Cafuné

Yoga

Expressão
Artística

Hipnose Clínica
Coletiva

Farmácia Viva
Comunitária –
Prof. Abreu
Matos

Fonte - Artigo - 4 Varas - LIS PICS 2022

2.2 O concreto

O espaço do projeto precisa de uma idiosincrasia intensa que reflita o seu cerne: as questões culturais que perpassam sua criação e sua história, utilizando a natureza sincrética das raízes do povo da região. Por conseguinte, é necessária a criação de espaços de cura, utilizando a dinâmica do lugar para acolher seus usuários, gerando uma sensação de bem-estar, com áreas de diálogo, convivência e intercâmbio cultural, a fim de tornar o espaço “sensível” arquitetonicamente.

Em relação à morfologia do espaço, o projeto espacializa suas atividades durante todo o terreno para que as pessoas desloquem-se no curso dos tratamentos, criando um maior percurso interno e, portanto, um uso maior e mais contemplativo do ambiente. As atividades, são espacialmente fragmentadas, evitando a concentração do uso do espaço e expandindo as possibilidades de uso no lote, criando áreas livres de cura fora das ocas onde acontecem os tratamentos.

Sobre a tipologia, as construções são, em suma, ocas de palha de carnaúba e eucalipto com troncos de madeira, o que requer uma certa manutenção periódica, com estruturas físicas de sustentação nas extremidades do espaço, criando um átrio central com vão livre, o que é extremamente importante para a variedade de atividades que acontecem nessas ocas.

A construção dessas ocas se deu por artesãos tradicionais, sendo construídas rapidamente, erguidas em questão de meses ou até dias, o que reflete o extremo domínio dos mestres das tradições frente a essas técnicas de construção tradicionais, que requerem uma mão-de-obra extremamente qualificada nesses saberes, passados entre gerações por essa população tradicional. Porém, essas estruturas são pouco documentadas, estudadas e salvaguardadas, dificultando sua proteção.

Outro ponto marcante é o processo construtivo, pois vai além dos artesãos que são responsáveis por pensar o projeto, da captação de dinheiro para a efetivação da obra ou da qualificação de mão-de-obra, uma vez que seu ponto principal é a participação direta da comunidade na construção das ocas, na nomeação e na concepção, reforçando o aspecto colaborativo e pedagógico que permeia toda a estrutura do projeto.

No que se refere ao paisagismo, o terreno é bastante arborizado, formado por uma vegetação de portes variados, o que favorece a criação de um microclima mais fresco e úmido que o clima fortalezense. A escolha das espécies vai além das questões estéticas, uma vez que as plantas são cultivadas por conta de suas propriedades curativas, que são utilizadas nas atividades do projeto e da Farmácia Viva, tanto para o viés medicinal quanto para manifestações espirituais e artísticas.



Figura 17 Construção da Farmácia Viva- Fonte – Acervo MISMEC 4 Varas.



Figura 18 – Construção. da Casa de Cura Fonte - Acervo MISMEC 4 Varas.

Vale ressaltar que, a situação geográfica do MISMEC é extremamente estratégica e privilegiada na cidade de Fortaleza, pois funciona como uma passarela, comunicando-se tanto com a comunidade quanto com a orla, além de ter fácil acesso em diversos modais de transporte. Contudo, em 2006 o terreno do MISMEC, junto com a morfologia do entorno sofreu um impacto direto em decorrência do Projeto Vila do Mar, que teve como objetivo principal urbanizar a orla marítima da Costa Oeste, preservar a beleza natural do local e resgatar o patrimônio histórico.

As famílias beneficiárias serão contempladas através do Projeto Vila do Mar que visa melhorar as condições de vida e habitabilidade da população de baixa renda residente na área de preservação ambiental, na faixa de praia do Grande Pirambu, localizado na zona oeste do litoral da cidade de Fortaleza. O projeto compreende intervenção do tipo reassentamento de modo a promover a recuperação ambiental deste espaço. Nessa perspectiva, o Projeto Vila do Mar busca a implantação de novas práticas de ocupação dessa área litorânea da cidade, visando também à inclusão e o desenvolvimento da população residente que permanecerá na área do entorno. Com isso, a realização de ações que visem à mobilização e organização comunitária, a educação sanitária e ambiental, e a geração de trabalho e renda têm como embasamento principal proporcionar a melhoria da qualidade de vida dos beneficiários do Projeto, e tornar ínfimas as manifestações da questão social que afetam tais beneficiários. (TERMO DE REFERÊNCIA - HABITAFOR).

Com a execução desse projeto, uma parte do terreno foi tomada pelo governo e indenizada, fazendo com que o MISMEC perdesse uma parte significativa do lote e, conseqüentemente, as três construções mais antigas, a Casa da Cura, a Casa de Acolhimento e casa de palha do Airton, a qual prestava atendimentos jurídicos. Em contrapartida, o valor recebido pelo terreno indenizado foi usado quase que imediatamente para construir novas ocas. Assim, trazendo um aspecto dúbio quanto aos resultados do Vila do Mar e seus efeitos para o projeto.

Hoje, o movimento é composto por cinco ocas, seis construções tradicionais e um horto. Essas construções estão descritas detalhadamente no Catálogo das Construções e do Paisagismo MISMEC 4 Varas.



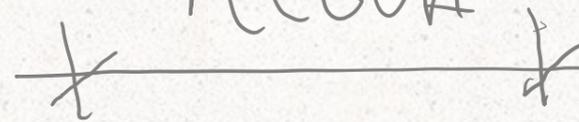
Figura 19, 20, 21 e 21 – Construções iniciais do MISMEC 4 Varas Fonte - Acervo MISMEC 4 Varas.



CATÁLOGO

**CATÁLOGO DAS
CONSTRUÇÕES E DO
PAISAGISMO MISMEC
4 VARAS**

NOVA
RÉGUA



Concepção espacial e histórico: Tonhão, José Maria, Aurélio e funcionários.

Catologação do paisagismo: Seu Valdecir, Toim e funcionários da Farmácia viva.

Equipe do levantamento físico e digital: Ariane Lima, Beatriz Monteiro, Beatriz Rolim, Caio Rodrigues, Dimitri Pereira, Guilherme Ribeiro, Izabel Souza, Joana Gabriela, Jonas Rocha, Laís Brasil, Marina Costa, Nainne Matias, Pedro Gadelha, Rafael Bessa, Raony Bernardo, Raquel Leite, Teresa Colares e Virna Weber.



ID	Nome
AD	Administração
CJ	Casa José Maria
FV	Farmácia Viva
OR	Oca recepção
OE	Oca escola
OT	Oca terapia
OS	Oca saúde
CF	Café
EP	Escalda pés

Figura 22 – Planta baixa construções atuais do MISMEC 4 Varas.
 Fonte – Elaborado pela autora.



Tabela 07 – Catálogo paisagístico

ID	Nome Científico	Nome Popular
01	Anacardium occidentale	Cajueiro
02	Arecaceae	Palmeira
03	Licania rigida	Oiticica
04	Terminalia catappa Linn	Castanhola
05	Delonix regia	Flamboyant
06	Moringa oleifera	Moringa
07	Ficus benjamina	Figueira
08	Syzygium cumini	Jamelão
09	Morinda citrifolia	Noni
10	Acacia parviceps	Chuva de ouro

Fonte – Elaboração pela autora.

Figura 23 – Planta baixa paisagismo MISMEC 4 Varas. Fonte – Elaboração pela autora.



“ Não roubem as plantas também, que eu sofro muito quando as pessoas passam e levam as plantas. Me dói muito. ”

Fonte: Entrevista com Valdecir Bernardo, abril/2023 – apêndice.

Oca saúde

Cada oca traz sua simbologia, a Oca da Saúde é em formato oval, simbolizando um útero, remetendo a ideia de que os terapeutas são parteiros de lembrança uns dos outros. Nesse espaço também possui um jardim central contemplativo, em que as folhas, nele plantado, servem para os atendimentos e para a formação do microclima. A extremidade desse jardim é percorrida por um cortineiro de conchas produzidas na arteterapia, fazendo alusão à metáfora popular: “uma ostra que não foi ferida não produz pérolas”.

O mosaico de conchas no piso do corredor interno foi construído também na arteterapia com búzios e, na medida em que as pessoas os fixavam no chão, seu sofrimento era dissipado de modo simbólico. Por fim, o telhado de palha de carnaúba remete à efemeridade das situações, sendo trocada em média a cada três anos.

Uma observação interessante é que essa estrutura não foi construída com fundação, os vinte pilares de carnaúba foram colocados tendo contado direto com o solo, o que acarretou na sua rápida deterioração em decorrência da umidade e do cupim. Ao perceberem os troncos ocios e com pouco suporte, os funcionários do projeto, além de trocá-los por troncos de eucaliptos, construíram uma base circular de cimento, para evitar contato direto com o solo e aumentar a estruturação.

A Oca Saúde possui dez cabines, que são formadas por meia parede de alvenaria e bambu, além de um painel de madeira e um painel de tiras de cipó, os quais trazem transparência ao ambiente. Nessas cabines são ofertados cuidados individuais como reiki, atendimento psicológico, banho de ervas, massagem, ventosaterapia e argiloterapia. Vale destacar que em uma dessas cabines eram oferecidas rezas, guiadas pela curandeira Dona Zilma, uma pessoa importantíssima para a comunidade que faleceu em dezembro de 2022 e desde então a sala da rezadeira se encontra fechada por tempo indeterminado.



Figura 24– Vista interna Oca Saúde
Fonte: Wesley Pacifico



Figura 25- Vista panorâmica externa Oca Saúde
Figura 26- Vista externa Oca Saúde
Figura 27- Vista interna da cabine de atendimento Oca Saúde
Fonte: Wesley Pacífico



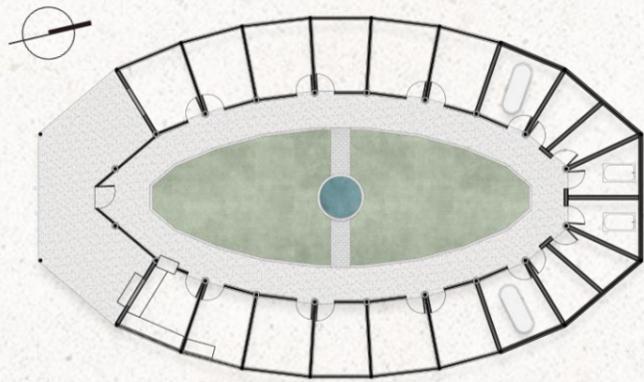


Figura 28 – Planta baixa.
Fonte – Elaborado pela autora

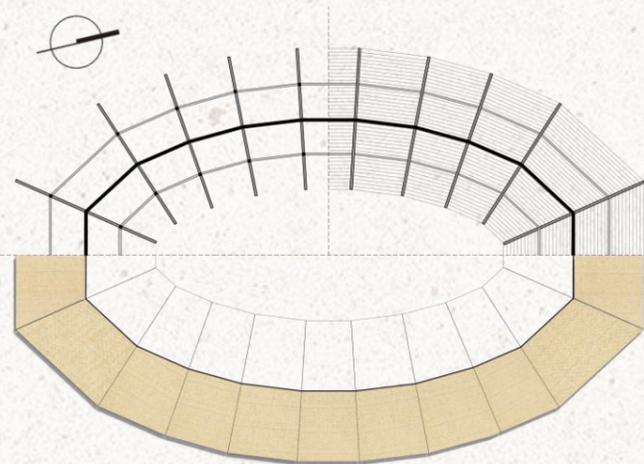


Figura 29 – Planta de cobertura da Oca da Saúde.
Fonte – Elaborado pela autora



Tabela 08 – Ambientes da Oca da Saúde

Nome do ambiente

- Sala Dona Zilma (Rezadeira)
- Sala 11 (Ana Beatriz – Psicóloga)
- Sala isolada
- Sala 09 (massoterapia voluntários)
- Sala Tereza (massagem - ventosa)
- Sala 10 Joelson Silva (massoterapeuta/ cuidador)
- Reiki (cuidados holísticos)
- Almoxarifado 01
- WC 01
- Banho de ervas 01
- Banho de ervas 02
- Almoxarifado 02
- WC 02
- Sala Reiki
- Sala 04 Leide (cuidador/ ventosa terapia)
- Sala Voluntário
- Sala 02 Elenita Lopes (cuidador/ ventosa terapia)
- Sala extra
- Copa
- Recepção
- Pátio interno

Fonte – Elaborado pela autora



Figura 30 – Corte. Oca da Saúde Fonte – Elaborado pela autora.



01. Desenho o contorno da oca com giz ou pedaço de madeira na terra

04. Aparafusamento do caibro na cumieira e na viga



02 Construção dos 40 pilares de carnaúba sem fundação

03. Entalhe e aparafusamento dos pilares com a viga.

Figura 31 – Construção Oca da Saúde Fonte: Acervo MISMEC 4 Varas



05. Aparafusamento das ripas no caibro

07. Encaixe das palhas da carnaúba nas ripas.

06. Construção da meia parede de alvenaria

Figura 32 – Construção Oca da Saúde Fonte: Acervo MISMEC 4 Varas

Figura 33 – Pátio interno Oca da Saúde
Fonte: Wesley Pacífico



Tabela 09 – Descrição construtiva Oca da Saúde

FICHA TÉCNICA

Duração da construção: dois a três meses
Trabalhadores envolvidos: Aurelio Barreto, Antônio da Silva e a comunidade
Área construída: 302,56m²

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Pilar externo

materialidade: tronco de eucalipto
dimensionamento: diâmetro 14/16cm, altura 3,35m
quantidade: 20 pilares

Pilar interno

materialidade: tronco de carnaúba
dimensionamento: diâmetro 14/16cm, altura 3,35m
quantidade: 20 pilares

Base pilar

materialidade: cimento com brita
dimensionamento: diâmetro 30cm, altura 30cm
quantidade: 20 bases

Viga

materialidade: madeira Massaranduba
dimensionamento: 10cmx5cm
quantidade: 60 vigas

Paredes

Meia parede de alvenaria (altura 1,10 m) e de bambu (altura 0,90m)

Piso

materialidade: mosaico de conchas

Esquadria

materialidade: madeira Massaranduba
dimensionamento: painéis variados

COBERTA

Tipologia

Telhado de duas águas com palhoça de carnaúba

Caibro

materialidade: madeira massaranduba
dimensionamento: 10cmx5cm
quantidade: 40 caibros

Ripa

materialidade: madeira massaranduba
dimensionamento: 2cmx2 cm
quantidade: 40 ripas

01 - Mesa construída pelos artesões para argiloterapia

02 - Detalhe da parede das banheiras

03- Detalhe da base de concreto do pilar

04 – Telhado de madeira massaranduba e palha de carnaúba

05 – Arte na parede externa da sala Dona Zilma

06 – Parede de entrelaçado de cipó

07 - Mural de madeira e de bambu na entrada

08 - Piso de búzios

Fonte: Acervo da autora.





Figura 34- Vista interna banho de ervas – Oca da Saúde
Fonte: Wesley Pacífico

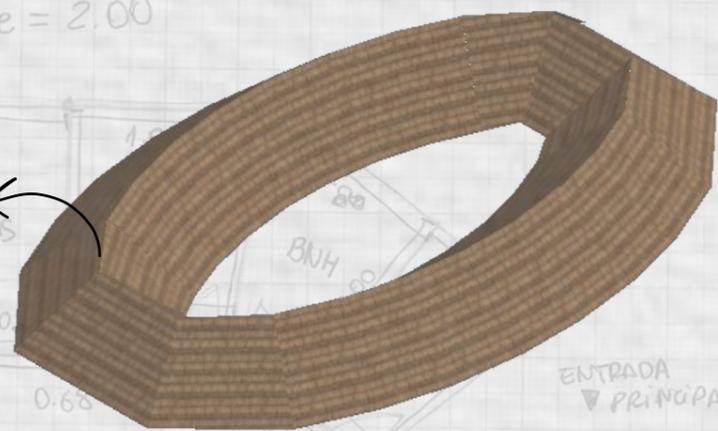


Figura 35- Vista interna Sala Rezadeira – Oca da Saúde
Fonte: Wesley Pacífico

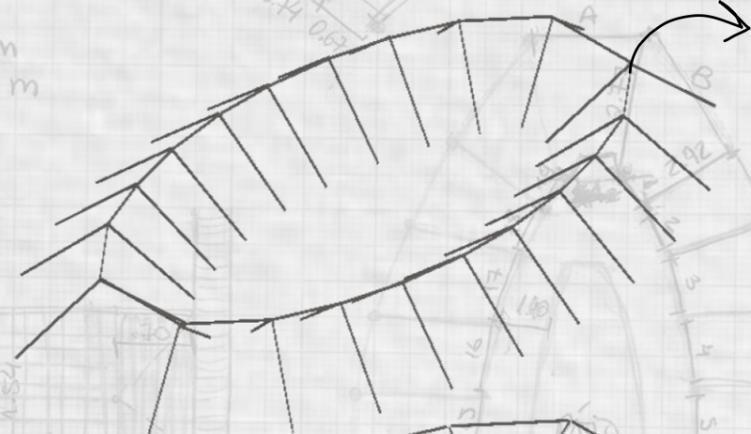
Ocalgada = 0,92

h da parede = 2,00

Telhado de palha de carnaúba

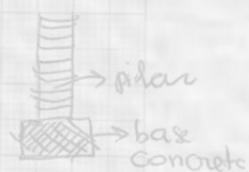


rebão até porta = 0,35 m
h porta = 1,05 m



Caibros e cumeeira de Massaranduba

Pilar de madeira
Ø = 15 cm
h = 3,35 m
h base = 0,275



entre pilares
d = 0,275

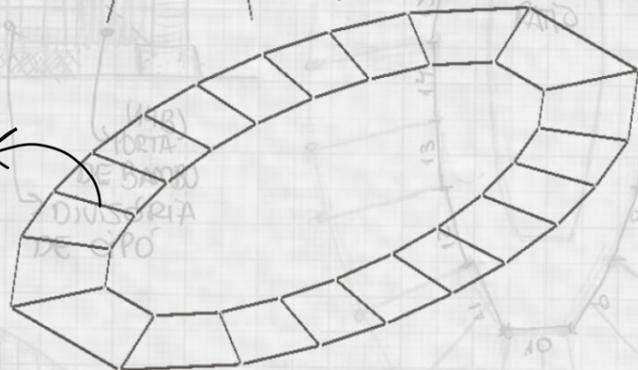
1	2,15	6,2	1,7
2	2,15	7,2	0,3
3	2,00	8,1	9,8
4	2,20	9,1	9,8
5	1,95	10,2	0,9

11	2,12	16,2	1,9
12	2,89	17,2	0,0
13	2,23	18,2	1,4
14	2,11	19,2	0,1
15	2,00		

A	= 3,81	F	= 2,7
B	= 3,65	G	= 2,58
C	= 2,80	H	= 2,65
D	= 2,71	I	= 2,69
E	= 2,69	J	= 3,86
		K	= 3,85

Vigas de Massaranduba

BASE DE CONCRETO
Ø = 28



Pilares de eucalipto

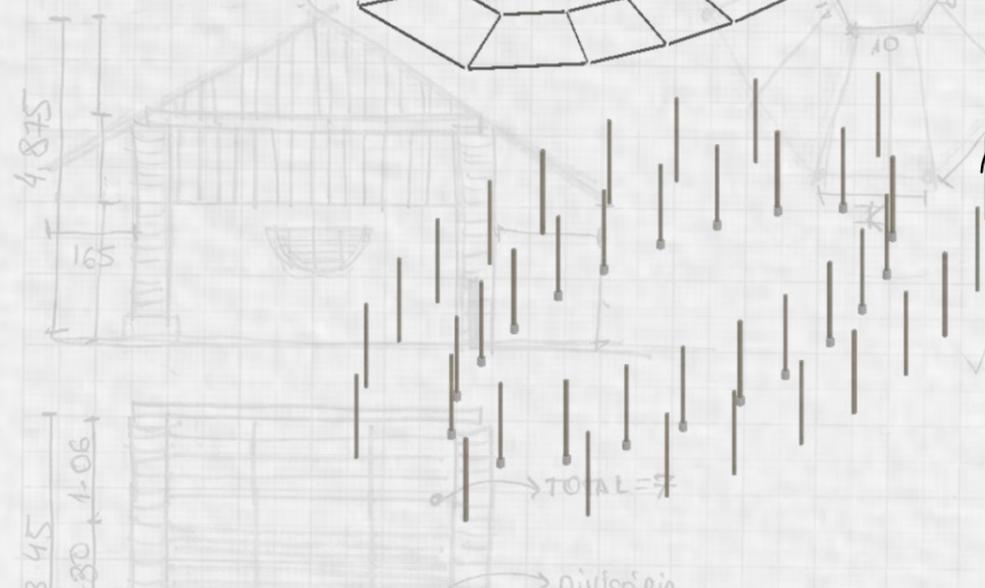
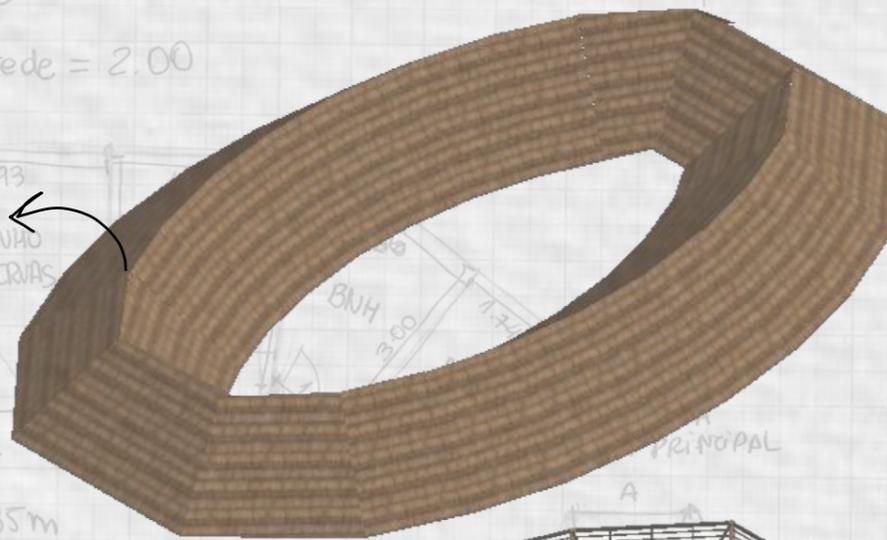


Figura 36 – Isométrica da estrutura da Oca da Saúde
Fonte: Elaboração da autora

Ocalgada = 0,92

h da parede = 2,00

Telhado de palha de carnaúba

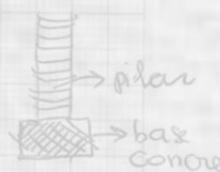


rebão até porta = 0,35 m
h porta = 1,05 m



Salas de atendimento

Pilar de madeira
Ø = 15 cm
h = 3,35 m
h base = 0,275



entre pilares
d = 0,275

1	2,15	6,2	1,7
2	2,15	7,2	0,3
3	2,00	8,1	9,8
4	2,20	9,1	9,8
5	1,95	10,2	0,9

11	2,12	16,2	1,9
12	2,89	17,2	0,0
13	2,23	18,2	1,4
14	2,11	19,2	0,1
15	2,00		

A	= 3,81	F	= 2,7
B	= 3,65	G	= 2,58
C	= 2,80	H	= 2,65
D	= 2,71	I	= 2,69
E	= 2,69	J	= 3,86
		K	= 3,85

Figura 37 – Isométrica da Oca da Saúde
Fonte: Elaboração da autora

Painel de Massaranduba e bambu



Figura 38 – Painel da Oca da Saúde
Fonte: Elaboração da autora

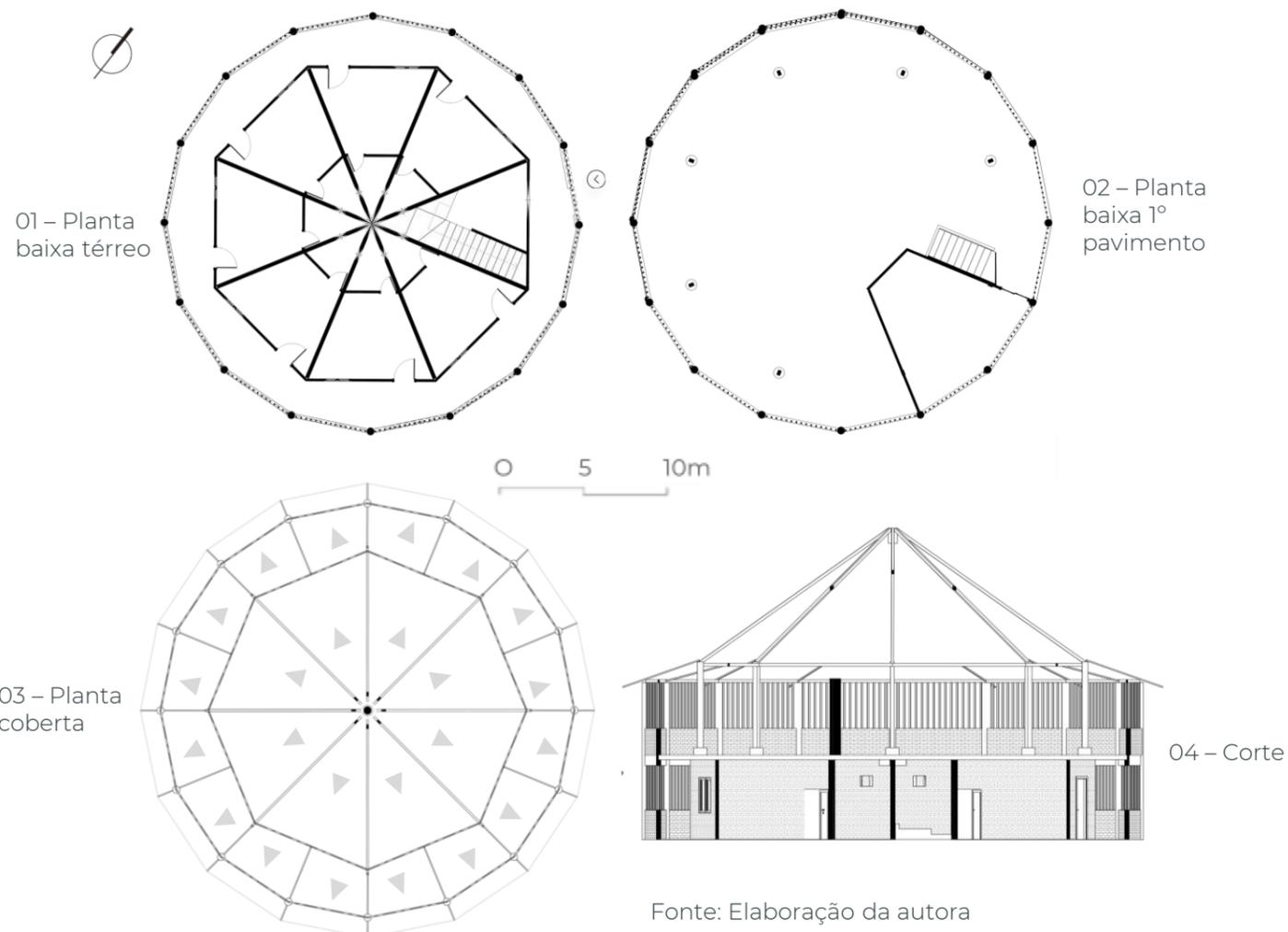
Figura 39 – Vista da Oca Restaurante.
Fonte – Acervo da autora.



Oca restaurante

Essa é a única oca de dois andares do projeto, tendo como consequência uma das vistas mais contemplativas e panorâmicas, favorecido também por seu formato hexadecagonal.

A simbologia da transparência é contemplada nessa construção pelos espaçamentos das ripas coloridas de madeira que a circundam. O térreo é dividido em oito setores, como se fosse uma fatia de uma circunferência, composto por uma circulação que dá acesso às sete cabines com banheiros e a escada. O segundo andar é composto pela cozinha, a qual se encontra desativada atualmente, além de um grande vão livre de uso multifuncional.



FICHA TÉCNICA

Ano da construção: 2008

Duração da construção: dois a três meses

Trabalhadores envolvidos: Aurélio Barreto, Antônio da Silva

Área construída: 208,90m²

Função: No térreo são suítes que funcionam tanto para hospedagem quanto para salas de atendimento individuais, totalizando 07 salas. No primeiro pavimento funciona tanto a cozinha como espaço para eventos infantis.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Fundação

materialidade: cimento armado

dimensionamento: profundidade 1,20m

tipo: estaca

Pilar externo

materialidade: concreto armado, revestido de massa de reboco com marca “da colher”

dimensionamento: diâmetro 22cm/24cm, altura 2,80m

quantidade: 16 pilares

Pilar interno

materialidade: madeira de massaranduba parafusada com base de manilha

dimensionamento: 13cmx20cm, altura 3,00m

quantidade: 08 pilares

Viga térreo

materialidade: concreto armado

dimensionamento: comprimento 3m, largura 15cm, altura 20cm

Laje

materialidade: pré moldado lajota

dimensionamento: área 208,90m²

Paredes

Tijolo refratário com cimento, por fiada, espessura 10cm

Piso térreo

materialidade: brita, justificativa: para não acumular água

Piso primeiro andar

materialidade: cimento industrializado com desenho da teia de aranha

Esquadria

materialidade: madeira massaranduba

dimensionamento: barrote 5cmx5cm

COBERTA

Tipologia

Telhado octogonal com palhoça de carnaúba, dividida em duas partes com inclinações diferentes, chamando de “saia”

Caibro

materialidade: madeira Massaranduba

dimensionamento: 10cmx5cm

quantidade: 16 caibros

Ripa

materialidade: madeira massaranduba

dimensionamento: 2cm x2 cm

quantidade: 40 ripas

Tabela 10 -

Descrição construtiva Oca Restaurante

Fonte: Elaboração da autora

1. Construção das fundações de estaca de 1,20m dos pilares externos;

2. Construção dos pilares externos com altura correspondente aos dois pavimentos;

3. Construção e soldagem da viga de concreto armado;

4. Construção das paredes de tijolo refratado, “fatiamento do bolo em oito fatias”, construindo as setes suítes e a escada

Observação: cada suíte tem uma abertura de 0,60mx0,50m com peitoril de 1,60m, funcionando como uma janela alta, além de outra abertura de 0,40mx0,50m no topo da parede para circulação de ar.

5. Construção da escada em alvenaria e acabando em pedra cariri;

6. Construção da laje pré-moldada lajota;

7. Construção do pilar interno de madeira com a base em manilha;

8. Construção da estrutura do telhado, com vigas, caibros, “cachorro”, e ripas

9. Construção do telhado: primeiramente coloca o andaime, com um tronco de cedro h=50cm, diâmetro 40cm central e posteriormente encaixa os caibros.

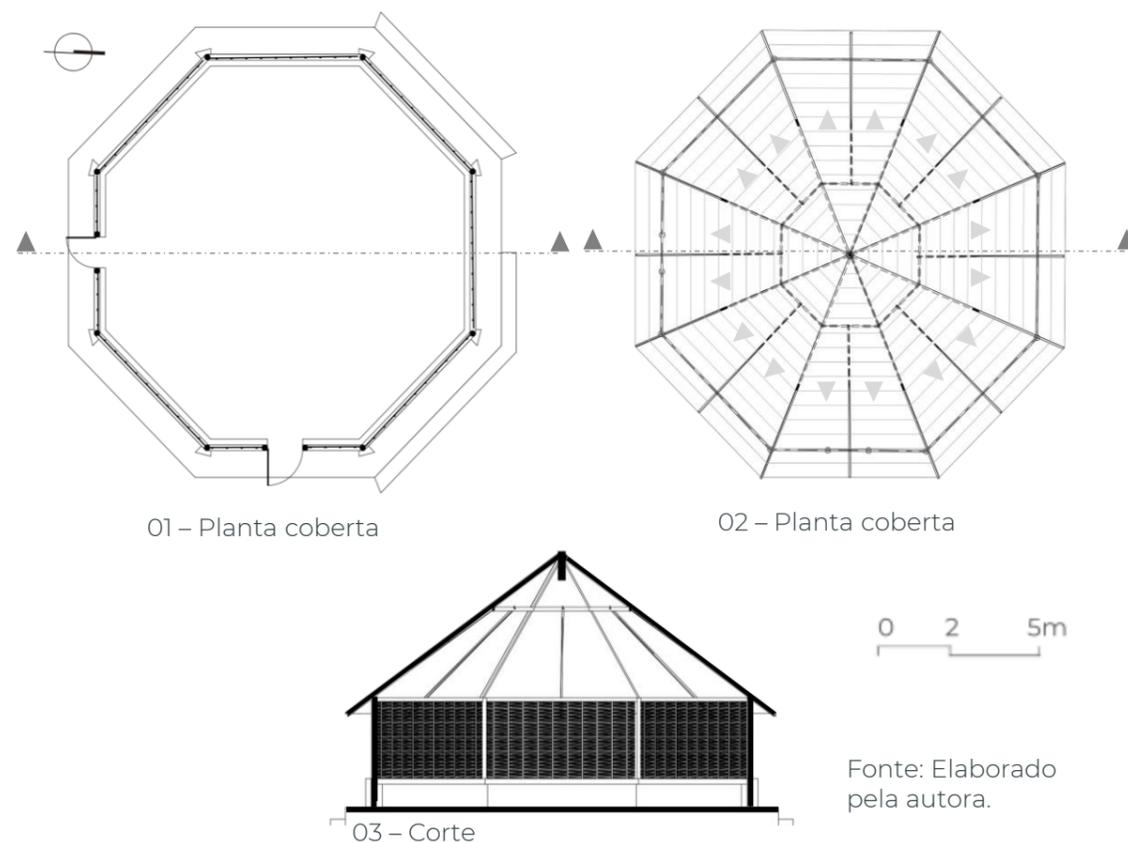
Oca terapia

Uma das primeirasocas a serem construídas, possui um formato octogonal, tem sua simbologia manifestada em dois elementos, o primeiro é por meio do seu telhado de palha, o qual faz alusão à efemeridade, o segundo é por meio da sua parede feita de tiras de cipó entrelaçada, a qual permite a entrada de luz em suas brechas, remetendo a transparência humana.

Por esse espaço ser totalmente livre, permite a realização de diversos tipos de atividades, que vão desde a dança circular até as rodas de conversas da TCI, comportando até 80 pessoas.

Passo a passo da construção

1. Construção das bases dos oito pilares com brita;
2. Fixação dos oitos pilares na base;
3. Encaixe e aparafusamento dos pilares com a viga;
4. Aparafusamento do “cachorro” na viga;
5. Aparafusamento do caibro no tronco de carnaúba;
6. Elevação do tronco para a altura do “topo da oca”;
7. Aparafusamento dos caibros no “cepo”, na viga e no “cachorro”;
8. Aparafusamento das ripas nos caibros;
9. Colocação das palhas nas ripas



Fonte: Elaborado pela autora.

FICHA TÉCNICA

Duração da construção: um mês

Trabalhadores envolvidos: Aurélio Barreto, Antônio da Silva

Área construída: 86,12m²

Função: TCI, eventos, yoga, dança circular

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Pilar

materialidade: tronco de carnaúba

dimensionamento: diâmetro 14cm/16cm e altura 2,10m

quantidade: 08 pilares

Base do pilar

materialidade: concreto com bastante brita”

dimensionamento: 30cmx12cm, altura 75cm

quantidade: 08 bases

Viga

materialidade: madeira massaranduba

dimensionamento: 10cmx5cm

quantidade: 08 vigas

Paredes

materialidade: cimento

dimensionamento: área 86,12m²

COBERTA

Tipologia

Telhado octogonal com palhoça de carnaúba

Caibro

materialidade: madeira massaranduba

dimensionamento: 10cmx5cm

quantidade: 16 caibros

Ripa

materialidade: madeira massaranduba

dimensionamento: 2cmx2 cm

quantidade: 28 ripas

Tabela 11 - Descrição construtiva Oca Terapia

Fonte: Elaborado pela autora.

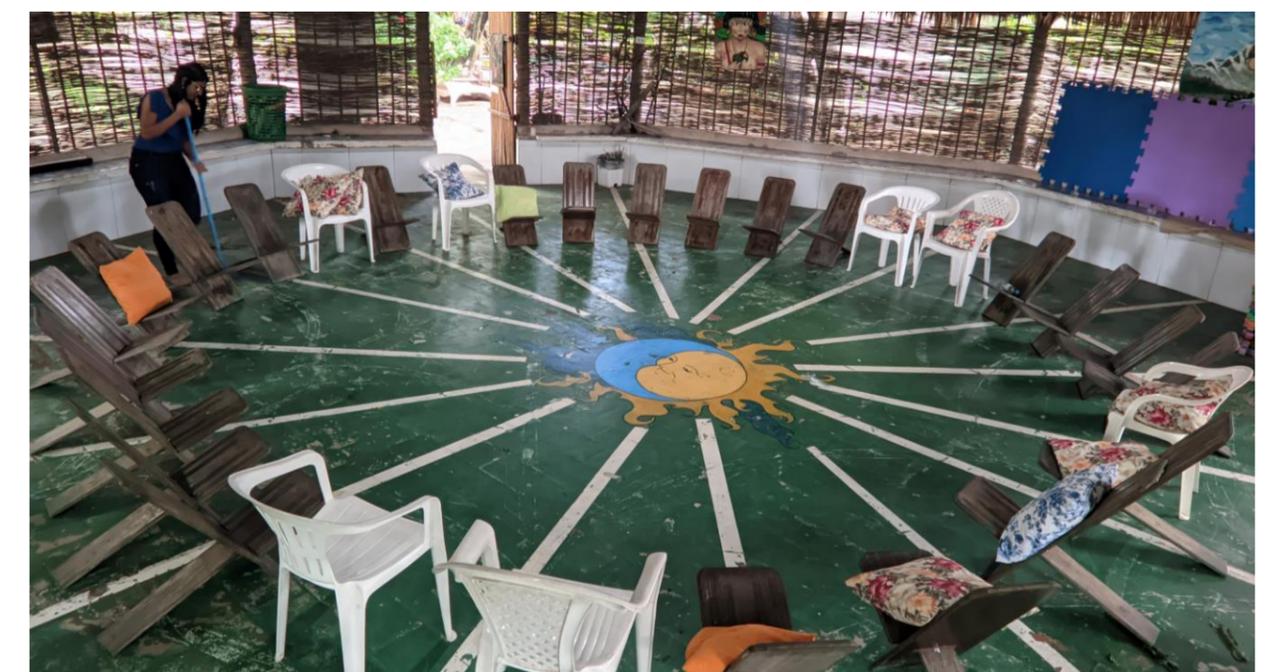


Figura 40 – Oca Terapia.
Fonte- Acervo da autora.



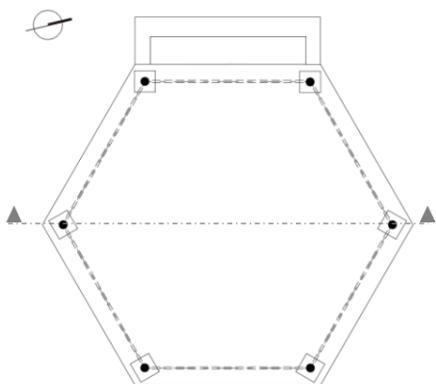
Figura 41 – Oca recepção.
Fonte – Acervo da autora.

FICHA TÉCNICA

Duração da construção: cinco dias
Trabalhadores envolvidos: Antônio da Silva, Ivan, Lairton e Grupo de Palha de Cascavel
Área construída: 17,56m²
Função: Área de estar e de passagem

COBERTA

Tipologia
 Telhado hexagonal com palhoça de carnaúba
Caibro
 materialidade: madeira massaranduba
 dimensionamento: 10cmx5cm
 quantidade: 12 caibros
Ripa
 materialidade: madeira massaranduba
 dimensionamento: 2cmx2 cm
 quantidade: 13 ripas



Oca recepção

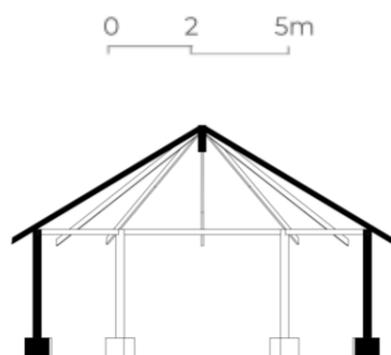
A oca mais simples e de mais rápida construção, tem formato hexagonal, com troncos de carnaúbas fixados em base de concreto, para aumentar sua durabilidade e fixação, a cobertura segue a mesma tipologia das palhoças de carnaúba com um tronco fincado no topo. Esse ambiente serve para passagem, contemplação e convivência.

Tabela 12 - Descrição construtiva Oca Recepção

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Pilar
 materialidade: tronco de carnaúba
 dimensionamento: diâmetro: 14cm/16cm, altura: 2,00m
 quantidade: 06 pilares
Base do pilar
 materialidade: tijolinho, preenchido de brita
 dimensionamento: 40cmx40cmx40cm
 quantidade: 06 bases de pilar
Viga
 materialidade: madeira massaranduba
 dimensionamento: 10x5cm
 quantidade: 06 vigas

01 – Planta baixa
 02 – Planta coberta
 03 – Corte



Fonte: Elaborado pela autora.

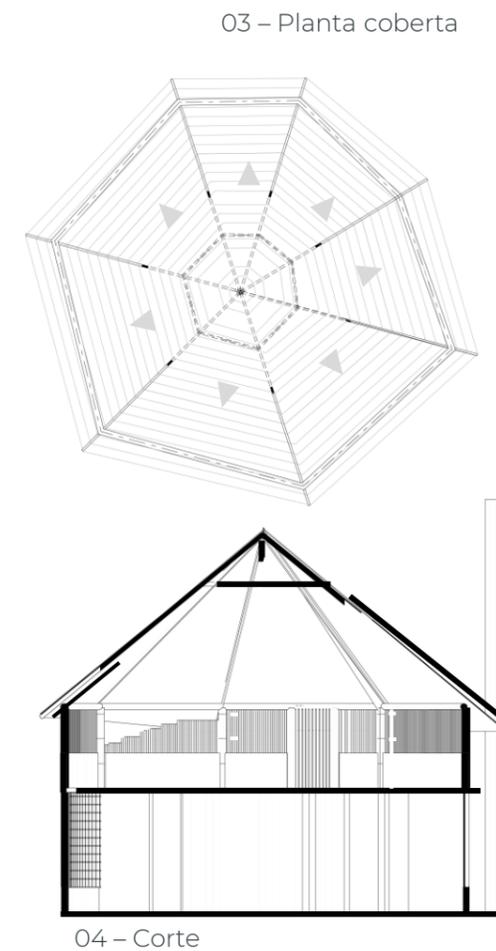
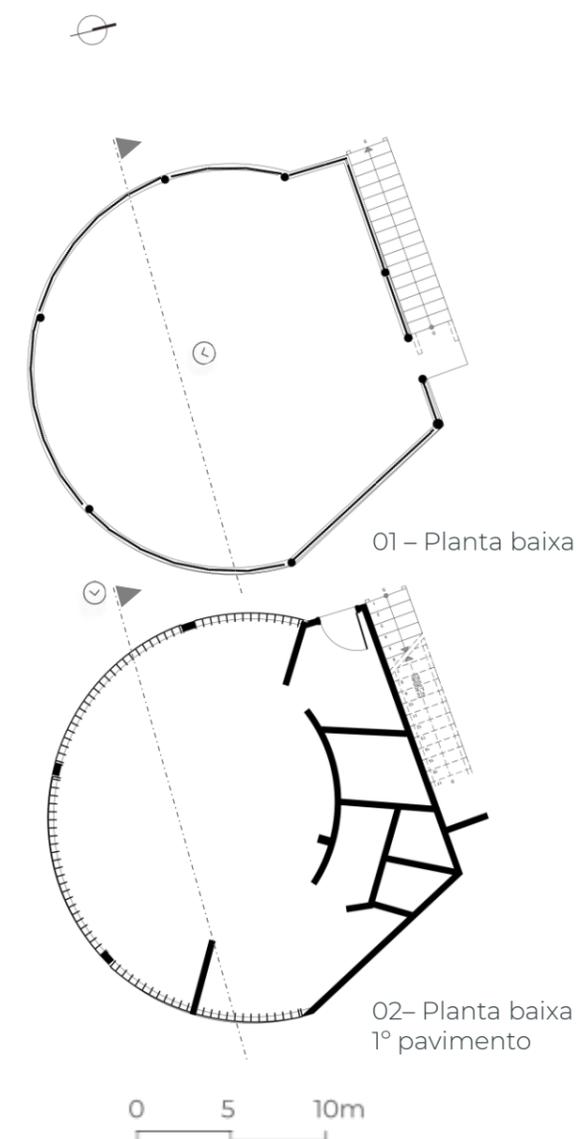


Figura 42 – Oca Escola
Fonte – Acervo da autora.

Oca escola

Uma oca de dois pavimentos, tendo o térreo com banheiro, salas e um grande vão, já o segundo andar é apenas para fins multiuso, tendo seu único acesso pela escada lateral. A estrutura é de concreto, com paredes de alvenarias e cobogós e o telhado de palha com águas assimétricas

Essa construção não foi coletada muitas informações.



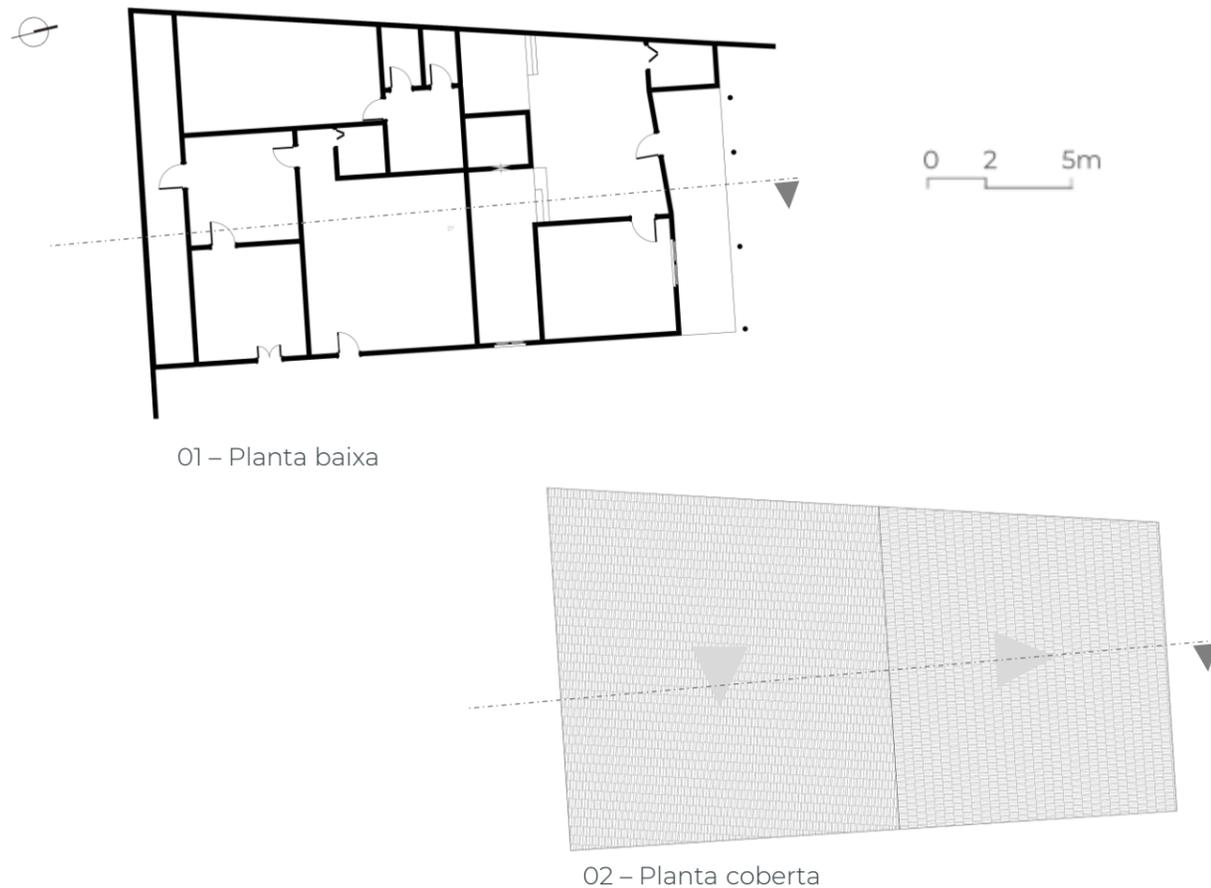
Fonte: Elaborado pela autora.



Administração e Casa José Maria

É uma adaptação e ampliação de um dos primeiros casebres do terreno, a qual hoje é formada por paredes de alvenaria e telhado colonial com caimentos variados, abrigando tanto a casa do seu José Maria, como também a parte administrativa do projeto, contemplando o setor de marketing e mídias digitais, a recepção, o depósito, a venda dos medicamentos da farmácia viva, a sala de direitos humanos e banheiro.

Figura 43 – Administração.
Fonte – Acervo da autora.



03 – Corte

Fonte: Elaborado pela autora.

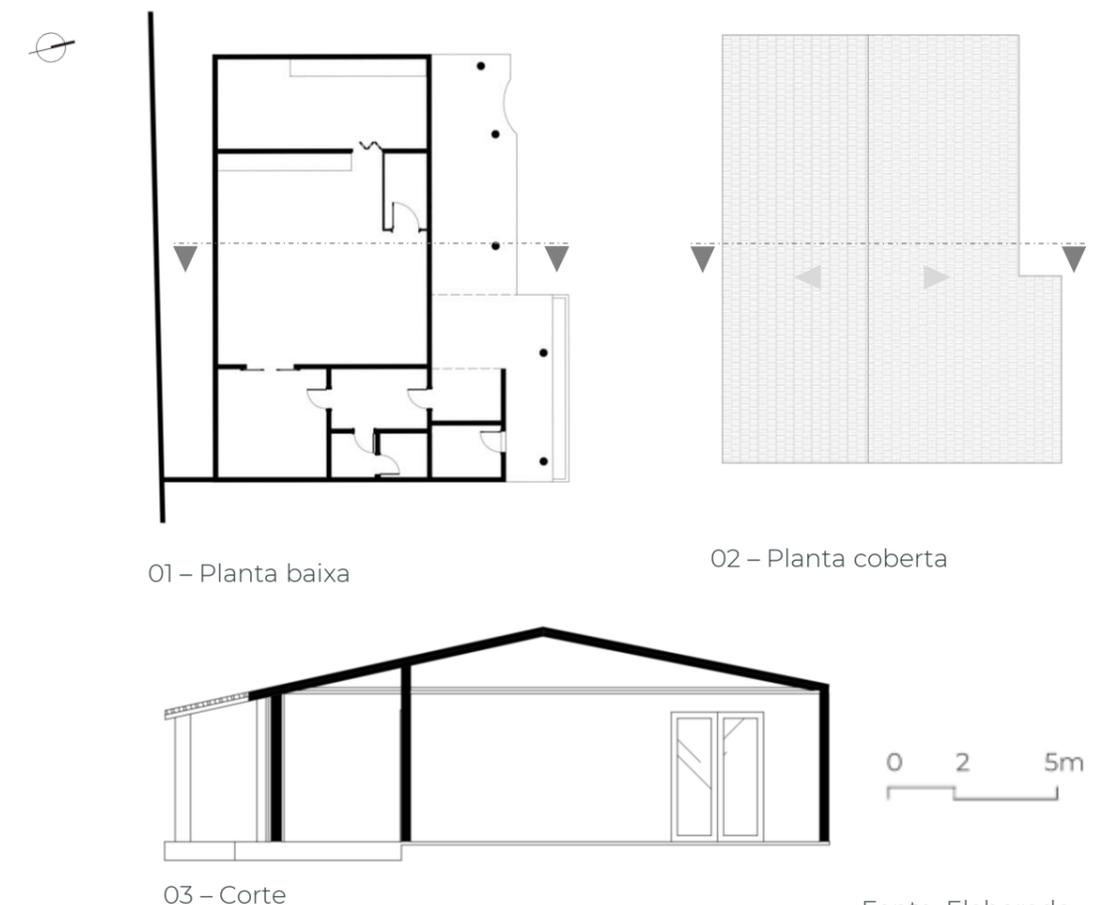


Farmácia viva

A farmácia viva já foi modificada três vezes desde a incorporação do projeto 4 varas. A primeira construção foi uma adaptação de um casebre já existente, a segunda foi uma casa com estrutura de madeira, a qual se deteriorou com decorrer dos anos e a última construção é a que se encontra hoje no terreno, formada por paredes de alvenaria e telhado colonial de duas águas.

Nessa farmácia de manipulação de fitoterápicos é trabalhado desde o manejo do princípio ativo da planta até a transformação do medicamento, sendo composto por uma área de paramentação, uma área de fabricação, uma área de envase, uma área de rotulagem e um lavabo.

Figura 44 – Farmácia Viva.
Fonte – Acervo da autora.



01 – Planta baixa

02 – Planta coberta

03 – Corte

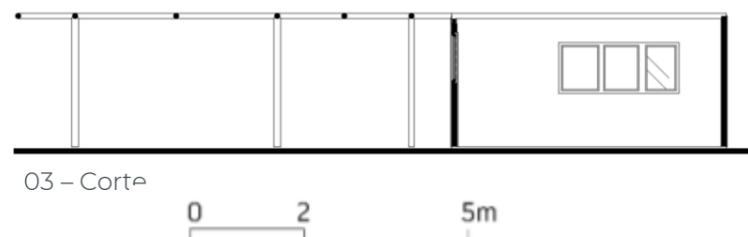
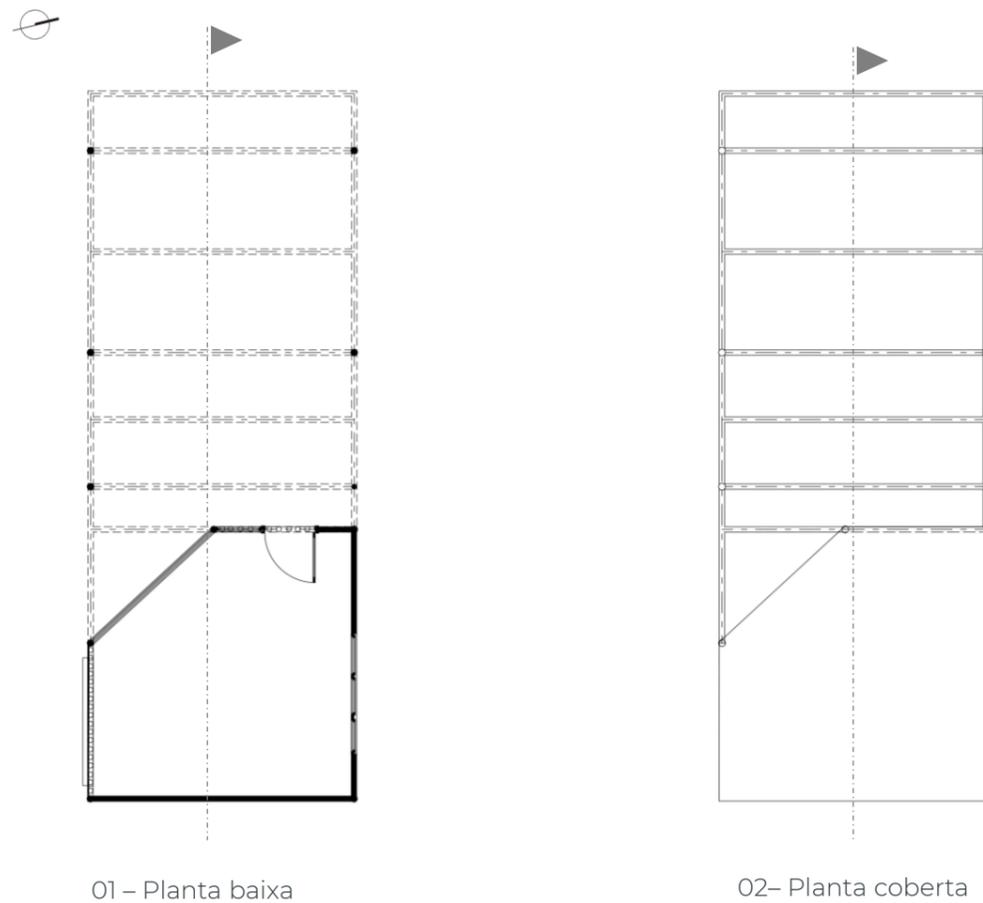
Fonte: Elaborado pela autora.



Café

É uma adaptação e ampliação de um dos primeiros casebres do terreno, a qual hoje é formada por paredes de alvenaria e telhado colonial com caimentos variados, abrigando tanto a casa do seu José Maria, como também a parte administrativa do projeto, contemplando o setor de marketing e mídias digitais, a recepção, o depósito, a venda dos medicamentos da farmácia viva, a sala de direitos humanos e banheiro.

Figura 45 – Café.
Fonte – Acervo da autora.



Fonte: Elaborado pela autora.

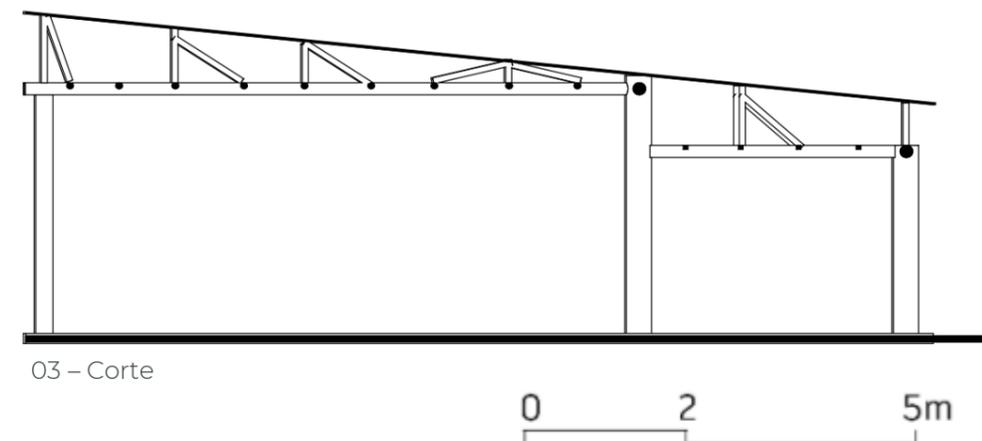
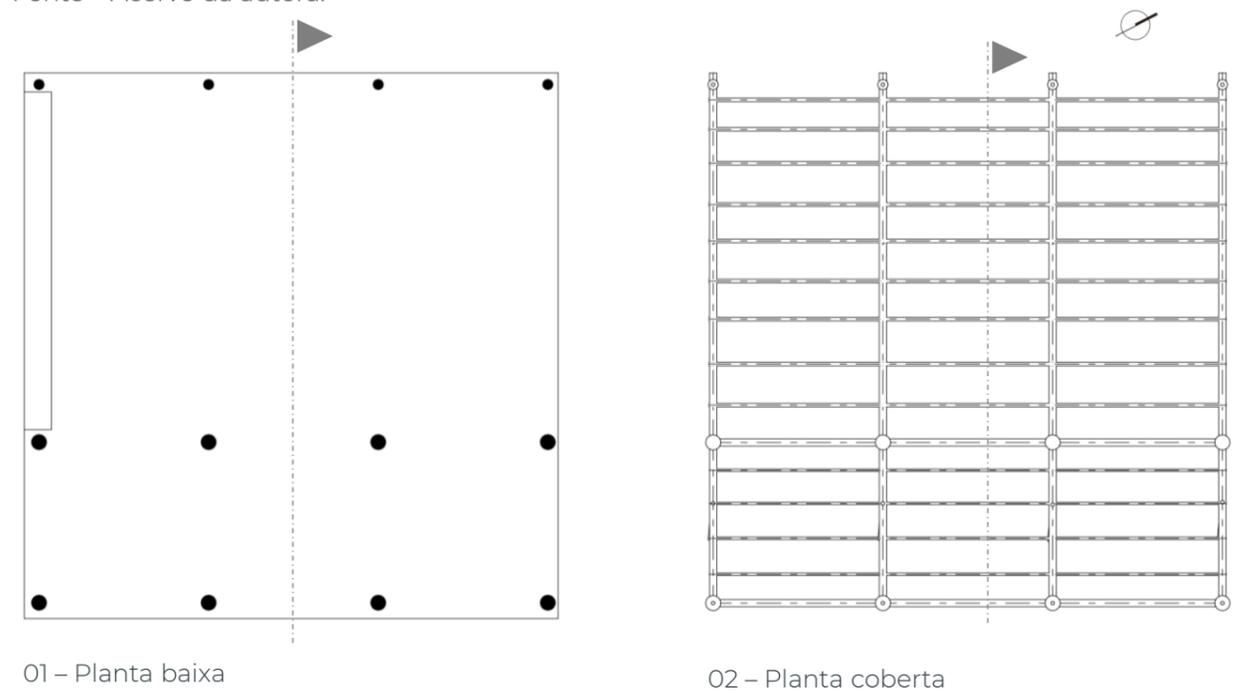


Escalda pés

É uma construção simplória que não segue tipologia de oca, formado por pilares de madeira e de concreto, que sustentam, juntamente com as vigas e a mão francesa, uma telha de fibrocimento transparente retangular.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 46 – Escalda pés.
Fonte – Acervo da autora.



Conexões

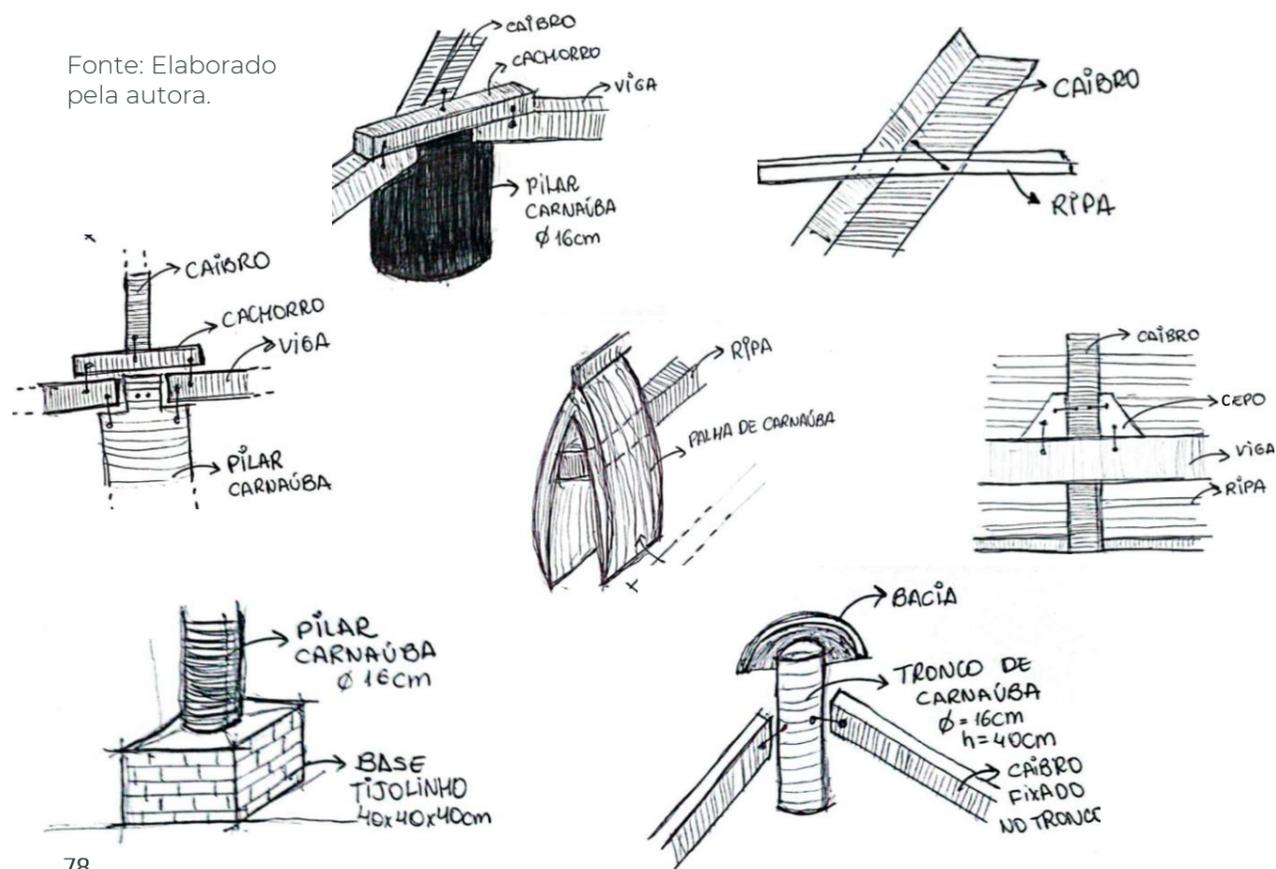
Uma das etapas essenciais para a sustentação dessas construções, sobretudo, as ocas, são os encaixes estruturais. Com o intuito de compreendê-las, foi feito um estudo detalhado dessas conexões, por meio de análise visual, pela referência de Carlito e Dussarrat (2010), tendo a mediação e orientação do artesão Tonhão (Antônio).

Em relação ao pilar, geralmente é feito um recorte perpendicular lateralmente no seu topo para receber a viga, essa ligação por entalhe é empregada para transferir esforços de compressão entre as peças, além do aparafusamento para garantir a fixação. Ainda, em algumas ocas é visto a anexação das bainhas da carnaúba no pilar, por meio de parafuso, como uma manifestação cultural.

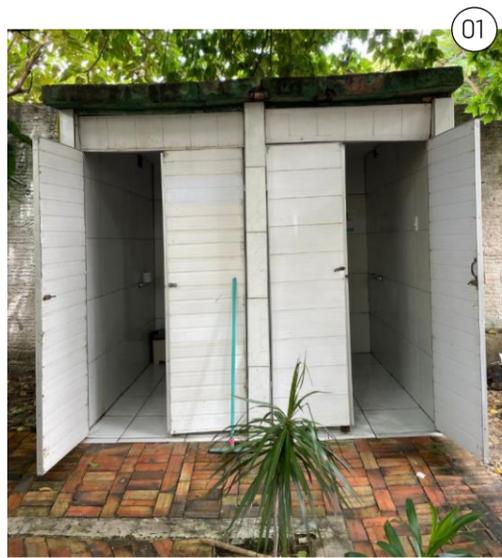
Em relação ao caibro, por ser uma peça angulada dificulta o encaixe de 90°, por isso é usada uma peça auxiliar para garantir a fixação perpendicular, sendo popularmente chamada de “cepo” e “cachorro”. A determinação dessa peça de apoio se dá pelo seu posicionamento, visto que o cepo é usado lateralmente no encaixe VIGA+CAIBRO, já o *cachorro* é usado sobreposto à viga e ao pilar, formando a conexão PILAR+VIGA+CAIBRO. Por fim, a ripa é aparafusada perpendicularmente no caibro e a palha de carnaúba é encaixada, de forma natural, na ripa.

Vale ressaltar que na Oca Restaurante, Oca Recepção e Oca Escola, encontra-se uma bacia no topo da construção, com o intuito de evitar que a água entre, servindo como uma maneira de coroamento e/ou adorno final.

Fonte: Elaborado pela autora.



Figuras 47, 48, 49, 50, 51, 52 – conexões das construções MISEC 4 Varas. Fonte – Acervo da autora.



Figuras 54, 55, 56, 57, 58, 59 –
Fonte: Acervo/Elaboração da autora

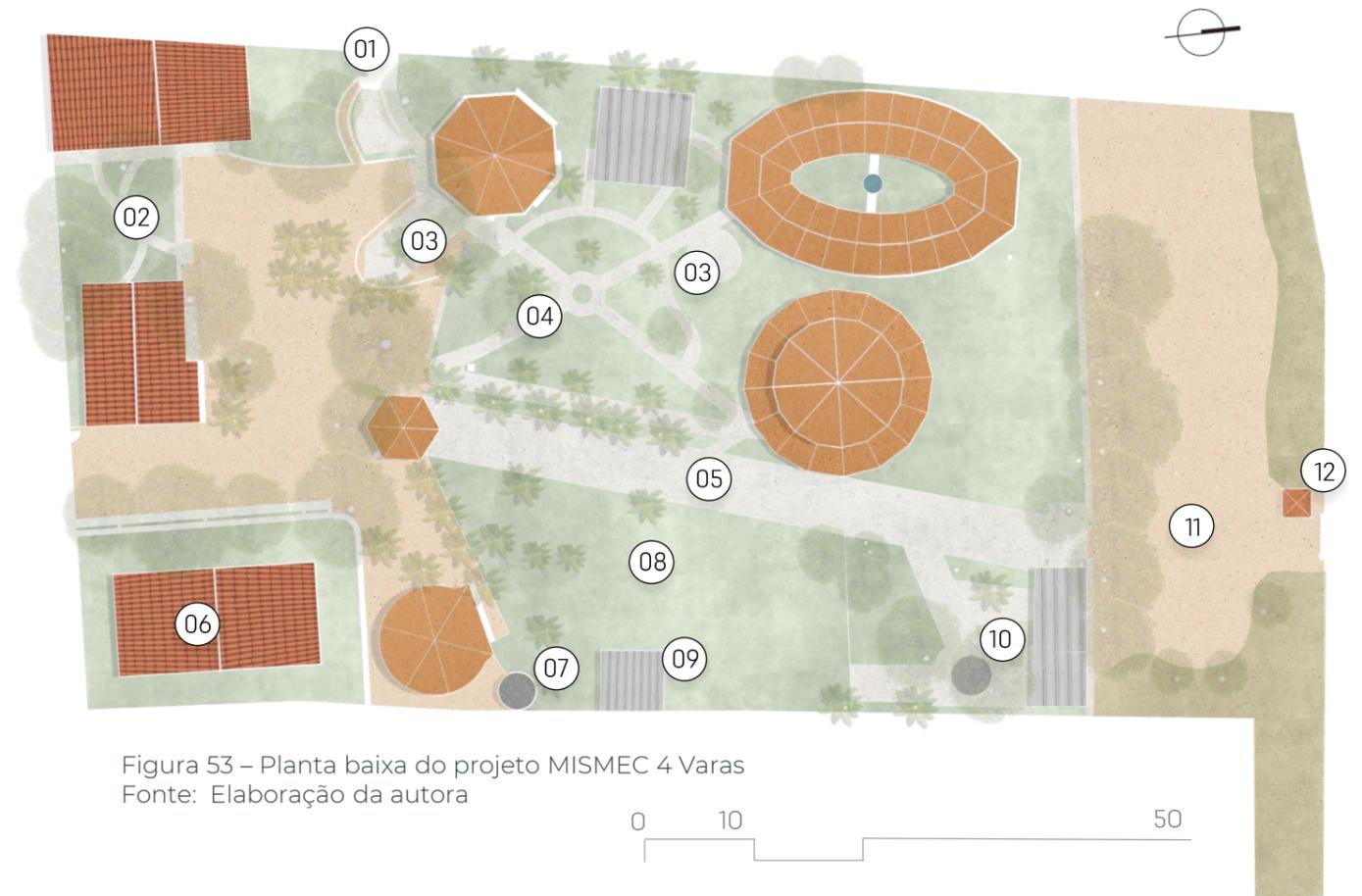


Figura 53 – Planta baixa do projeto MISMEC 4 Varas
Fonte: Elaboração da autora

Extra

Espaços não contemplados, diretamente, no detalhamento construtivo, mas que são fundamentais para a compreensão do espaço como um todo e suas dinâmicas de conexões.

Tabela 13 - Espaços não contemplados no detalhamento construtivo

ID	Nome
01	Banheiro
02	Área externa administrativa
03	Redário
04	Estatua do índio
05	Caminho das flores/ passarela
06	Posto 4 varas
07	Caixa d'água
08	Horto
09	Secagem
10	Cisterna
11	Estacionamento
12	Guarita

Fonte: Elaborado pela autora.

03

O ancestral afro-indígena brasileiro

Passado, presente e futuro



O último capítulo teórico almeja uma breve contextualização sobre a formação da sociedade brasileira, que foi extremamente plural mas excludente, exemplificando as tipologias arquitetônicas indígenas e africanas. Historicamente, essas foram menos valorizadas acadêmica e socialmente, por isso busca-se mostrar suas ricas contribuições para o país, mesmo diante de tanto preconceito e silenciamento.

Logo em seguida, para concretizar e salvaguardar essas tipologias, são estudados três projetos arquitetônicos fazendo visita de campo, levantamento físico e digital em duas delas, localizadas no Ceará. Esses projetos possuem funções diferentes, mas compartilham o mesmo ideal que é construir uma arquitetura que impacte a vida de uma certa comunidade, fazendo uso de materiais, simbolismo, mão-de-obra e métodos construtivos locais, fomentando, assim, a identidade civilizatória e o fortalecimento de uma arquitetura humana, sustentável e vernacular.

Colagem virtual
Fonte: Acervo
Mismec 4 Varas e
editado pela autora.

ANCESTRALIDADE
TAPÉÇA
ORALIDADE

3.1 Povos originários

A formação identitária brasileira é um processo complexo e multifacetado, influenciada por diversas correntes culturais e étnicas, além de ser marcada por ciclos violentos de colonizações externa (europeia) e interna (brasileira). Segundo GOMES (2023), por meio da força e da inferiorização do diferente, os colonizadores almejavam extinguir as diferentes formas de se relacionar, de viver e apossar-se do espaço, universalizando o seu modo de agir, por considerar o seu mais adequado.

A população indígena é a primeira a sofrer os impactos da colonização, sendo escravizada e explorada. O mesmo panorama se repete, posterior e paralelamente, para a população negra, advinda do tráfico negreiro, durando cerca de 300 anos de extrema violência, insalubridade e marginalização (DEVULSKY, 2021).

Com a criminalização do trabalho escravo indígena e a intensa escravização dos negros, rapidamente a população não branca aumenta, gerando desconforto para a elite branca. Com esse novo panorama, estratégias foram tomadas para que o Brasil fosse um país totalmente branco e cria-se, assim, uma complexa rede de articulações de ações violentas contra os corpos, os bens ambientais, as manifestações culturais e os territórios de negros e indígenas (NASCIMENTO, 1978).

Tanto os quilombolas quanto os indígenas do Brasil só passaram a ser sujeitos de direito na Constituição de 1988. Até essa Constituição, ser quilombola era ser criminoso e ser indígena era ser selvagem. (...) Desde o início da colonização, de 1500 a 1888, o povo africano era tido e tratado como escravo, e o que ele pensava e falava não entrou no pensamento brasileiro. De 1888 a 1988, nossas expressões culturais, a capoeira, o samba, continuaram a ser tidas como crime. Isso é o colonialismo. Colonizar é subjugar, humilhar, destruir ou escravizar trajetórias de um povo que tem uma matriz cultural, uma matriz original diferente da sua. (SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.)

Nesse contexto colonial de inferiorização e silenciamento das manifestações culturais afro-indígenas, a arquitetura e o urbanismo fizeram parte desse processo, sendo gradualmente apagados no processo de urbanização por serem entendidos como inferiores às tipologias arquitetônicas ocidentais e modernas. No entanto, a retomada do estudo dessa tipologia é essencial para a compreensão de uma identidade cultural brasileira e do desenvolvimento de uma arquitetura mais democrática, respeitando o desenvolvimento cultural dos povos perseguidos por um projeto colonial.

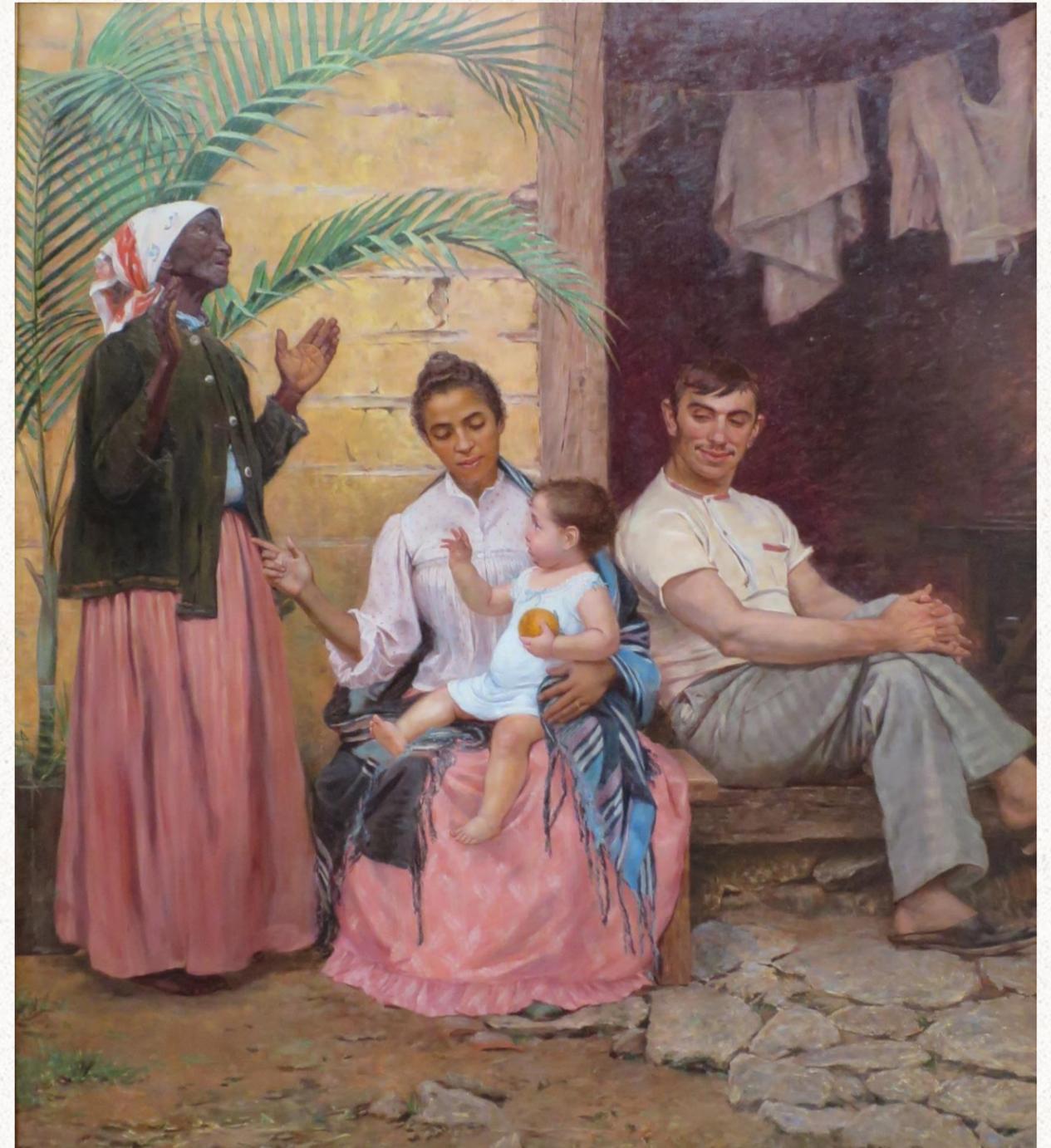


Figura 60 – A Redenção de Cam" (1895), de Modesto Brocos. Fonte: Edusp

Os povos indígenas e africanos, sem contestação, trouxeram tecnologias fundamentais para a formação do país, criando uma elaborada arquitetura que constantemente modifica, de forma respeitosa, a paisagem ao seu redor, na qual permite que essas sociedades ancestrais adequem espaços para o desenvolvimento de suas vivências e suas atividades humanas. A herança civilizatória advinda desses povos está presente não somente nas construções, na sua materialidade, no manejo ou no grafismo, e sim na sua postura para com a natureza, com o humano e com o simbólico, precisando, urgentemente, ser mais reconhecida e valorizada como patrimônio cultural material e imaterial da nação brasileira.

Em relação à espacialidade territorial, como tentativa de dominação do território dos povos indígenas e das populações originárias da África, foi imposto o padrão europeu de urbanização, tornando as antigas aldeias espaçadas de forma circular, orgânica e integrada com a natureza, em malhas ortogonais cartesianas. (GOMES,2023)

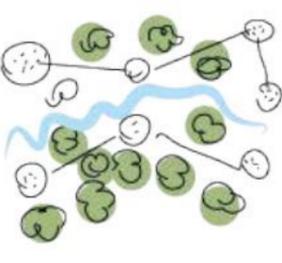
<p>Ocupações pré-cabralinas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dispersão, • Redes de comunidades, • Material local, • Adaptação e domínio do bioma 		
<p>Povos Indígenas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Padrões adaptados à diversidade de territórios, • Dispersão, • Baixo impacto ambiental, • Materiais locais, • Tipologias coletivas e individuais, • Comunalidade da terra 		
<p>Quilombolas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços comuns, • Relações de trocas, • Materiais locais, • Interação com a natureza. 		

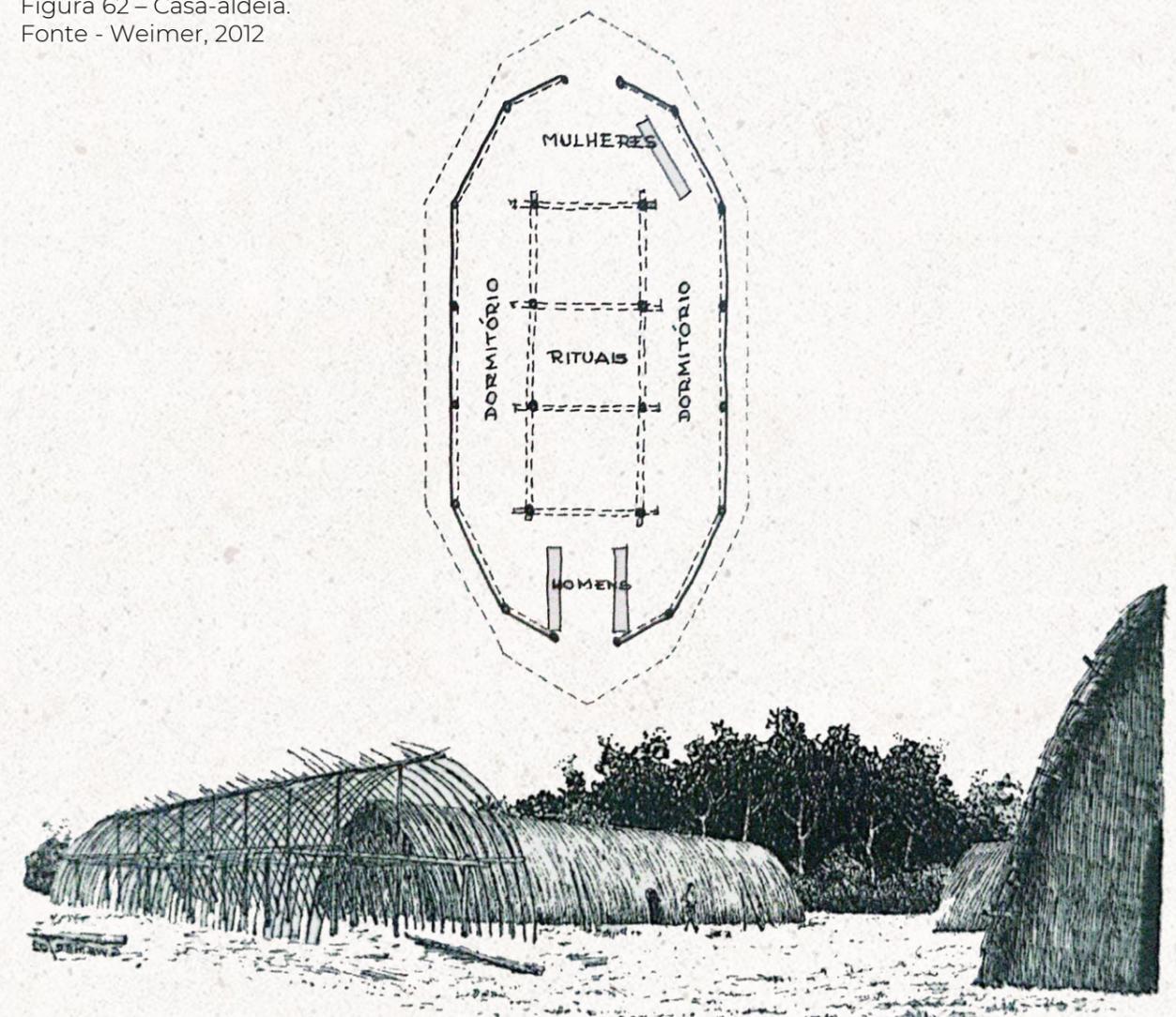
Figura 61 - Padrões tradicionais de ocupação do território que foram invisibilizados e negados frente à imposição do urbanismo ocidental. Fonte - Maria Beatriz Andrade, 2022

Já em relação às tipologias arquitetônicas, as quais conseguem gerar uma imagem dialética sobre um período de tempo e expressão de um povo, faz-se necessária a seguinte reflexão sobre a arquitetura indígena:

"Não aceito o estudo dos povos indígenas no Brasil sem que seus problemas e suas possíveis soluções sejam também do interesse do investigador". (MAYBURY-LEWIS, 1984)

Segundo ALMEIDA;SILVA, 2008, nessa tipologia é fortemente observada seu simbolismo único desde a concepção do espaço até a construção da oca, já que para os indígenas sua "casa" é todo o seu território. Ao se organizar circularmente, cria-se um grande centro nomeado de "warã", responsável por decisões políticas e pelos rituais sagrados. Na margem desse círculo ficam as casas (maloca, oca ou taba), sendo considerado um ambiente de habitação, variando sua escala e sua tipologia de acordo com a povo e a família e utilizando, sobretudo, de materiais naturais como palha e madeira. Vale ressaltar que a direção solar, os igarapés e o tipo de solo influenciam diretamente na fixação e orientação das aldeias.

Figura 62 – Casa-aldeia.
Fonte - Weimer, 2012



Nesse espaço-habitação, de acordo com WEIMER (2012), mesmo que a "propriedade" das casas fosse feminina, a construção era uma função exclusiva masculina. Porém, na Casa Xinguana, é observado a fuga do padrão tipológico geométrico circular, elíptico ou retangular, sendo produto da forma de um corpo humano feminino, ou seja, a mulher mesmo não participando da construção física, contribui diretamente na lapidação formal e simbólica da oca.

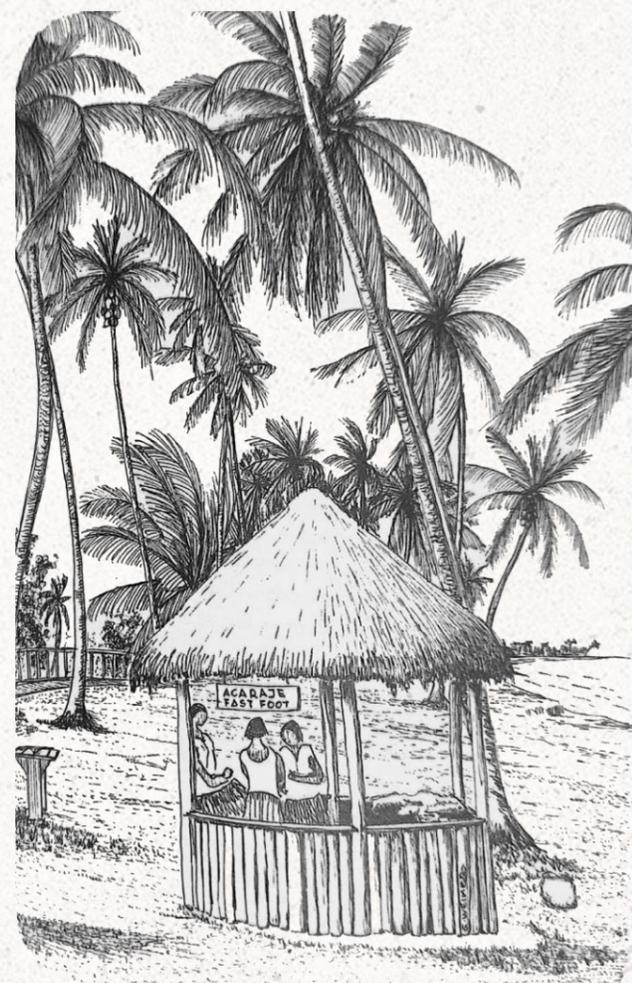
Em relação às arquiteturas africanas, por conta do preconceito e da consequente escassez de aprofundamento acadêmico no Brasil, sua rica tipologia e análise se baseia nas origens étnicas das diversas correntes migratórias que irradiaram o país, que são, sobretudo, os povos bantos e sudaneses. Como aponta Portocarrero(2018):

Castro Faria (1951), a respeito das casas africanas, que os negros não puderam construir aqui em face do regime de escravidão, fez algumas observações que também podem ser tomadas para o entendimento das casas dos índios, a partir do contato com os europeus, permitindo estabelecer uma preliminar relação entre as habitações tradicionais daqueles povos do continente africano com as do Brasil.

Segundo WEIMER (2012), a arquitetura dos bantos são as casas de plantas circulares com coberta variável, sua materialidade é composta por varas, palhas, redes de corda, argamassa de barro, variado de acordo com a localidade e a disponibilidade de material. A cubata redonda é a tipologia mais habitual dessa civilização, sua cobertura é cônica, tendo a estrutura feita no solo e, após contraventada, é elevada e fixada sobre as paredes, que não são muito altas. O beiral varia de acordo com as chuvas e a técnica de construção das paredes, já as vedações são variadas, assim como sua materialidade. Essa contribuição dos telhados cônicos é vista tanto nas quitandas à beira-mar e nos guarda-sóis de fibra de piaçava das praias do Norte e do Nordeste.

Já a arquitetura dos sudaneses se destaca pelas suas habilidades artísticas e artesanais, trabalhando com estrutura de bambus e arbustos resinosos, com cobertas construídas de folhas de palmeiras ou alguma casca de árvore, além do manejo de fibras naturais (WEIMER, 2012).

Por fim, além de entender a tipologia e as contribuições desses povos é fundamental compreender o potencial das misturas etnoculturais, percebendo a cultura como um processo dinâmico de novos significados e simbologias, criando novas teias de concepção. Por conta disso, as formas de expressão dessas culturas acabam por serem plurais em meio à miscigenação que caracteriza a construção da sociedade brasileira, visto que suas referências se misturam, gerando constantemente novas formas híbridas de manejo das técnicas construtivas.



Dessa maneira, a cultura não é algo que se troca por outro sem que haja uma mistura e recriação de novas formas de ser e viver. Não há como se despir de uma para se revestir de outra sem que haja sobreposições mútuas. (Tecnoindia, 2020)

Figura 63 – Barraca de acarajé em Vilas do Atlântico, Bahia. Fonte – Weimer, 2012

3.2 Projetos de referência

Para os projetos de referência, foi tido como partido vivenciar e visitar in loco algumas construções disponíveis que seguissem a tipologia afro-indígena. Com isso, foi analisado presencialmente dois projetos no Ceará e um, virtualmente, em Salvador.



Figura 64 – Mapas de situação. Fonte – Elaborado pela autora

3.2.1 Centro de Produção Cultural Tapeba



Figura 65 – Visita em campo do Centro de Produção Cultural Tapeba. Fonte – Acervo da autora.

“

(...) A gente fez esse centro cultural, nas madrugadas, começava a trabalhar em torno de onze horas, doze horas da noite até às cinco da manhã para poder a gente construir, porque a gente era proibido de fazer dentro do nosso próprio território. Mesmo sendo proibido, nós conseguimos. Está aí o centro cultural e ali o memorial cacique perna-de-pau.” Entrevista Sérgio Rodrigues, 2023 - apêndice

O Centro de Produção Cultural Tapeba está localizado em Caucaia, um município da região metropolitana de Fortaleza, sendo um espaço de valorização e de salvaguarda da história e da produção cultural de todo povo Tapeba. Dentro da geografia multifacetada de Caucaia, o povo Tapeba é composto por grupos e locais de tamanho, padrão de assentamento, densidade e localização distintos. Possuem, hoje, em torno de dez mil indígenas espalhados em dezessete aldeias. Segundo o antropólogo Henyo Trindade:

“Tapeba”, “tapebano” ou “perna-de-pau” são atribuições étnicas pelas quais uma dada coletividade se identifica e é reconhecida na paisagem social local do município de Caucaia como constituindo um grupo distinto. Tapeba também é um topônimo. É o nome de uma lagoa e um riacho periódico - afluente da lagoa da Barra Nova (ou do Poço) - da área rural do distrito da sede do município de Caucaia, na proximidade dos quais moram famílias Tapeba, numa área onde a sua presença é majoritária.”

Em entrevista com Sérgio Rodrigues, líder da Comunidade Indígena da Ponte e presidente da Associação do Povo Tapeba de Caucaia, relatou-se sobre a construção do centro e suas dificuldades, sendo inicialmente embargada pela família Arruda, a qual até os dias atuais possui grande poder social e político. Com isso, Sérgio, juntamente com membros da aldeia, se articularam durante a madrugada, para conseguir construir, contando, também, com apoio de uma empresa francesa, que contribuiu financeiramente durante esse processo.



Figura 66 – Vista do Centro de Produção Cultural Tapeba. Fonte – Acervo da autora.

Ficha técnica
Autor: Márcio Holanda, Márcio Moreira e Adriana Pinatti
Tipo de projeto: Centro Cultural
Ano: 2008
Local: Caucaia/CE, Brasil



Com parceria entre três arquitetos Márcio Holanda, Márcio Moreira e Adriana Pinatti, o espaço com 1220m² foi projetado pensando no paisagismo produtivo e no saneamento ecológico, além de possuir elementos vernaculares e naturais, como paredes monolíticas de taipa de pilão e coberta de palha, sendo posteriormente substituída por telha ecológica vermelha.

Em relação a sua estrutura, é majoritariamente de eucalipto, composta por pilares com diâmetro variando entre 20cm e 22cm, tendo base de concreto de 80cmx80cmx40cm, para evitar seu contato direto com solo e não comprometer sua função. Os vãos variam entre 3m e 4m, permitindo maior flexibilidade do uso. Os pilares se encontram tanto na margem, quanto no centro para garantir a inclinação do telhado, variando entre 70% e 100% em diferentes níveis, contribuindo para ventilação e iluminação natural. As ligações são feitas tanto com chapas metálicas externas parafusadas, como também com barras rosqueadas, arruelas e porcas.

Vale ressaltar, que durante a visita em campo, realizada em agosto de 2023, pude vivenciar e constatar que, infelizmente, o centro está inativado e com alto grau de desgaste e deterioração. Segundo os relatos dos moradores e de Sérgio, isso ocorreu pela ausência de investimentos e pela pouca valorização da própria aldeia e da população civil na preservação desse centro.

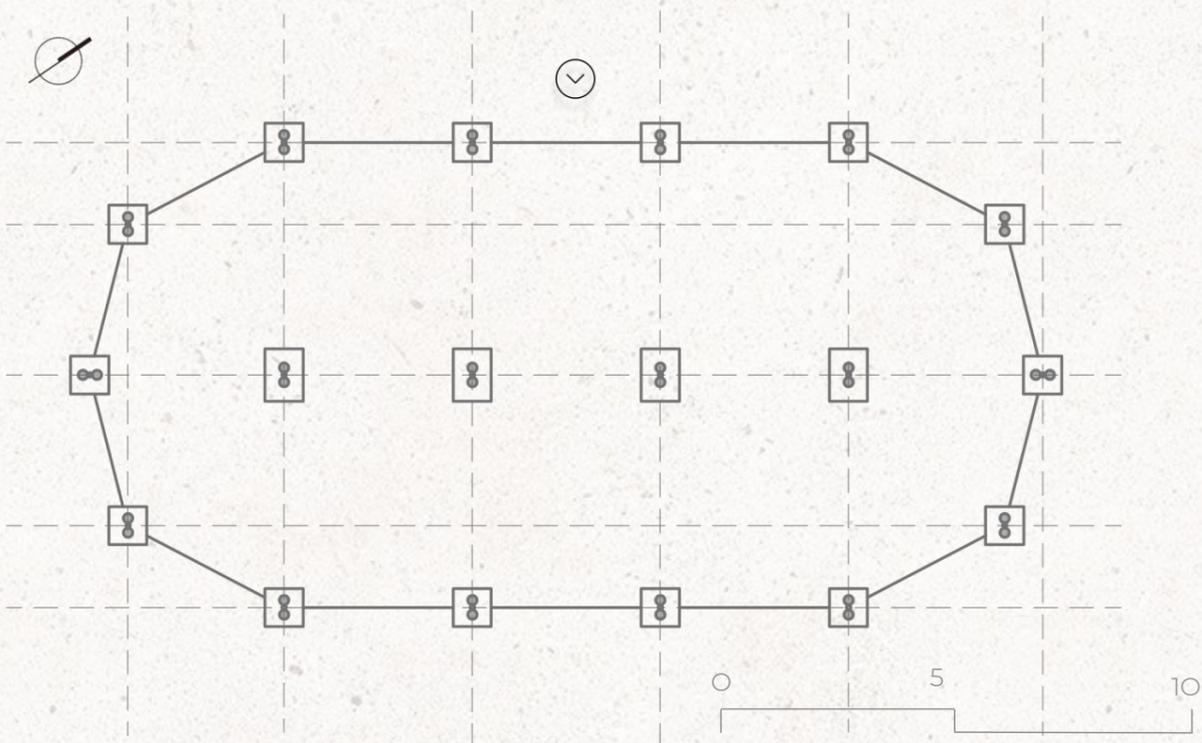


Figura 67 – Planta baixa do Centro Cultural Tapeba. Fonte – Elaborado pela autora.



Figuras 68 - Situação atual do Centro Cultural. Fonte – Acervo autora
Figura 69 - Localização do Centro Cultural. Fonte – Google Maps



3.2.2 Oca partilha de saberes

A Oca Partilha de Saberes faz parte do Hotel Spa Ocas do Índio, situada a 20m da Praia de Morro Branco e a 6km de distancia do centro de Beberibe/CE. Essa oca foi projetada pensando em um salão multiuso para reuniões, palestras, terapias e oficinas, podendo comportar até 180 pessoas.

Com sua tipologia vernacular, possui referências construtivas e simbólicas dos povos indígenas, como o entrelaçado de cipó, a sua forma espacial, a sua posição estratégica bioclimática, o uso de materiais naturais, de grafismos e pinturas indígenas.

Em 2002, o projeto foi desenvolvido e executado pelo artesão Aurélio Barreto, o mesmo que desenhou as ocas do MISMEC 4 Varas. O espaço se configura em um grande vão retangular de 21m x 12m, com 7m de altura, sendo uma de suas extremidades arredondadas por um semicírculo de 6m de raio. Sua estrutura é toda de eucalipto, com telhado de palha de duas águas, tendo inclinação de aproximadamente 65%, permitindo um escoamento adequado de água.

Os pilares de eucalipto, com diâmetro entre 24cm e 26cm, estão espaçados modularmente nas extremidades com a distancia de 4,35m e 12m, o que permite um grande vão livre. Para garantir esse grande vão e a inclinação adequada do telhado, utilizou-se de uma tesoura de madeira.

Em entrevista com o artesão, relatou-se que o pilar “entra” um metro na terra, tendo que ser contornado com brita, manta asfáltica e pintura antifúngica, para evitar a umidade e aumentar a durabilidade do pilar.

As ligações, são por meio de entalhes côncavos e de barras rosqueadas, arruelas e porcas, juntamente com corda de cipó e pequenos troncos de madeira, que auxiliam na fixação entre viga – pilar – caibro.

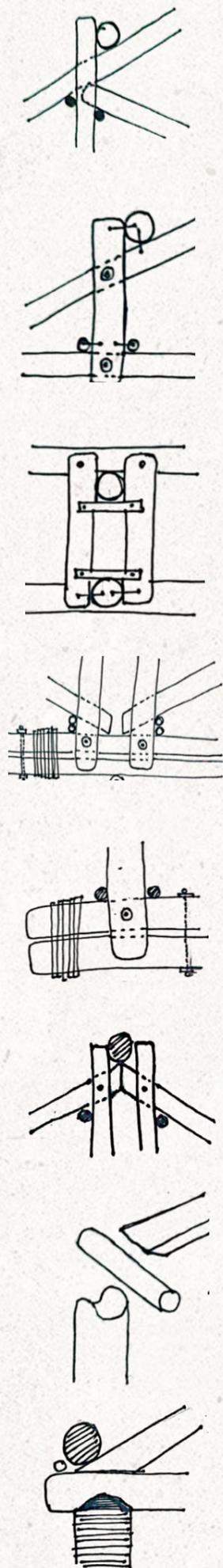
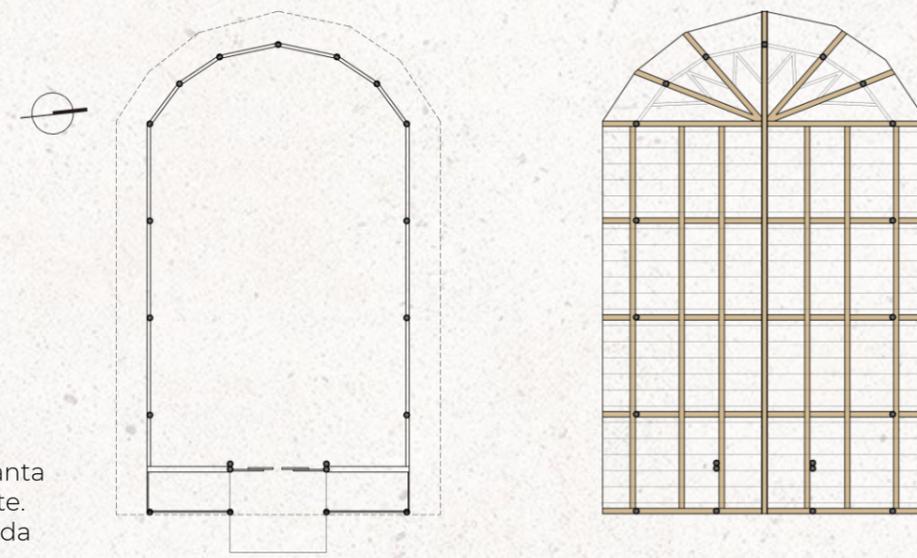
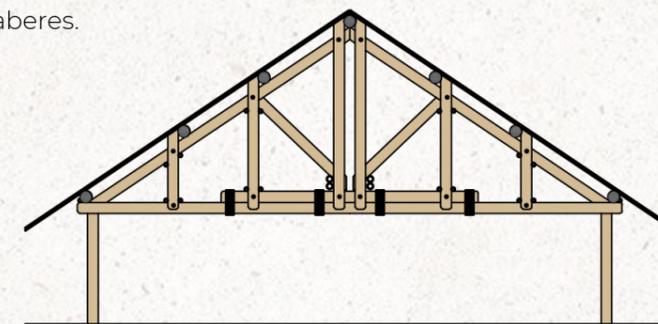


Fig. 70 – Desenhos manuais das conexões
Fonte: Elaborado pela autora.

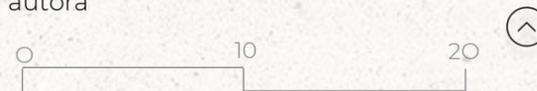


Figura 71 – Vista da Oca Partilha de Saberes.
Fonte – Acervo autora.

Ficha técnica
Autor: Aurélio Barreto
Tipo de projeto: Centro Terapêutico
Ano: 2002
Local: Beberibe/CE, Brasil



Figuras 72 e 73 – Planta baixa, coberta e corte.
Fonte – Elaboração da autora

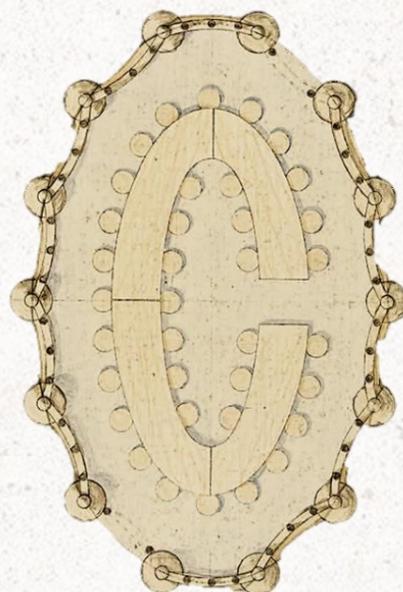
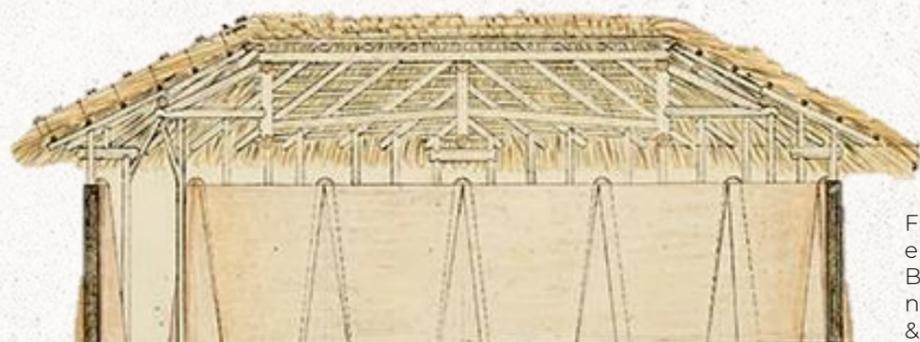


3.2.3 Restaurante do Benin

O Restaurante do Benin faz parte do espaço cultural Casa do Benin, localizado no centro histórico de Salvador, o qual possui oficinas de ensino, centro comunitário com galerias, dormitórios, restaurante e pátio interno espalhados em três sobrados restaurados do século XVIII. Por conta do plano diretor de reurbanização do centro histórico de Salvador, em 1988 o centro foi inaugurado com o intuito de fortalecer laços com a região de onde veio a maior parte dos escravos baianos, a República do Benin, assim valorizando, em seus acervos e arquitetura, as relações culturais afro-brasileiras.

Em relação ao restaurante, também conhecido por “Espaço Jeje Nagô”, sua construção foi referenciada pelos antigos restaurantes das comunidades rurais beninenses, remetendo a uma arquitetura circular, a qual fortalece a vivência coletiva. O espaço vernacular africano, possui formato elíptico com cobertura de palha, estruturada em madeira com paredes baixas e reboco reforçado, garantindo um conforto térmico adequado. Em seu interior, o restaurante possui uma mesa de madeira maciça com 40 cadeiras em formato anelar.

*“Para a concepção dessa construção, tomou-se como referência os **Tata Sombas**, construções vernaculares do povo Batammariba, que atualmente ocupa a região de Koutammakou, localizada entre o Benin e o Togo. São arquiteturas presentes em uma região rural e são construídas em barro, madeira e palha. Trata-se de uma arquitetura fortificada, com torres, pátio interno e andares que possibilitam, para além da habitação, o armazenamento de grãos, água e dos animais no interior da construção. (SOGOBA.2019)”*

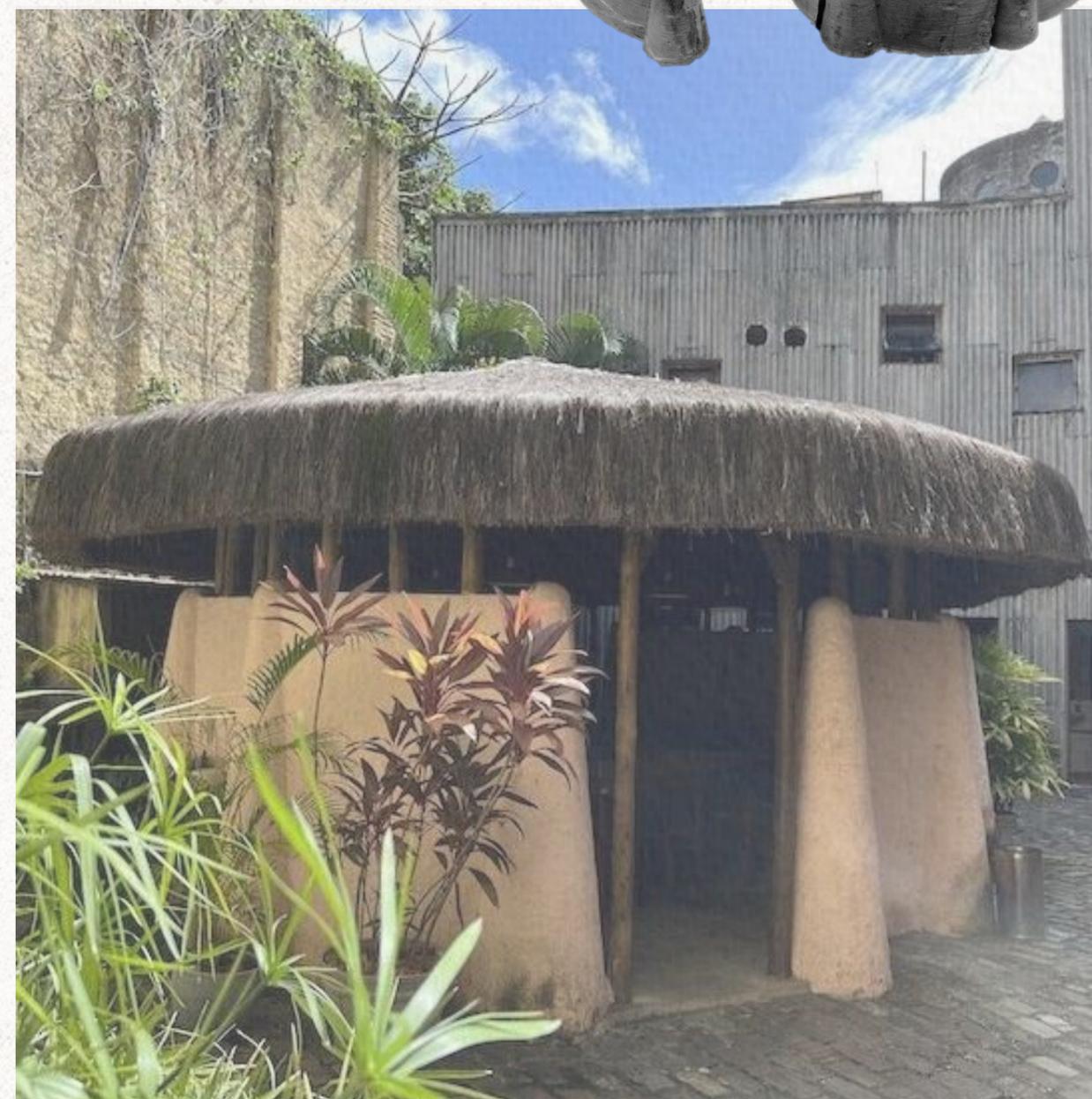


Figuras 74 e 75 – Planta baixa e corte do Restaurante do Benin. Fonte - Casa do Benin na Bahia: projetos, memórias & narrativas

Ficha técnica
Autor: Lina Bô Bardi
Tipo de projeto: Espaço etnogastronômico
Ano: 1988
Local: Salvador/Bahia



Figura 76 – Fachada do Restaurante do Benin. Fonte - Casa do Benin na Bahia: projetos, memórias & narrativas



04

Os segmentos da oca

- E o que é aquilo no topo da oca?
- Isso é bacia, menina.
- Bacia mesmo, Seu Antônio?
- É, pra não entrar água.

O quarto capítulo corresponde as etapas de diagnóstico, projeto e obra, indo de uma escala macro para micro. A primeira etapa tem como objetivo analisar a inserção do projeto na cidade, a legislação e seu entorno, juntamente com o diagnóstico projetual, contendo entrevistas, vivências e participação popular, para, assim, desenvolver um projeto mais adequado às necessidades e aos anseios, dentro de uma visão holística.

Já a segunda etapa corresponde ao projeto, tanto na escala paisagística, como também na escala das novas edificações e da Oca Zilma Saturnina. Justificando os trechos paisagísticos, a drenagem, o mobiliário e a postura projetual usada para cada novo equipamento. Para a oca, almejando uma compreensão e uma análise mais assertiva do projeto foi feita preposições da situação, da estrutura, do conforto térmico e do vocabulário construtivo.

Por fim, por meio do canteiro vivo, buscou-se mostrar as partes do projeto que estão sendo executadas, pelo Tonhão e pelo seu José Maria, paralelamente a essa pesquisa.

Colagem Virtual
Fonte: Elaborado
pela autora.

MESTRES
POPULARES
SUSTENTABILIDADE
TERRA

DIAGNÓSTICO

4.1 Diagnóstico urbano -projetal

4.1.1 Especificações urbanas

vivenciar

entrevistar

4.1.2 Diagnostico espacial

participar

PROJETO

4.2 Projeto paisagístico – arquitetônico

4.2.1 Paisagismo

Estudo dos trechos

Drenagem

Mobiliário

4.2.2 Novas construções

OCA

4.3 Oca Zilma Saturnina

4.3.1 Situação

4.3.2 Estrutura

4.3.3 Análise bioclimática

4.3.4 Vocabulário construtivo

OBRA

4.4 Canteiro Vivo

4.1 Diagnóstico urbano-projetual



ESPECIFICAÇÕES URBANÍSTICAS

O MISMEC está localizado na parte mais oeste de Fortaleza, no bairro mais antigo da cidade, Barra do Ceará, pertencente à regional 1. Possui uma área de 3,5 km², fazendo divisa com os bairros Vila Velha, Cristo Redentor, Álvaro Weyne, Floresta e Jardim Iracema.

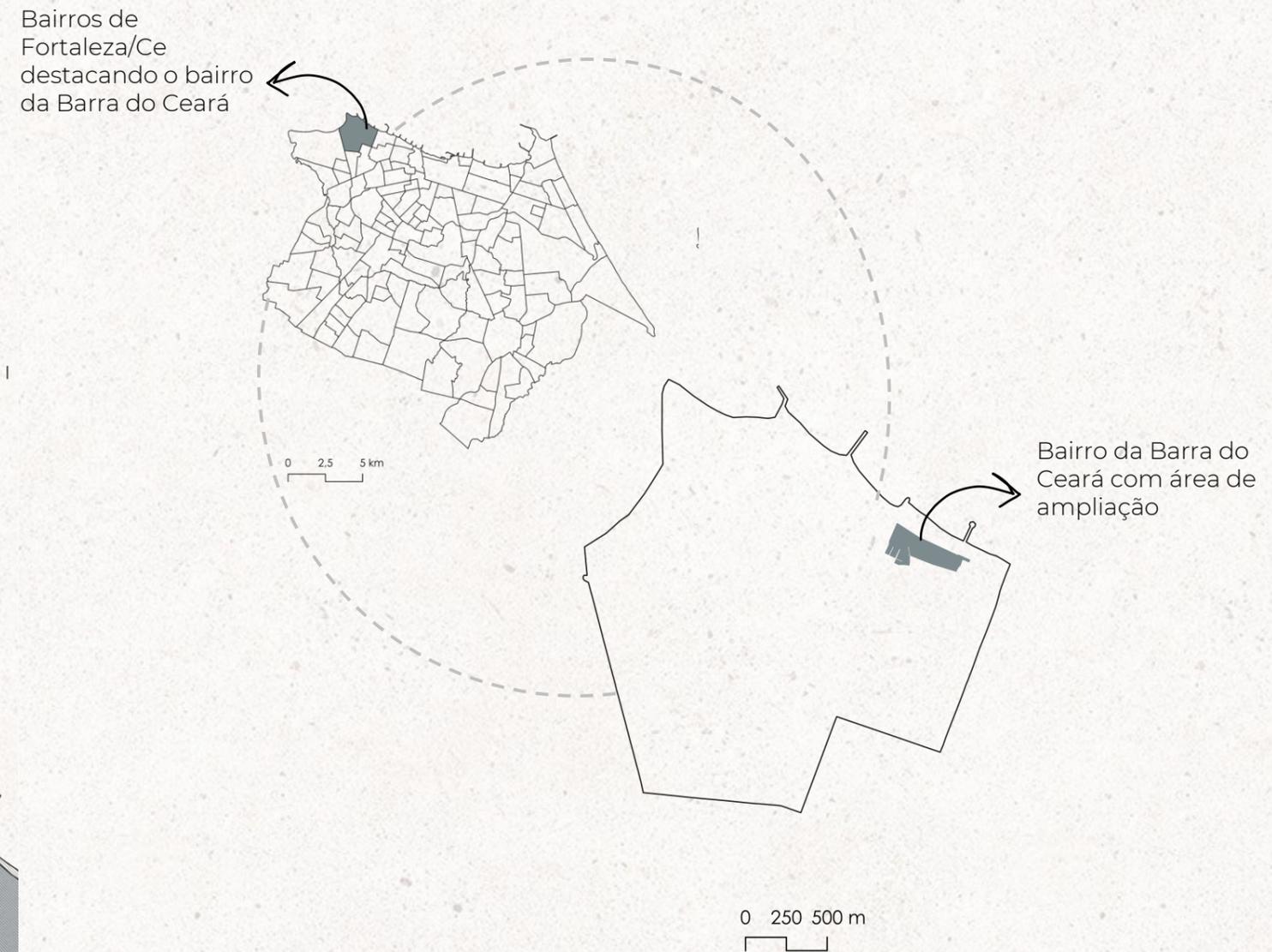
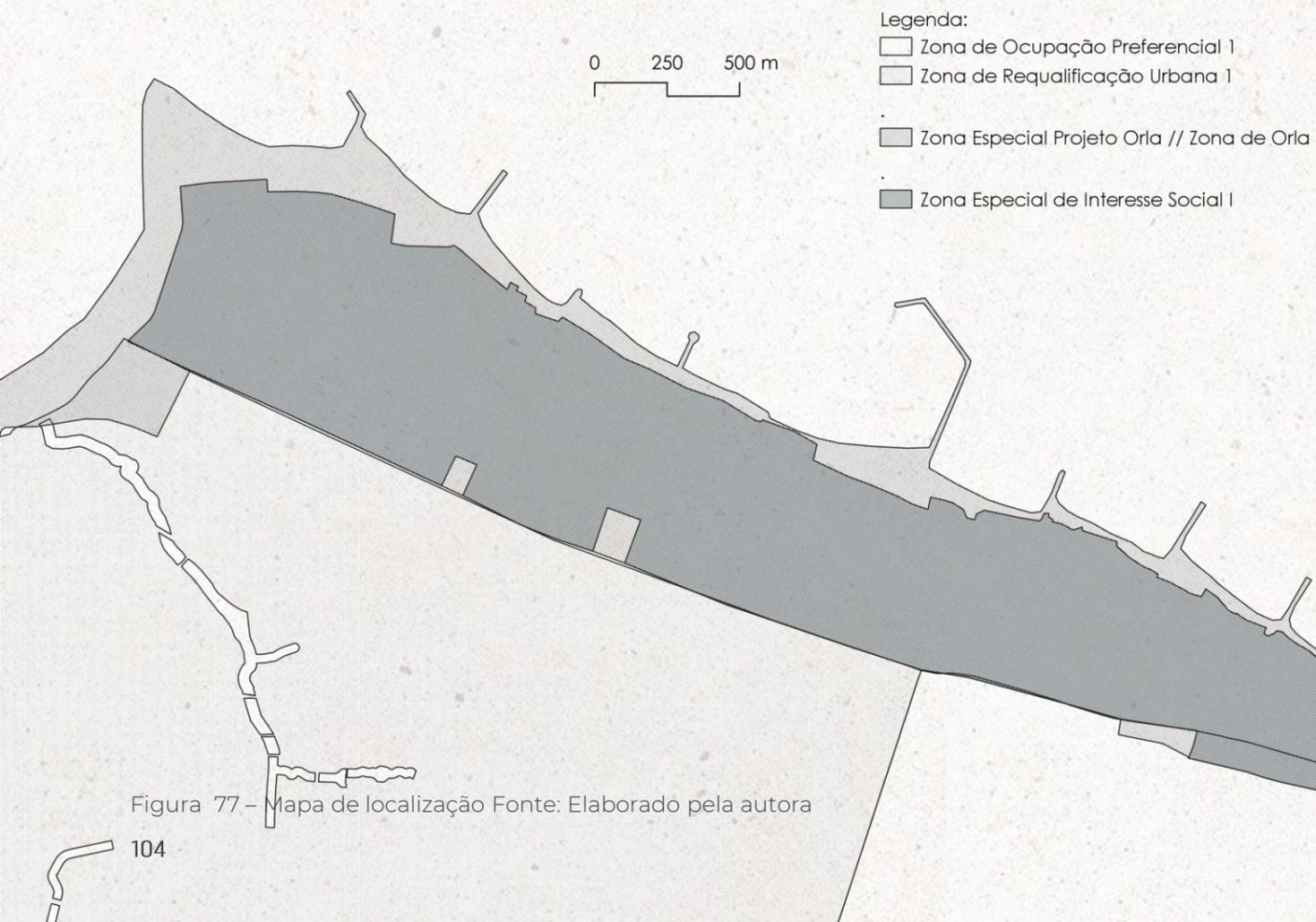
De acordo com a LUOS (Lei de Uso e Ocupação do Solo) 2017 de Fortaleza, o bairro pertence a Zona da Orla (ZO) - Trecho I - Barra do Ceará/Pirambu, caracterizando-se por ser uma área próxima à faixa de praia, possuindo aspectos paisagísticos, potencialidades turísticas, além de função na estrutura urbana. Diante disso, essa zona requer parâmetros urbanísticos específicos, como é mostrado na tabela abaixo.

Ainda, essa área pertence a Zonas Especiais de Interesse Social 1 (ZEIS 1), a qual possui um plano integrado de regularização fundiária, almejando o desenvolvimento global da área, em parceria entre o Município e os ocupantes da área.

Tabela 14– Índices urbanísticos da ZEIS 1

ZONA DE OCUPAÇÃO		ZOI
		Zona da Orla Trecho I
		Barra do Ceará/ Pirambu
TAXA DE PERMEABILIDADE (%)		30
TAXA DE OCUPAÇÃO (TO) (%)	SOLO	50
	SUBSOLO	50
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO (IA)	BÁSICO	1,00
	MÍNIMO	0,25
	MÁXIMO	1,00
FATOR DE PLANEJAMENTO (Fp)		-
ALTURA MÁXIMA DA EDIFICAÇÃO (m)		15,00

Fonte: Elaborado pela autora.



ID	Nome
01	Acesso pedestre - Rua Profeta Isaías
02	Acesso pedestre e automóvel - Rua Dr. José Roberto Sales
03	Chuveiro – point de surf
04	Horta urbana
05	Residências de uso misto



Figura 64, 65, 66, 67, 68, 69 – Estudo do entorno. Fonte – Acervo da autora.



Figura 79 – Planta baixa estudo do entorno. Fonte – Elaboração pela autora.

Tabela 15 – Diagnóstico espacial

Espaço	Observações
Oca Saúde	É a oca que mais se destaca pela sua volumetria e seu vocabulário construtivo, porém precisa de grandes reparos, pois como sua construção é quase toda composta por elementos vegetais, precisa fazer a troca, como a palhoça da carnaúba, as paredes de cipó e de bambu. Quando fui fazer a massoterapia, no período da tarde, senti calor
Oca Restaurante	Vista panorâmica do projeto, na época de chuva estava com goteira por conta da falta de manutenção da palhoça, a cozinha tem pouca circulação de ar, a escada não tem guarda corpo e a canalização da cozinha fica visível/exposta na fachada.
Oca Terapia	Poluição sonora. Os tatames funcionam muito bem para as práticas de yoga e de dinâmicas do chão, dando mais liberdade. Espaço pequeno para a quantidade de pessoas. Sem guarda volume.
Oca Escalda Pés	Ambiente super agradável e reconfortante. As pessoas têm dificuldade de respeitar o silêncio e o “não mexer no celular”. Precisa de uma pia e espaço para guardar as cumbucas, as ervas e o chá.
Oca Galeria	Ambiente propício para estar e convivência, precisa de reparos infraestruturais e não possui acessibilidade.
Oca Escola	escada sem guarda corpo, a palhoça precisa de manutenção, fiação exposta, e o térreo está servindo para depósito do projeto
Farmácia Viva	Falta área de venda e de troca com a comunidade, achei restrito apenas para os profissionais
Administração	Ambiente apertado para a quantidade de funcionários os setores não possuem privacidade entre si e tem área de depósito subutilizada
Casa do Caseiro	Casa pequena para a realidade da família, podendo dificultar o desenvolvimento dos membros. Eles não possuem tanta privacidade, já que o quintal da sua casa é o projeto
Café	Ambiente agradável, mas propício à ampliação dependendo da demanda do cozinheiro e do evento
Banheiros	Extremamente pequeno e sem acessibilidade, não atende a demanda do projeto
Horta + Área De Secagem	Precisa de reparos urgentes, a área da secagem está sem uso, precisa de uma área de descanso para o Seu Valdeci
Caminhos	Com pouca acessibilidade e iluminação, restrito a uma área do terreno, não possui a mesma linguagem, nem materialidade, tornando confuso na maioria do trecho. Não possui bicicletário.
Fachada	Precisa de iluminação, manutenção e pode ser mais chamativo para quem passa na rua, além de poder se apropriar da calçada e da parada de ônibus, oferecendo mobiliários urbanos e espaços contemplativos

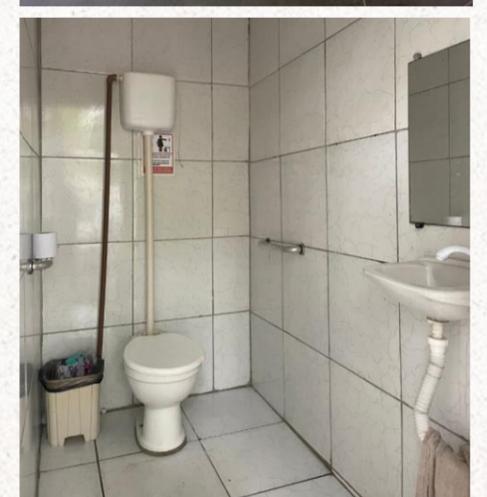
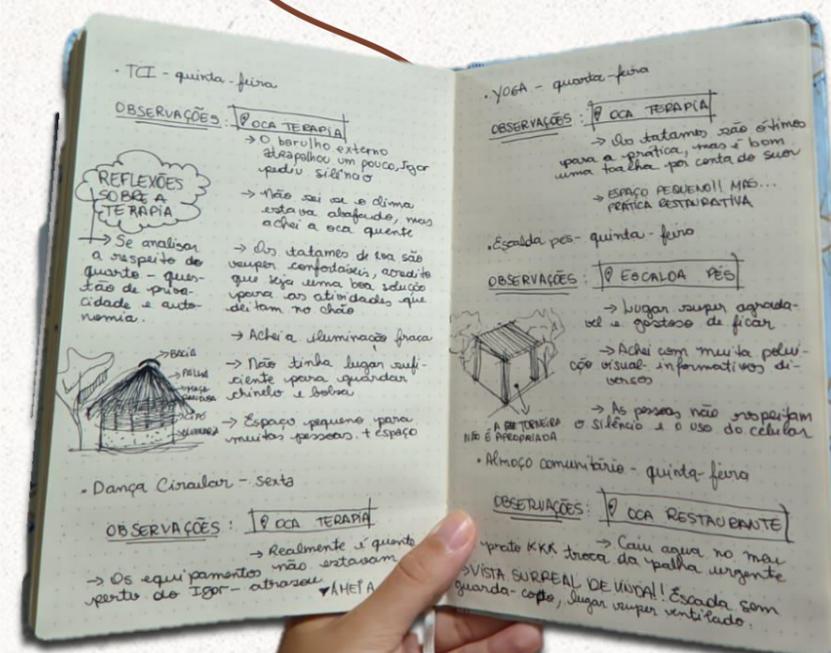
DIAGNÓSTICO ESPACIAL

Com o intuito de compreender as verdadeiras demandas do projeto, fez-se uso de algumas estratégias, dentre elas estão:

Vivenciar as atividades ofertadas, antes de qualquer outra etapa, na tentativa de compreender o espaço como uma usuária/frequentadora e assimilar o que cada atividade demanda espacialmente e funcionalmente, anotando minhas percepções e observações.

Figura 80 – Projeto sem iluminação adequada
 Figura 81 – Ausência de bicicletário.
 Fonte – Figura 82 – Cadeiras sem espaço para guarda-las
 Figura 83 – Oca Restaurante com goteira
 Figura 84 – Banheiros sem acessibilidade
 Fonte – Acervo da autora.

VIVENCIAR



Fonte: Elaboração pela autora

ENTREVISTAR

Entrevistar pessoas de diferentes cargos do projeto, com o intuito de receber respostas diversas, ampliando o campo de percepção das demandas. Com isso, foram entrevistadas duas lideranças do projeto, quinze profissionais e três usuários. Nessas entrevistas semiestruturadas foram divididas em cinco setores, primeiro é a identificação, depois aborda a relação afetiva com o projeto, o terceiro setor tem como foco a atividade executava e/ou ofertada pelo entrevistado e os dois últimos setores, são os principais para o projeto arquitetônico, além de estar presente nas entrevistas dos três públicos, que são a análise espacial e qualitativa e o estudo do entorno, juntamente com a mobilidade.

As respostas colhidas foram essenciais para a construção das demandas e traçar as linhas mestras desse projeto, percebendo quais as maiores dificuldades e necessidades enfrentadas diariamente pelos funcionários, usuários e lideranças.

Análise espacial e qualitativa

Como o projeto MISMEC 4 varas poderia melhorar em sua infraestrutura e em seu espaço para gerar um ambiente mais confortável

- “As salas serem mais acessíveis. (...) Sinto falta aqui de uma mesa, um birô, onde eu tenho todo equipamento aqui, tudo próximo, microfone, o computador, as câmeras, tudo perto de mim. Privacidade” *Marcelino*
- “(...) um auditório para que eu possa fazer seminários, encontros e deixar para cada pessoa a minha aprendizagem que eu aprendi nessa longa caminhada com o doutor, essa longa caminhada que eu aprendi também com o povo da comunidade, aprendi também com os colaboradores do MISMEC. (...) De um escritório que não seja muito pequeno, porque quando a gente está atendendo fica todo mundo escutando, então que fosse um escritório mais particular, mais reservado.” *Olga*

“Farmácia viva voltar a funcionar, uma parte de venda de mudas e de plantas. Precisamos de placas de identificação das plantas. Obra essencial é banheiro. Hoje o banheiro é bem precário para a quantidade de pessoas que a gente recebe, teria que ter banheiros bem adaptados. Outra obra é o salão, um salão terapêutico que a gente tem sonhado, pensado, todo dia escreve, mede, mas nunca consegue recurso pra construí-lo, seria esse salão para até trezentas pessoas, isso seria um sonho do quatro varas. Acho que o Quatro Varas tem que começar a ser setorizado.” *Cláudio*

- “Lógico que a gente hoje precisa de uma oca que comporte duzentas pessoas.”
“O que precisa melhorar são as condições da estrutura, por ser uma oca de trinta e cinco anos, sempre tem que fazer essas restaurações, precisa trocar a palha, o cipó, melhorar na estrutura e a iluminação é mediana. Aqui é quente, a “quentura”, principalmente na parte da tarde, algumas pessoas reclamam.” (Ref. Oca saúde) *Leide*
- “Sala realmente reservada pra questão da edição de vídeo” *Meiryelli*

O que você sente falta no projeto MISMEC 4 varas? E que poderia ter.

- “Arquivar os audiovisual do quatro varas, fazer a Casa da Memória Quatro Varas e uma lojinha também, pra vender lambedor, alecrim, gel massageador, blusas e canecas personalizadas.” *Meiryelli*
- “ Poderia ter mais banheiros , falta a escolinha das crianças como antigamente tinha” *Joelson*
- “ Acho que de infraestrutura, de físico, seria mais esse olhar para a inclusão, porque é uma estrutura de 1987 e que hoje a gente vê essa questão da inclusão. As passarelas que estão sendo feitas voltado para esse olhar mais inclusivo, porque a topografia é muito íngreme, então tem que criar essas passarelas pensando nesse povo.” *Igor P.*
- “ A lojinha é algo, de fato, que faz muita falta na instituição, ter uma lojinha, uma vitrine que a pessoa chega e olha. Sinto falta é a parte do social, hoje a gente está muito no atendimento da dor, do sofrimento, um atendimento de saúde mental e isso não é social pra mim, o social é voltar de fato, acolher os adolescentes que querem algo, que nem foi o meu caso na época da minha turma, vários saíram fazendo faculdade, estão em outra área muito boa, por sinal. Era algo que transformava a vida dos jovens da comunidade, hoje a gente tem dito que os Quatro Varas não tem nada social, nesse quesito de acolher jovens, acolher mães muito jovens” *Cláudio*
- “Eu também vejo aqui que o caminho para cadeirantes é muito difícil, aquela rampa está ajudando muito, mas ainda tem muitos caminhos ruins para eles passarem, o caminho para administração, por exemplo, são de pedras espaçadas, é muito difícil a passagem deles.” *Marcelino*
- “Trabalhar com crianças de uma forma lúdica, uma oca maior para terapia e oca menor ficaria para atender as crianças seria maravilhoso, porque antigamente tinha trabalho com crianças e muitos adultos que hoje trabalham aqui foram essas crianças. (...) Melhorar a ventilação das salas para o terapeuta que está lá dentro, porque tem pouco conforto, hoje a gente não tem armários. Melhorar, realmente, a sala de atendimento, porque é muito quente, nem todos tem um armário, nem todos tem armário pra eles colocarem os cremes, os lençóis.” *Olga*

Estudo do entorno e mobilidade

Como é seu deslocamento? O que você acha da relação do entorno com o projeto?

- A pé – ônibus – bicicleta – carro – transporte por aplicativo
- “Mas a gente nunca perdeu a integração, não é o propósito da instituição perder a integração com a comunidade. A gente quer com a construção dessa passarela, guiar fazer uma espécie de direcionamento para quem vai ser atendido e um direcionamento para quem vai só transitar na instituição, atravessar.” *Cláudio*
- “Eu acho que tinha que cuidar mais do muro, de algumas coisas, porque tem uma liberdade muito grande e às vezes o pessoal só leva. Mas por outro lado, eu sinto o projeto falecer, eles poderiam se apropriar mais.” *Valdeci*
- “Interativa.” *Luana*
- “E eu acho que o muro dificulta um pouco essa conexão, porque antes tinha uma identificação, pintado “4 varas”, tinha uma aranha pintada, muito lindo, mas por não terem pintado mais acabou que ficou sem, então as pessoas não sabem o que é, só identificam o projeto pelo postinho.” *Meiryelle*

PARTICIPAR

(...) O conceito de etnoarquitetura como aquela arquitetura produzida pelas etnias e capaz de identificá-las por seu peculiar desenho cultural. A partir da observação das características construtivas dos diversos povos é possível desenvolver projetos mais adequados às suas necessidades e anseios, dentro de uma visão holística de etnoarquitetura. (PORTOCARRERO: 2018)

Para entender, tanto o diagnóstico, como o estudo preliminar, primeiramente, foram utilizadas as diretrizes da etnoarquitetura, que permearam todo o andamento do projeto, que são: entender a arquitetura e a cultura produzida pelas etnias e civilizações, compreendendo, assim, suas contribuições, seus desafios e seus princípios construtivos; identificando, posteriormente, seus desenhos, características e soluções frente às adversidades; desenvolver um projeto que melhor se adeque aos padrões culturais, à disponibilidade e às técnicas relacionadas à mão-de-obra local, à questão da materialidade com o povo e o ambiente; aplicando, assim, esses conhecimentos à comunidade do Projeto MISMEC 4 Varas.

METODOLOGIA PARTICIPATIVA

Pensando na contribuição dos funcionários e da comunidade nesse processo projetual, foi desenvolvido um método participativo de elaboração de oficinas temáticas com o foco na compreensão do terreno e das linguagens tipológicas das técnicas construtivas, na reflexão das necessidades primordiais, para, assim, entender e elaborar as demandas infraestruturais para o desenvolvimento do projeto.



Figura 85 – Oficina Participativa . Fonte- Acervo da autora

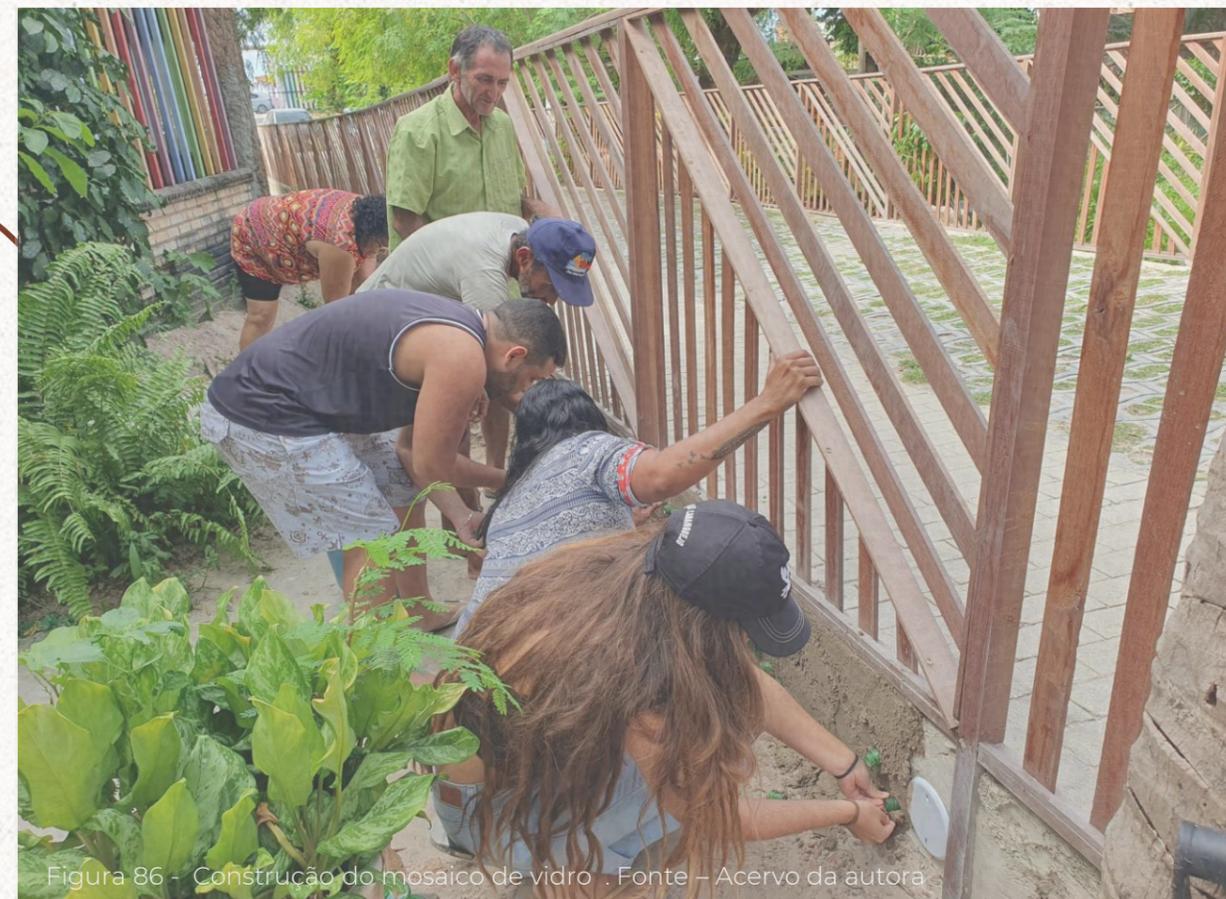


Figura 86 - Construção do mosaico de vidro . Fonte – Acervo da autora

4.2 Projeto paisagístico - arquitetônico



Figura 87 – Fachada propositiva do MISMEC 4 Varas. Fonte – Elaboração pela autora.

4.2.1 PAISAGISMO

Como dito anteriormente, a organização espacial do MISMEC 4 Varas possui características afro-indígena, sendo dispersa, integrada com a natureza, com paisagismo denso de grande e médio porte, tendo como foco as plantas medicinais e com caminhos curvos, predominando os traços orgânicos. Essa postura paisagística contribui para a drenagem da chuva, cria e equilibra o microclima e o ecossistema, além de produzir grandes sombras, ervas, frutas e outros alimentos.

Dialogando com essa análise e juntando as demandas vigentes, são projetados três eixos norteados por três árvores de grande porte, tendo seu protagonismo pela sua coloração, pela sua identidade e pelo traço marcante no terreno.

Os três eixos, buscam manter em seus desenhos o traço orgânico e os marcos vegetais, por meio da sua coloração e do aroma, permitindo uma experiência sensorial, unindo plantas da mesma colocação, mas com aromas diversos, fazendo com que o sentido olfativo seja um dos guias predominantes. Os caminhos são orgânicos, permitindo uma contemplação e inserção no microclima, possuindo tanto caminhos acessíveis, como também caminhos secundários de pedra, o que permite acessos e visuais diversos.

Mesmo criando eixos norteadores com suas características próprias, o projeto faz uso dos caminhos, de forma harmônica, para conectar e integrar a comunidade, com o mar e com os equipamentos, além de gerar percursos sombreados, convidativos e acolhedores.

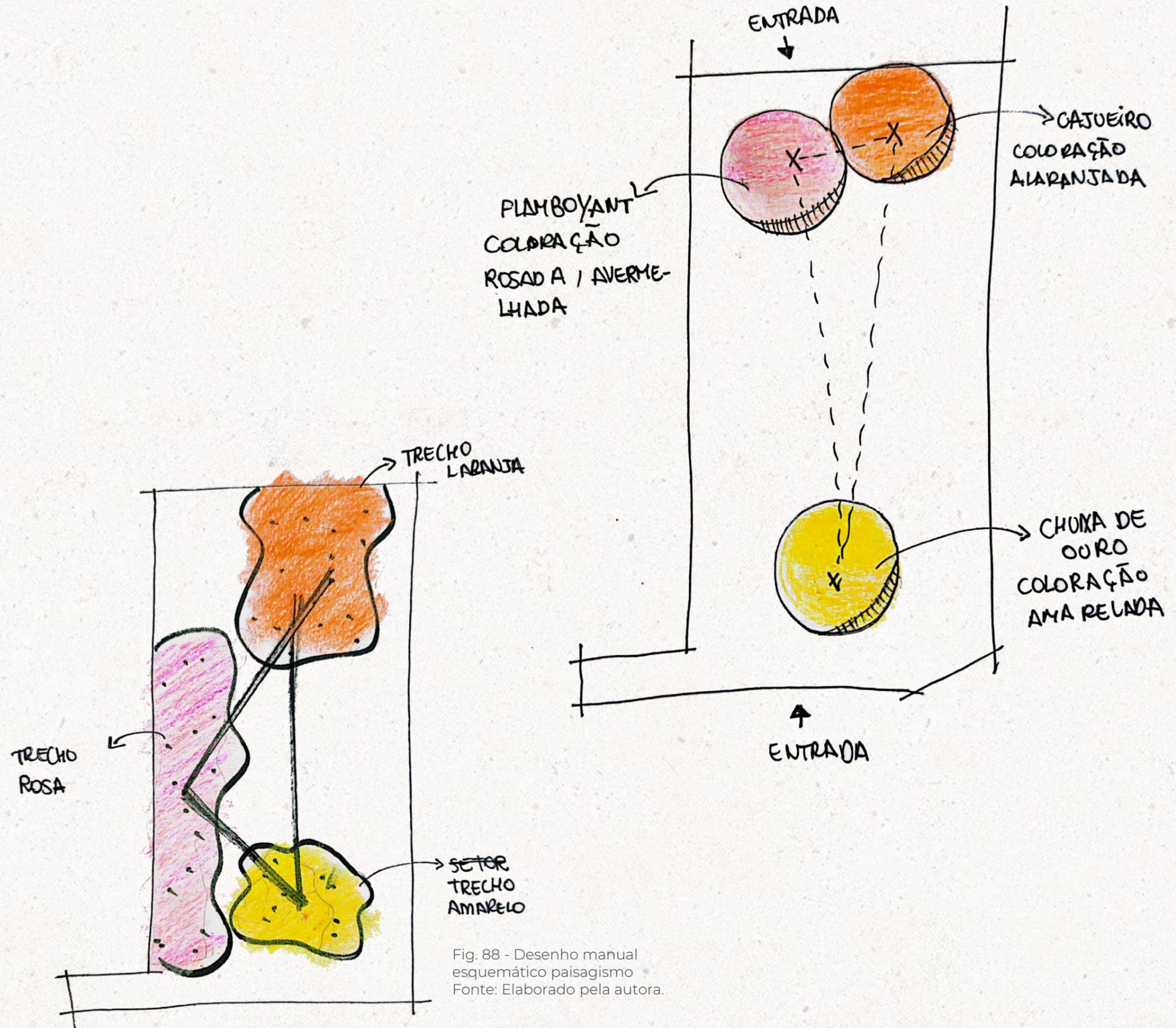
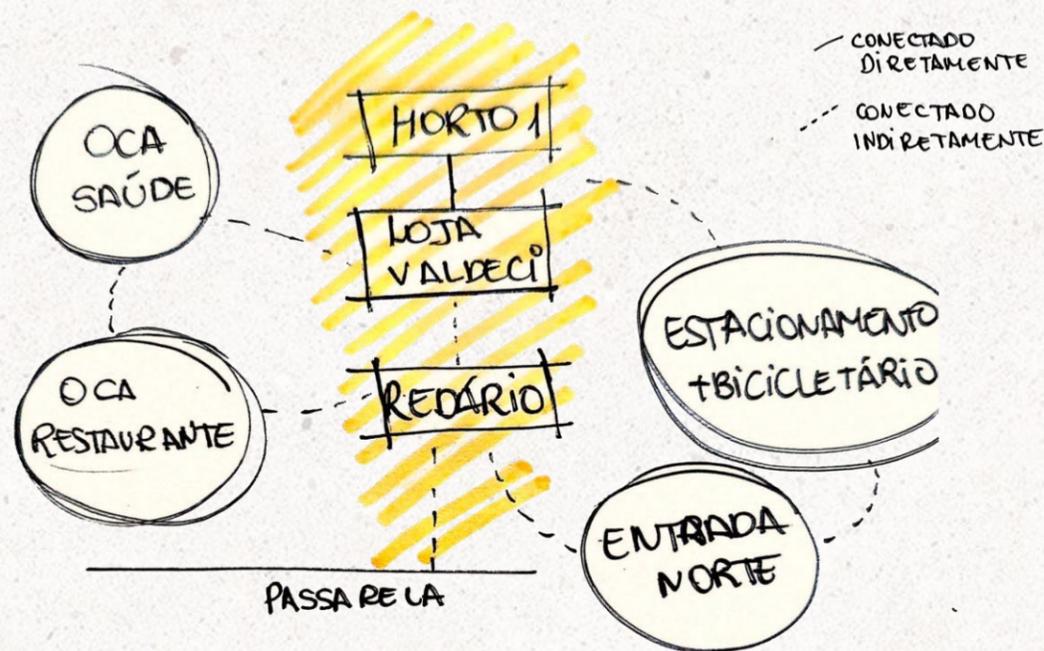


Fig. 88 - Desenho manual esquemático paisagismo
Fonte: Elaborado pela autora.

TRECHO AMARELO - CHUVA DE OURO

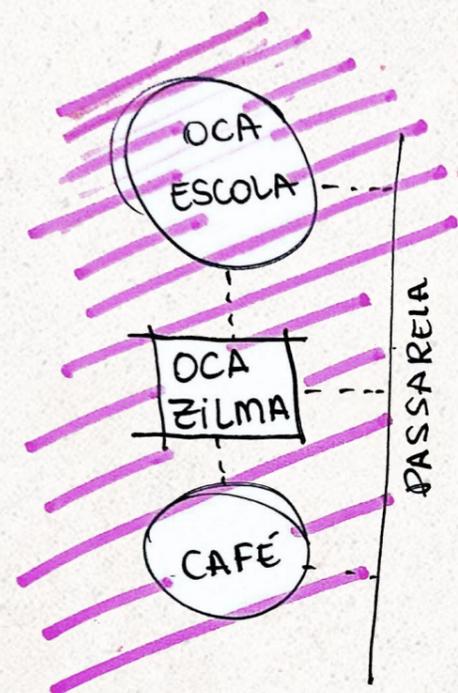
Localizada na parte noroeste do projeto, esse trecho conecta a entrada e o estacionamento com a passarela, estando rodeada pela Oca da Saúde e a Oca Restaurante. Possui espaço de convivência e descanso, com redários e espelho d'água, além de espaço de vendas e horto, com a Loja Valdeci. Os caminhos se bifurcam suavemente e se incorporam com as árvores já existentes e com as novas propostas, como os ipês amarelos e as bananeiras. Com isso, o fluxo é conduzido e direcionado de uma forma contemplativa com as copas amareladas e sombreada, gerando seu próprio microclima.

Vale ressaltar que no horto é mantido o mesmo canteiro "atrepado", setorizado por espécies, como sugerido pelo Valdecir (entrevista no apêndice).



TRECHO ROSA - FLAMBOYANT

Esse trecho, localizado na parte leste do projeto, tem sua principal função de conexão e recepção. Além de integrar a Oca Escola, a Oca Nova, o Café e a passarela, ele conecta de forma acessível, com rampas de inclinação 8%, os diferentes níveis da Oca Nova, garantindo seu acesso. Tanto pela Oca Nova comportar 250 pessoas, como o alto fluxo de pessoas circulando no café, esse espaço serve de hall, comportando e recepcionando, de forma confortável, esses fluxos intensos.



TRECHO LARANJA - CAJUEIRO

O trecho laranja, situado mais próximo da comunidade, conecta a parte administrativa e casa do seu Valdecir com a farmácia viva, a área de secagem e os banheiros, além da Oca Terapia e a Loja MISMEC, criando espaços de convivência e de plantio entre eles.

Como nesse trecho possui um marco para o projeto, que é o cajueiro onde acontecia as primeiras reuniões, o objetivo é integrá-lo com o restante dos espaços e retomar as reuniões com mobiliário ao redor da árvore.

Nesse trecho, há uma área de terreno sem mobiliário, apenas com o desenho da aranha no centro, criando-se um templo ao ar livre com os canteiros redondos de tocos de madeiras para as plantas medicinais ao redor, facilitando o manejo pros remédios e pras terapias. Essa área é rodeada com guarda-corpo para ter um controle interno das plantas.

Outro ponto importante é o espaço entre a Farmácia Viva e a Administração, o qual se encontra abandonado atualmente. Por isso, é proposta uma arquibancada ao ar livre, tendo as copas das árvores como sua cobertura, juntamente com a criação de um palco, criando um novo espaço de recepção, de apresentação e de convivência.

Vale ressaltar que se utilizou do paisagismo para gerar mais privacidade à casa do seu José Maria, usando cerca viva e vegetação de médio e grande porte para gerar uma barreira permeável.



Fig. 89 - Esquema manual esquemático paisagismo
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 90 – Trecho .Laranja. Fonte - Elaboração pela autora.



Figura 91 – Trecho amarelo. . Fonte - Elaboração pela autora.



Figura 92 – Trecho Rosa . Fonte - Elaboração pela autora.



Figura 93 – Isométrica. Fonte - Elaboração pela autora.

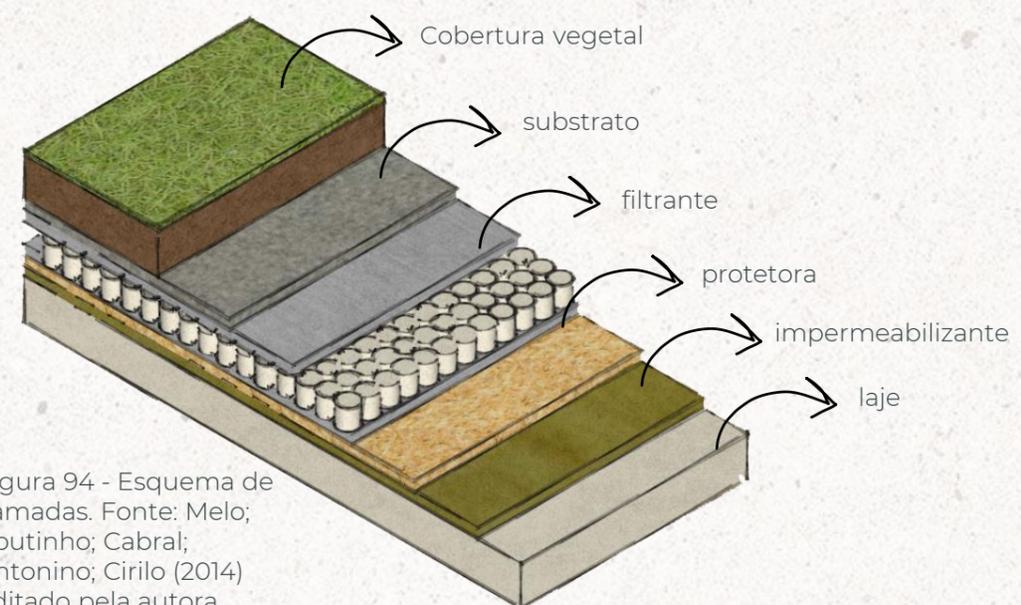


Figura 94 - Esquema de camadas. Fonte: Melo; Coutinho; Cabral; Antonino; Cirilo (2014) editado pela autora

DRENAGEM

Com o intuito de gerir o escoamento das águas pluviais, aproveitando o declive do terreno, foi projetado trechos de jardins de infiltração, os quais captam o volume de água, mantendo-o armazenado em sua área até que ocorra a sua infiltração de forma gradual. Isso ocorre, sobretudo por meio da terra permeável dividida em camadas de solo, areia e cascalho. Essa prática contribui para melhora da qualidade da água e a redução da erosão do solo.

De acordo com OLIVEIRA (2020), além das camadas de drenagem, a adoção de uma cobertura vegetal no jardim com raízes densas auxilia na diminuição da concentração do calor, o que é ideal para o conforto térmico das áreas contemplativas do projeto. Com isso, optou-se por plantas como a bananeirinha-de-jardim e o capim de burro.

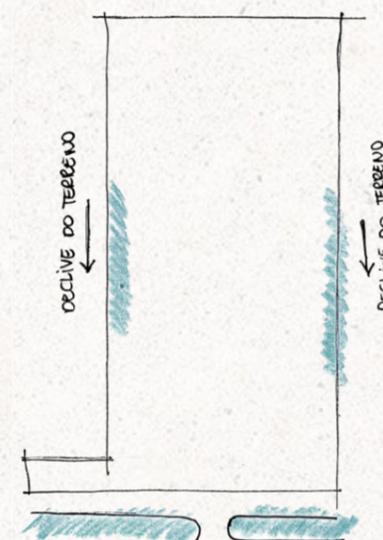
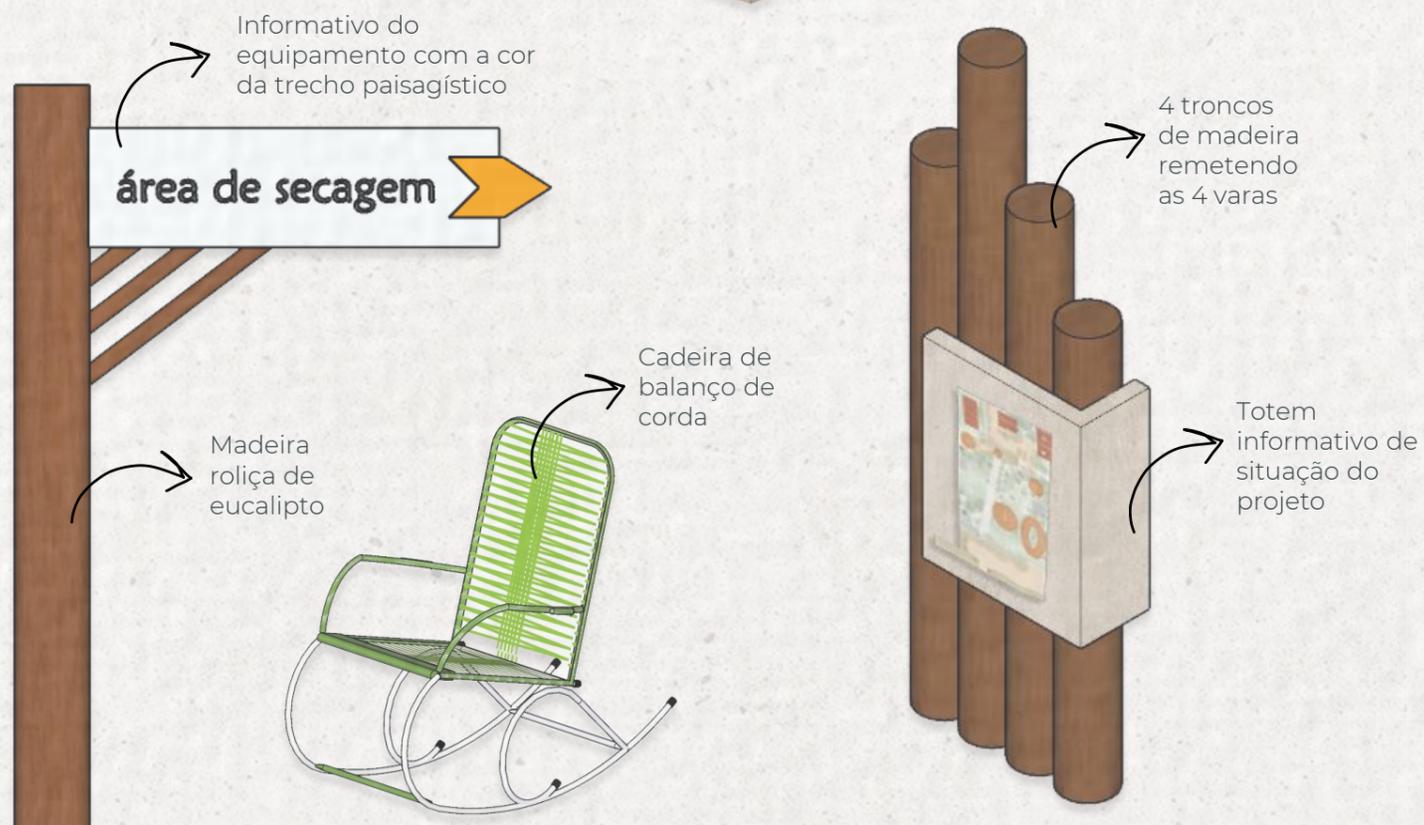
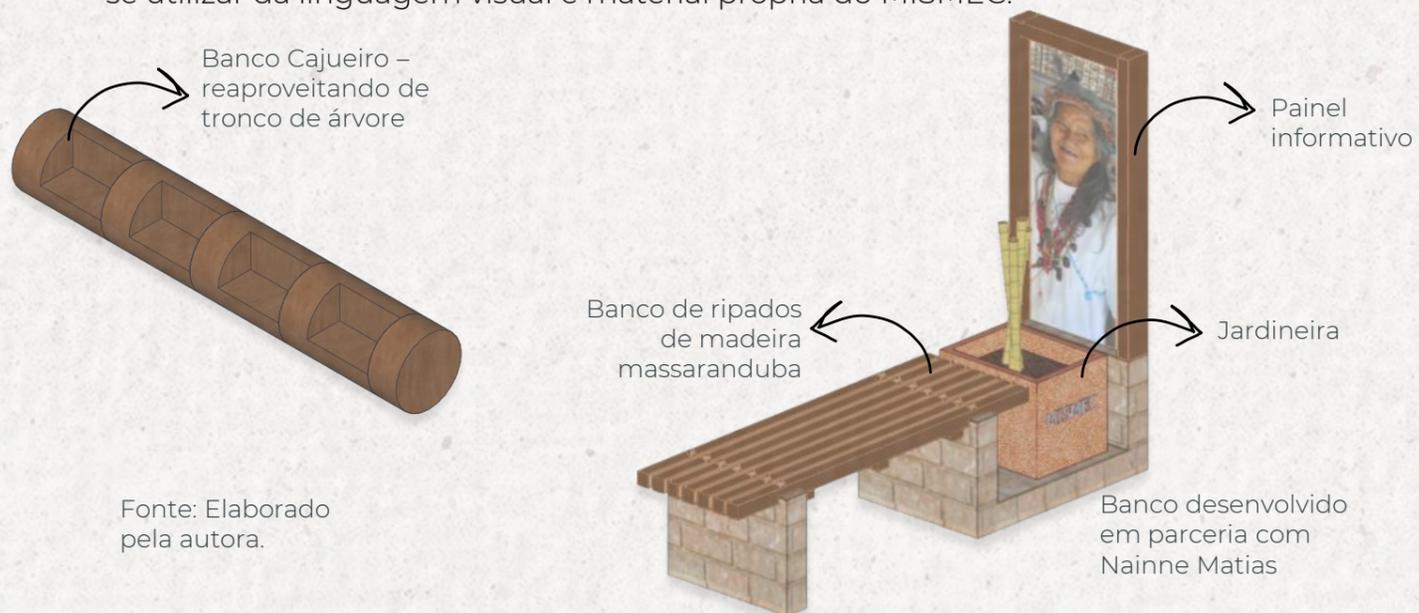


Fig. 95 – Áreas do jardim de infiltração do MISMEC 4 Varas Fonte: Elaborado pela autora.

MOBILIÁRIO

Por meio de soluções técnicas advinda dos traços artesanais ancestrais e do contexto local e cultural, foi utilizado mobiliários, como banco, cadeira de balanço e lixeira para atender as necessidades do projeto. A materialidade consiste em elementos ecoeficiente e regenerativo, como a madeira, a palha e o barro.

Ainda, adotando como estratégia sinalética, totens e placas de orientação, de madeira e palha, situados em pontos estratégicos, como nas duas entradas e próximos aos equipamentos, esses objetos visam alcançar seu objetivo prático de sinalizar e ajudar as pessoas a chegarem em seus respectivos destinos, favorecendo ao mesmo tempo um senso de pertencimento e identificação, ao se utilizar da linguagem visual e material própria do MISMEC.



“Eu acredito que o artesanato nasce dessa capacidade de lidar com matérias-primas ao redor de forma criativa. (...). A pulsão artística e estética desse produto continua lá, o que mudou foi o material usado. Então, na verdade, esse jogo entre tradição e inovação está presente o tempo todo na nossa vida. A gente tem as origens, tem todas as influências do dia a dia, da contemporaneidade e você vai mudando.”
Entrevista Adélia Borges: Identidade em movimento



TRATAMENTO DE LIXO

Pensando em um descarte mais consciente e correto do lixo do projeto, faz-se a instalação de três composteiras, as quais transformam o lixo orgânico produzido pelo Café, pelo horto e pela Farmácia Viva em fertilizantes e adubos naturais, podendo ser utilizados no próprio horto ou até comercializados.



Figura 98 - . Fonte – Elaboração pela autora.

Nesse mesmo espaço, é projetado um local com mesas, pias e armários para a separação do lixo seco e do lixo orgânico, contribuindo, assim, para a reciclagem. Essa separação dos resíduos em categorias específicas como papel, plástico, metal e vidro permite que os materiais sejam reutilizados da melhor forma. A adoção dessas práticas diminui a demanda por aterros sanitários, a emissão de poluentes e proliferação de doenças.

4.2.2 Novas construções



Figura 97 – Perspectiva isométrica
Fonte - Elaboração pela autora.

REDÁRIO

Compõe o trecho amarelo, juntamente com o espelho d'água, tendo o intuito de gerar mais um ambiente contemplativo de descanso, de trocas e de reflexão. O redário é formado por oito pilares de madeira de 25cm de diâmetro localizados na margem e um no centro, compondo um grande círculo de 7m de diâmetro. O posicionamento dos pilares gera uma planta flexível, podendo comportar tanto as rede de tucum, como qualquer outro mobiliário de estar. A cobertura é desenhada com ripas de madeira espaçadas que, ao depender do dia e do horário, gera uma projeção do desenho no chão.



Figura 99 - . Fonte - Elaboração pela autora.

LOJA VADECIR

A loja, localizada no trecho amarelo, possui dois ambientes interligados internamente entre si, tendo um depósito para equipamentos de jardinagem e descanso de Seu Valdeci, como também um espaço para venda de mudas e remédios naturais fabricados na Farmácia Viva.

A construção é formada por alvenaria, estrutura de madeira eucalipto e cobertura de palha de duas águas desencontradas com inclinação de 75° e de 60°, com uma abertura voltada para o oeste, a qual contribui para a ventilação e a iluminação natural do ambiente.



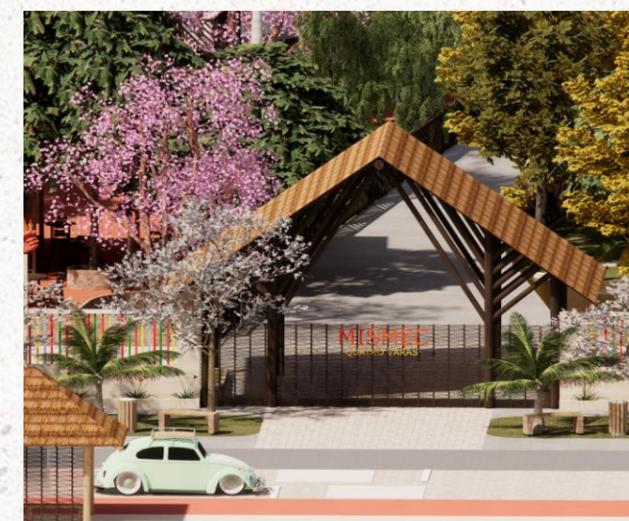
Figura 100 - . Fonte - Elaboração pela autora.

PÓRTICO DE ENTRADA

Um espaço de 5m x 9,25m situado na entrada norte do terreno, foi projetado com o intuito de direcionar e abrigar os fluxos, tanto de pedestres, quanto de veículos e bicicletas.

Seus telhado de duas águas de palha com inclinação de 70°, juntamente com pilares de madeira de 25cm de diâmetro, almeja tanto gerar um impacto na fachada para quem caminha pelo Vila do Mar, como acolher quem passa pela calçada e se sente convidado a adentrar no projeto.

Figura 101 - . Fonte - Elaboração pela autora.



LOJA MISMEC 4 VARAS

Projetada para comportar o bazar de roupas, acessórios e livros, possui o layout projetado para expor peças com armários baixos e araras de madeira. Utilizou-se de uma construção já existente, a Oca Recepção, mantendo sua forma, seu simbolismo e sua estrutura de madeira e de palha, mudando seu uso e adicionado vidro em algumas fachadas, funcionando como vitrines para exposição das peças. A loja está conectada com a passarela, recebendo fluxos de vários sentidos, portanto, tendo um posicionamento estratégico no terreno.



Figura 103 - . Fonte - Elaboração pela autora.



Figura 104 - . Fonte - Elaboração pela autora.

PARQUINHO NATURALIZADO

Para atender as demandas das crianças da Oca Escola, o parquinho naturalizado foi projetado pensando em um território recreativo e educativo, com brincadeiras sensoriais, interativas e lúdicas, fazendo uso do próprio terreno e de materiais naturais, como árvores, plantas e tronco para criar balanços, escadas e bancos.

Segundo BARROS (2022), esse tipo de parque infantil possui várias vantagens, dentre elas: o aumento da permeabilidade do solo, a geração de encontros intergeracionais e a oportunidades de brincadeiras mais livres, ativas e criativas.



Figura 105 - . Fonte - Elaboração pela autora.



Figura 106 - . Fonte - Elaboração pela autora.

4.2.2 Novas construções



Figura 102 - Perspectiva isométrica .
Fonte - Elaboração pela autora.

ÁREA DE SECAGEM

Localizado entre o Posto de Saúde Quatro Varas e a Farmácia Viva, é um equipamento projetado para a secagem das plantas medicinais pós-colheita. Essa área é essencial para o funcionamento da Farmácia Viva, pois a retirada da água contínua das células das plantas garante o aumento da conservação destas.

O layout é composto por áreas de estiragem das plantas em uma supercílio plana, com armários e prateleiras, para organização e setorização das etapas de secagem, além de possuir depósito para armazenamento. Sua construção garante tanto a entrada de luz, como a ventilação natural ao optar pelo uso de entrelaçados de cipó nas paredes, o que auxilia no processo de secagem das plantas.

ARQUIBANCADA

Um espaço multiuso e interdisciplinar, servindo tanto para contemplação, como também para recepção e convivência, visto que está localizada no trecho laranja, mais especificamente entre a Administração e a Farmácia Viva.

O ambiente é formado por um palco circular de madeira e uma arquibancada de 12m de comprimento com três níveis, tendo as copas das árvores como sua cobertura.

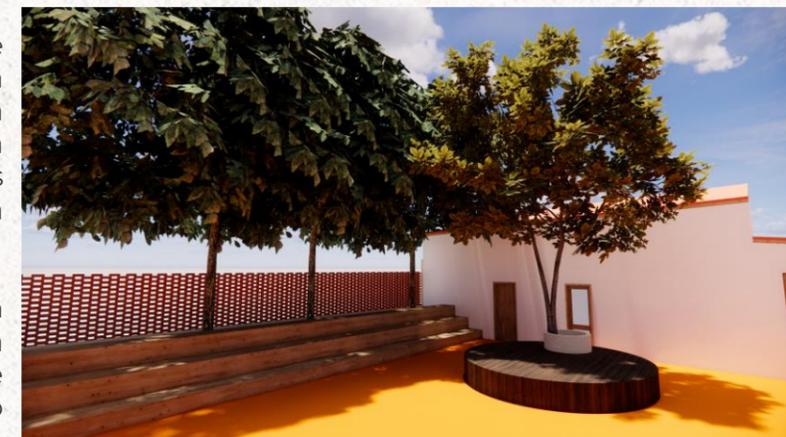


Figura 107 - . Fonte - Elaboração pela autora.

BANHEIROS

Pensando em manter o suporte dado para a Oca Terapia e atender o trecho laranja, o banheiro é composto por uma construção tradicional de alvenaria e telhado cerâmico de uma única água. Possui quatro cabines acessíveis e sem gênero de 1,5m x 2m, sendo três dessas para banheiros e uma para chuveiro e fraldário.

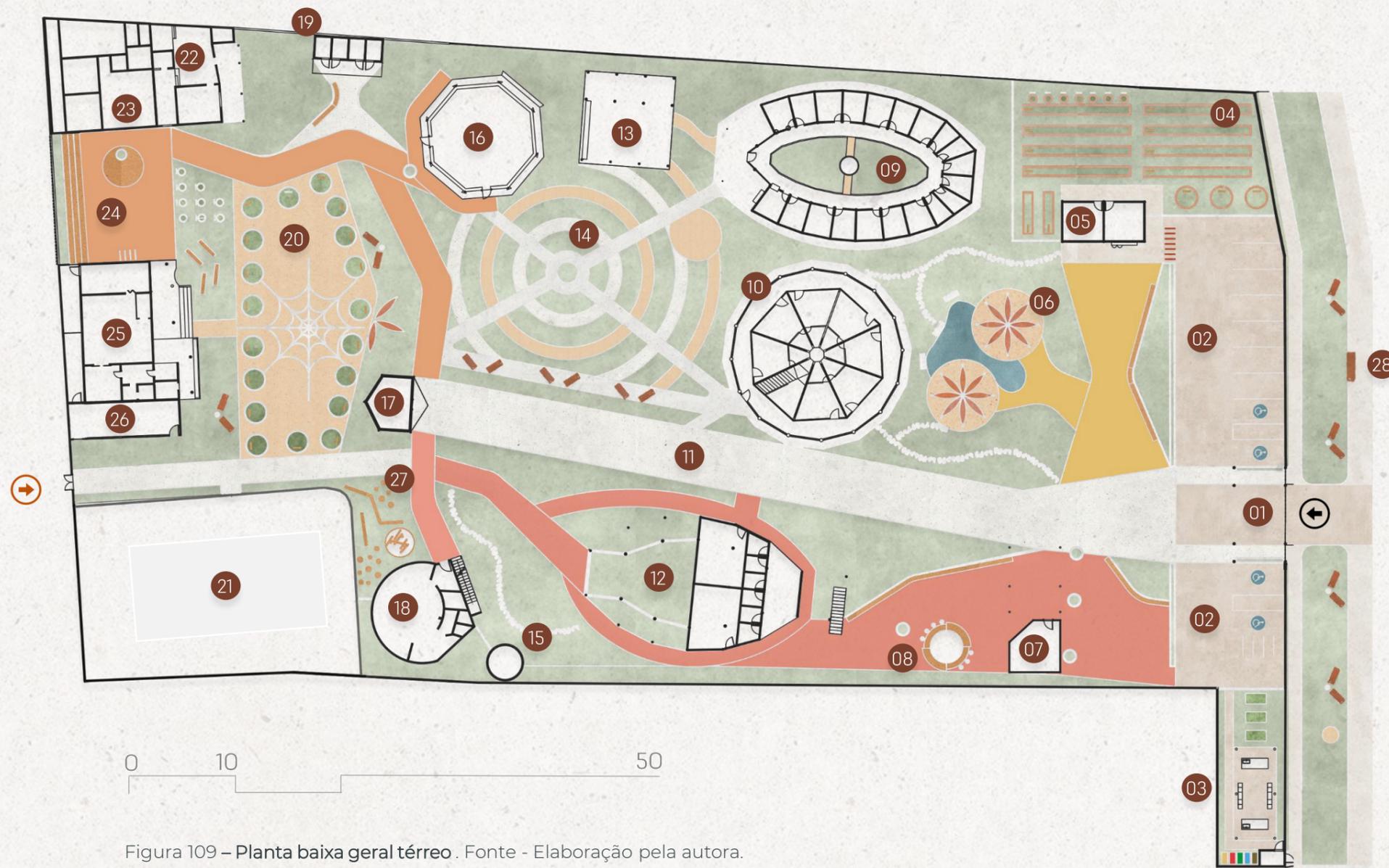
Figura 108 - . Fonte - Elaboração pela autora.





5m

5m



0 10 50

Figura 109 – Planta baixa geral térreo. Fonte - Elaboração pela autora.

ID	AMBIENTE	ÁREA
01	Pórtico de entrada	46,25 m ²
02	Estacionamento	390,00m ²
03	Tratamento de lixo	112,65 m ²
04	Horto 01	295,00 m ²
05	Loja Valdeci	32,00 m ²
06	Redário	38,50 m ²
07	Café	67,00m ²
08	Cisterna	
09	Oca saúde	340,00m ²
10	Oca Restaurante	420,00m ²
11	Passarela das flores	
12	Oca Zilma Saturnina	440,00m ²
13	Escalda pés	79,00m ²
14	Horto 03	
15	Caixa d'água	10,00m ²
16	Oca Terapia	86,12m ²
17	Loja Mismec 4 Varas	17,56m ²
18	Oca Escola	142,00m ²
19	Banheiros	15,00 m ²
20	Horto 02	325,00 m ²
21	Posto de Saúde 4 Varas	470,00m ²
22	Casa José Maria	84,00m ²
23	Administração	111,00m ²
24	Arquibancada	140,00m ²
25	Farmácia Viva	137,00m ²
26	Área de secagem	33,00 m ²
27	Parquinho naturalizado	65,00 m ²
28	Parada de ônibus	8,00m ²

-  Acesso pedestre e veículos
-  Acesso pedestre e bicicleta

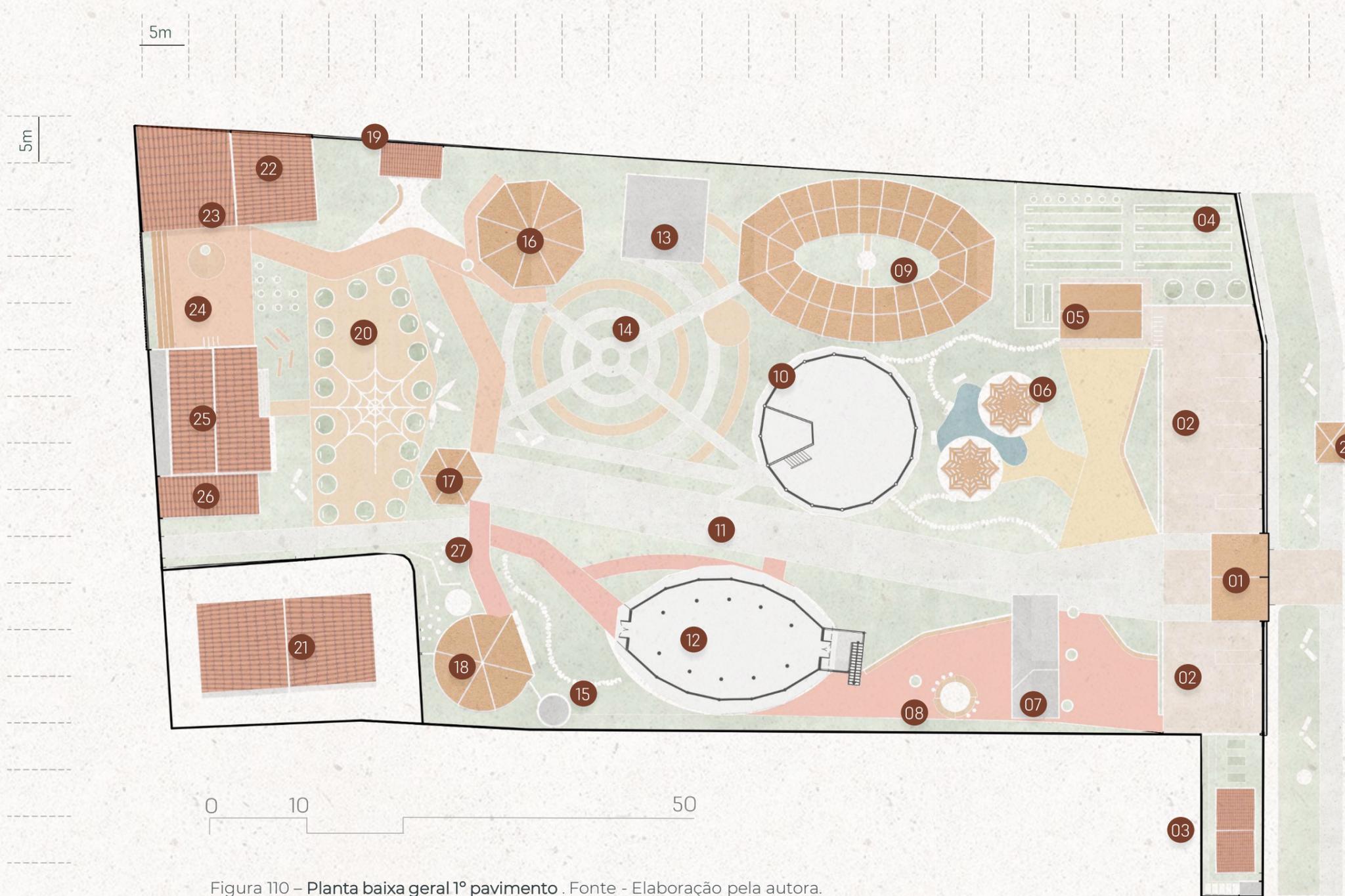


Figura 110 – Planta baixa geral 1º pavimento . Fonte - Elaboração pela autora.

ID	AMBIENTE	ÁREA
01	Pórtico de entrada	46,25 m ²
02	Estacionamento	390,00m ²
03	Tratamento de lixo	112,65 m ²
04	Horto 01	295,00 m ²
05	Loja Valdeci	32,00 m ²
06	Redário	38,50 m ²
07	Café	67,00m ²
08	Cisterna	
09	Oca saúde	340,00m ²
10	Oca Restaurante	420,00m ²
11	Passarela das flores	
12	Oca Zilma Saturnina	440,00m ²
13	Escalda pés	79,00m ²
14	Horto 03	
15	Caixa d'água	10,00m ²
16	Oca Terapia	86,12m ²
17	Loja Mismec 4 Varas	17,56m ²
18	Oca Escola	142,00m ²
19	Banheiros	15,00 m ²
20	Horto 02	325,00 m ²
21	Posto de Saúde 4 Varas	470,00m ²
22	Casa José Maria	84,00m ²
23	Administração	111,00m ²
24	Arquibancada	140,00m ²
25	Farmácia Viva	137,00m ²
26	Área de secagem	33,00 m ²
27	Parquinho naturalizado	65,00 m ²
28	Parada de ônibus	8,00m ²

-  Acesso pedestre e veículos
-  Acesso pedestre e bicicleta



ID	AMBIENTE	ÁREA
01	Pórtico de entrada	46,25 m ²
02	Estacionamento	390,00m ²
03	Tratamento de lixo	112,65 m ²
04	Horto 01	295,00 m ²
05	Loja Valdeci	32,00 m ²
06	Redário	38,50 m ²
07	Café	67,00m ²
08	Cisterna	
09	Oca saúde	340,00m ²
10	Oca Restaurante	420,00m ²
11	Passarela das flores	
12	Oca Zilma Saturnina	440,00m ²
13	Escalda pés	79,00m ²
14	Horto 03	
15	Caixa d'água	10,00m ²
16	Oca Terapia	86,12m ²
17	Loja Mismec 4 Varas	17,56m ²
18	Oca Escola	142,00m ²
19	Banheiros	15,00 m ²
20	Horto 02	325,00 m ²
21	Posto de Saúde 4 Varas	470,00m ²
22	Casa José Maria	84,00m ²
23	Administração	111,00m ²
24	Arquibancada	140,00m ²
25	Farmácia Viva	137,00m ²
26	Área de secagem	33,00 m ²
27	Parquinho naturalizado	65,00 m ²
28	Parada de ônibus	8,00m ²

-  Acesso pedestre e veículos
-  Acesso pedestre e bicicleta

Figura 111. - Planta baixa geral 2º pavimento. Fonte - Elaboração pela autora.

^ VOCÊ CONHECEU A DONA ZILMA?

"(...)A dona Zilma foi aquela mãezona com os adolescentes. Toda vez que a gente ia pra Morro Branco a gente levava ela e ia caminhar nas falésias junto com a gente, imagina uns quinze adolescentes andando nas falésias, nas areias coloridas e ela ia com a gente. (...) A gente subia nos cajueiros, tirava os cajus, comia e ela lá em cima, a gente sempre fazia essas brincadeiras, falando: "Senhor, tem uma senhora roubando seus caju." (Entrevista com Antônio Cláudio, 2023 - apêndice)

"Conheci, eu sou antigo. Ela era engraçada, uma ótima pessoa, ela chegava "tudo bem meu filho? já merendou?".
(Entrevista com Joelson Mariano da Silva, 2023- apêndice)



Fig. 112 – Perspectiva externa Oca Zilma Saturnina
Fonte: Elaborado pela autora.



4.3 Oca Zilma Saturnina

Com o intuito de homenagear o legado de Dona Zilma Saturnina, a rezadeira do projeto, falecida em 2022, o nome da oca multifuncional receberá seu nome.

Nessa construção, de 440m², criam-se dois pavimentos, sendo o térreo composto de duas salas multidisciplinares, quatro banheiros acessíveis, dois fraldários e um espaço de lavatório, servindo, assim, de suporte para o salão e para o café.

No pavimento superior, propõe-se um espaço multifuncional com o intuito de ampliar as terapias, os eventos, as dinâmicas e as vivências do MISMEC 4 Varas para um público de aproximadamente 200 pessoas.

A partir da topografia do terreno, com um declive de 2.20m, gerou-se dois pavimentos em que ambos os acessos podem ser feitos pelos caminhos do projeto, sem ser necessário o uso de escada para o acesso ao pavimento superior. Assim, criando um mirante com visão contemplativa do projeto e do mar.

A construção foi feita apoiada em estacas assentadas no solo como solução estrutural alternativa para diminuir os custos e o impacto ambiental, utilizando o declive natural do terreno, juntamente com a pavimentação, para gerar caminhos acessíveis.

A distância entre a margem externa e a interna, gera uma espécie de corredor com largura variando entre 2m e 2,35m, podendo ser utilizado como corredor histórico do MISMEC.



Figura 113 – Perspectiva leste Oca Zilma Saturnina . Fonte - Elaboração pela autora.

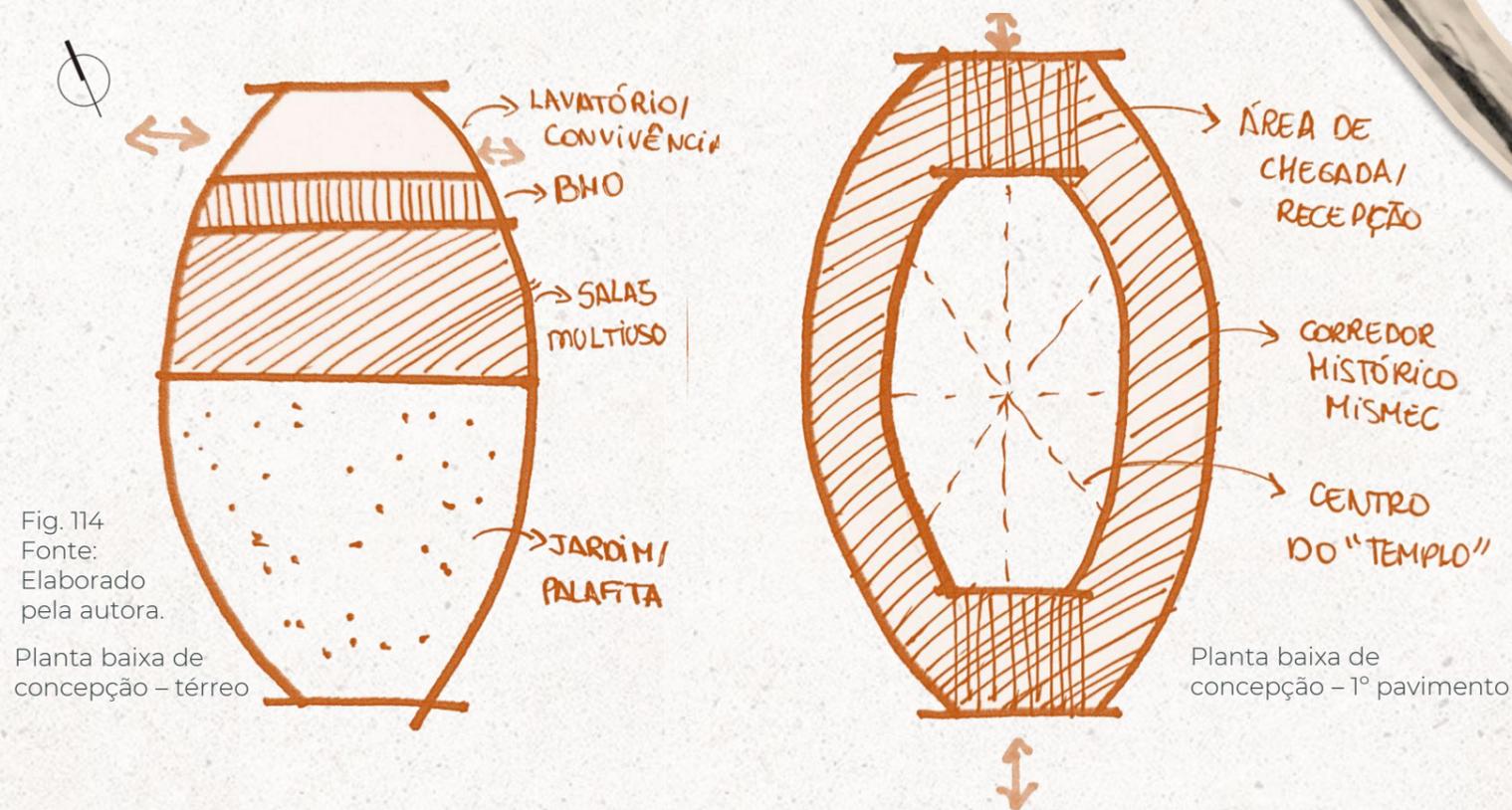


Fig. 114
Fonte:
Elaborado
pela autora.

Planta baixa de
concepção – térreo

Planta baixa de
concepção – 1º pavimento

4.3.1 Situação

Em relação ao posicionamento da nova oca no terreno, foi debatido em reuniões com funcionários e usuários, elencando os critérios bioclimáticos, de acessibilidade e de diálogo com as construções existentes. Foi sugerido três opções descritas abaixo na tabela 16 juntamente com seus pontos positivos e negativos. Ao observar o resultado, foi escolhida a opção rosa, situando a construção no horto, tendo seus dois acessos no sentido Norte-Sul, grandes aberturas e proteção solar no sentido Leste-Oeste.

Tabela 16- Tabela das opções de situação da Oca Zilma Saturnina

opção	situação	pontos positivos	pontos negativos
azul	Espaço vazio, entre três espaços: oca terapia, farmácia viva e oca recepção.	Por ser um espaço vazio, não precisa demolir ou adaptar nenhuma construção existente. Seu posicionamento é favorável pra uma boa ventilação e insolação. Próximo da comunidade	Espaço com três árvores de grande porte, extremamente arborizado, o que dificulta o respiro do telhado de palha. Funciona como uma barreira visual para farmácia viva Por ter grande proximidade com a Oca Terapia, atrapalharia acusticamente a terapia e dificultaria o fluxo de entra das duasocas.
rosa	No horto	Está situado no “meio” do projeto, recendo igualmente o fluxo da comunidade e da orla. Seu posicionamento é favorável pra uma boa ventilação e insolação. Leve declividade no terreno, possibilitando dois andares e vista para o mar. Bom espaço de recepção do fluxo, tanto pelo café, como pela Oca Escola.	Reposicionamento do horto, juntamente com a área de secagem, presença de alguns coqueiros.
verde	No estacionamento, próximo da Oca Restaurante	Por ser um espaço vazio, não precisa demolir ou adaptar nenhuma construção existente. Seu posicionamento é favorável pra uma boa ventilação e insolação. Próximo da orla.	Espaço com três árvores de grande porte, tendo quer retirá-las. Por está próximo da avenida teria grande poluição sonora. Distanciamento da comunidade

Fonte: Elaboração da autora.

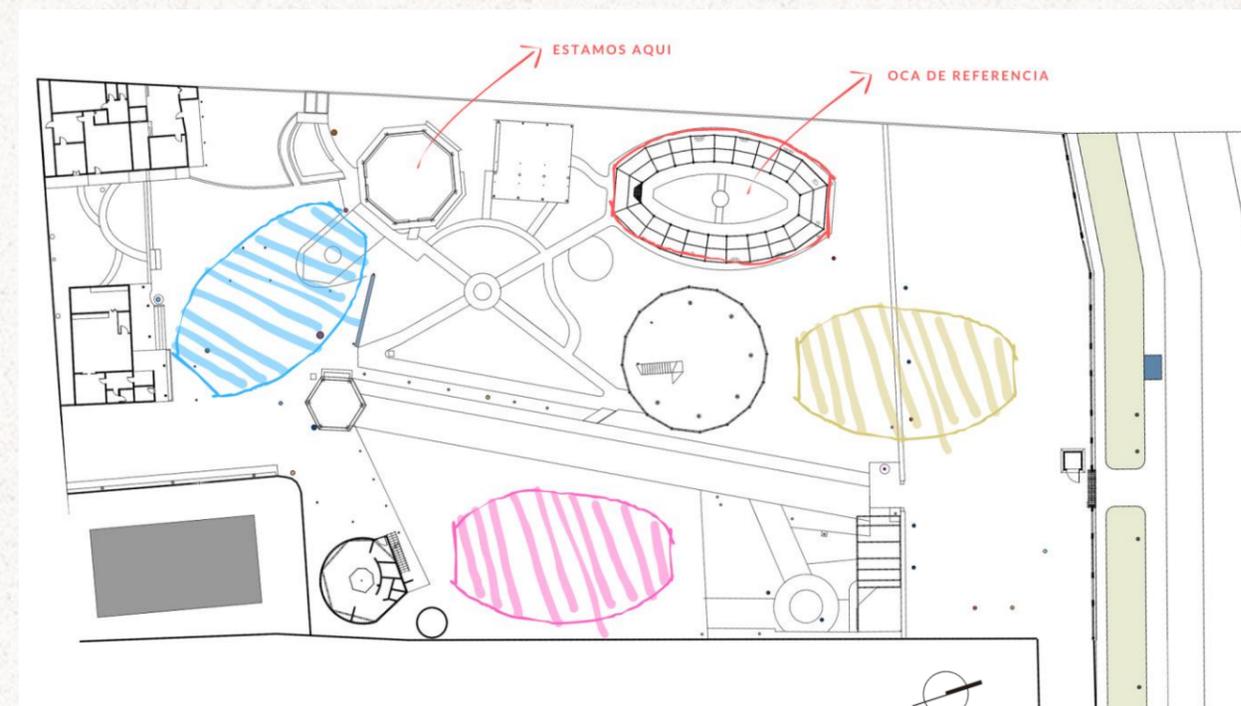
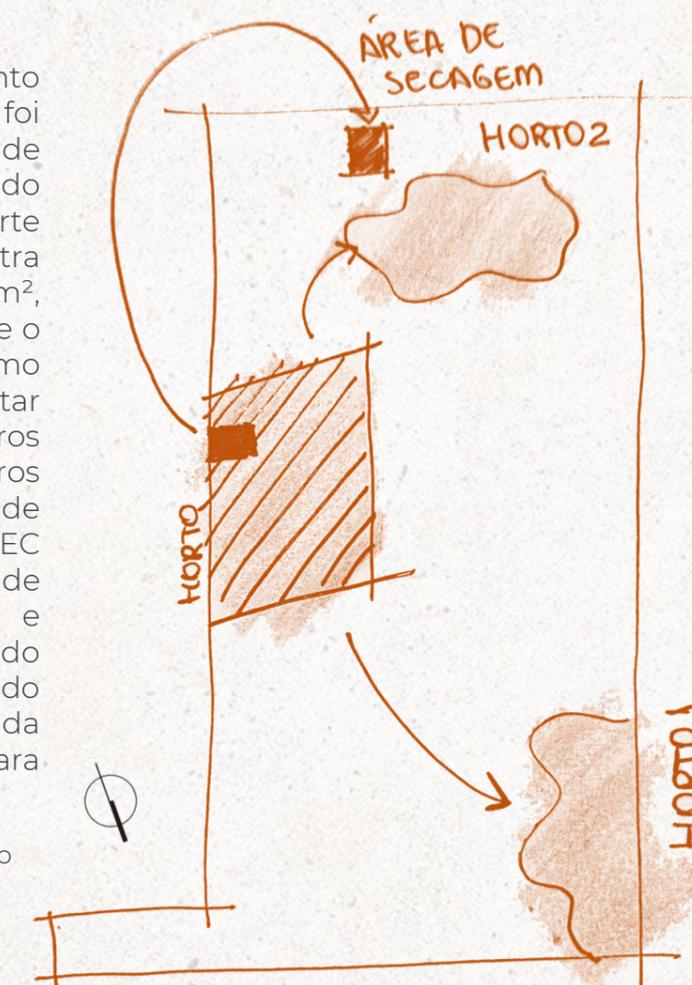


Figura 115 - Estudo da situação – Planta desenvolvida na oficina Cuidando do Cuidador, Junho 2023. Fonte: Acervo da autora.

Para solucionar o ponto negativo da opção rosa, foi pensado na divisão do horto, de 600m², em duas partes do terreno, uma localizada na parte noroeste, com 295m² e outra com na parte sul com 325m², atendendo tanto a demanda e o fluxo da Loja do Valdeci, como da Farmácia Viva. Vale ressaltar que foi mantido os canteiros atrepados, além dos canteiros redondos com troncos de madeiras já vigentes no MISMEC 4 Varas. Por fim, a área de secagem foi ampliada e realocada para a área sul, do lado da Farmácia Viva, tornando o terreno da implantação da nova oca livre e adequada para construção.

Fig. 116 – Desenho esquemático horto
Fonte: Elaboração da autora.



4.3.2 Estrutura

A estrutura da nova oca é toda feita com eucalipto, que são peças roliças de madeira de reflorestamento, configurando-se por um sistema de viga-pilar. A adoção dessa postura estrutural se deu tanto pela existência, dentro do próprio projeto, de mão-de-obra qualificada, como também, as vantagens de se trabalhar com esse tipo de madeira, dentre elas estão: baixo consumo energético para processamento, baixo peso, baixa densidade, a qual reduz as cargas sobre as fundações, alta resistência a sobrecarga de curta duração sem gerar efeitos nocivos e boa estabilidade, já que a peça é mantida em sua forma geométrica natural (Calil Junior & Brito, 2010). Ainda, por ser uma espécie reflorestada, preserva as florestas nativas, tendo alto benefício ambiental compensador. Porém, justamente pela manutenção da forma natural, gera-se uma das maiores desvantagens de se trabalhar com madeira roliça de reflorestamento, que é dificuldade em conseguir peças retilíneas, uniformes e sem variabilidade dimensional, além do transporte, já que a maioria das peças de grande porte só tem na Bahia.

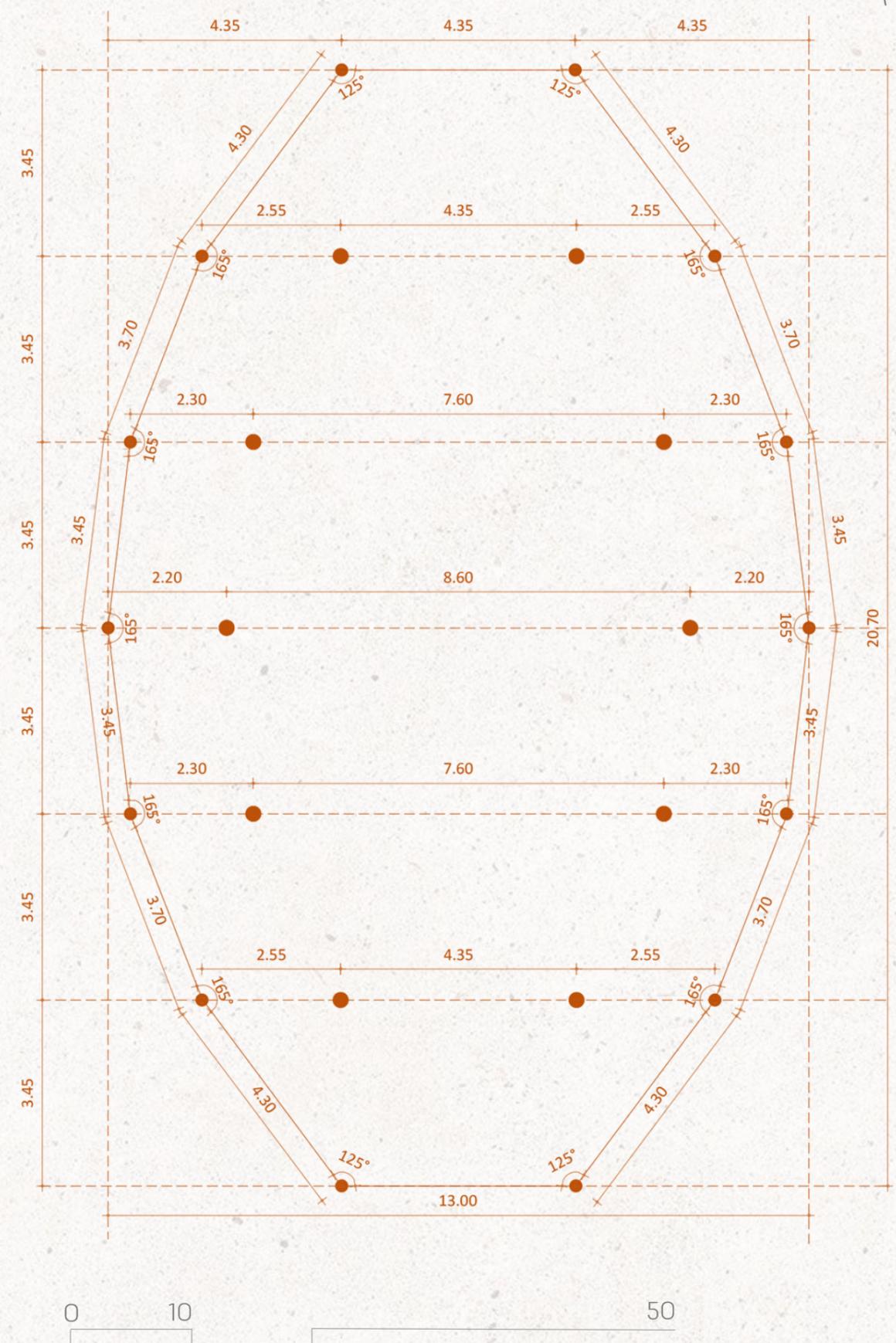
Com o intuito de gerar uma planta mais livre, com poucas barreiras físicas, foi modularizado da seguinte maneira:

Tabela 17- Elementos estruturais da Oca Zilma Saturnina

Elementos	Justificativa
Pilares de madeira roliça de médio diâmetro (18 a 20cm)	Localizados na margem externa, contornando toda a oca, espaçados em módulos de 3,50m. Dando sustentação para as paredes, pisos, vãos e a cobertura de palha.
Pilares de madeira roliça de grande diâmetro (24 a 28cm)	Localizados na margem interna, com o módulo de 3,50m, com o intuito de suportar os maiores vãos (8,60m e 7,60m) e a maior altura 8,00m, além da tesoura de madeira.
Vigas de madeira roliça de médio diâmetro (18 a 20cm)	Conduzindo as cargas até os pilares e servindo com apoio para lajes e paredes, as vigas de médio diâmetro estão localizadas na margem externa e internamente.
Vigas de madeira roliça de grande diâmetro (24 a 28cm)	Conduzindo as cargas até os pilares e servindo com apoio para lajes e paredes, as vigas de médio diâmetro estão localizadas na margem externa e internamente.
Tesoura de madeira roliça de pequeno diâmetro (12 a 14cm)	Com o intuito de ajuda na sustentação do peso do telhado e distribuir as cargas pelas pilares de maior diâmetro e fundações da estrutura, a tesoura vence os dos maiores vãos (8,60m e 7,60m) utilizando os menores diâmetros. Vale destacar, que seu desenho teve influencia da Oca Partilha de Saberes – Beberibe/Ce

Fonte: Elaboração da autora.

Figura 117 – Planta baixa estrutural da Oca Zilma Saturnina .
Fonte – Elaboração pela autora.



ID	Nome	Área
01	Lavatório	23,00m ²
02	Banheiros	3,00m ²
03	Sala multiuso oeste	28,00m ²
04	Sala multiuso leste	28,00m ²
05	Mirante	10,00m ²
06	Espaço multiuso	225,00m ²

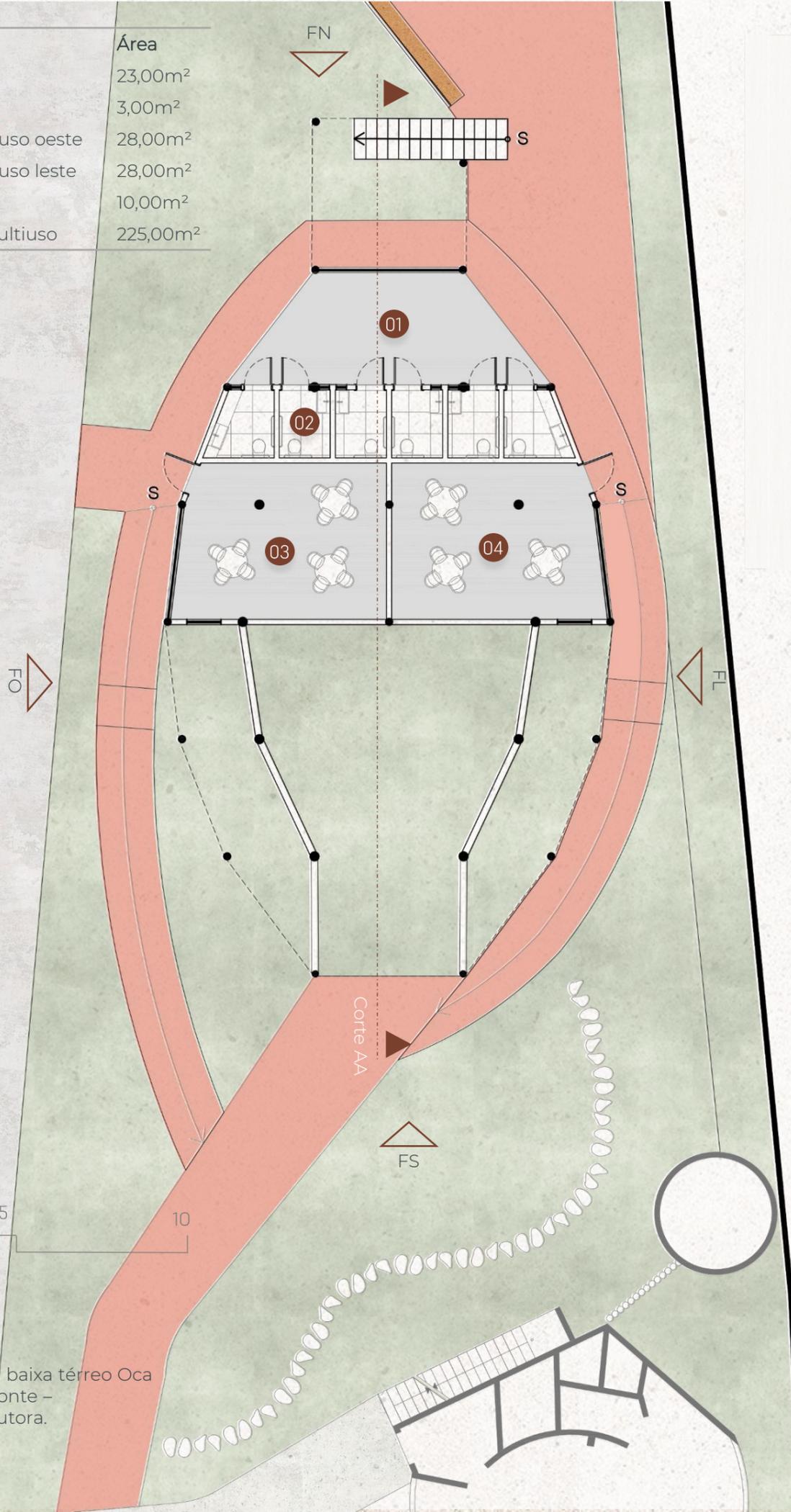


Figura 118 – Planta baixa térreo Oca Zilma Saturnina Fonte –
Elaboração pela autora.

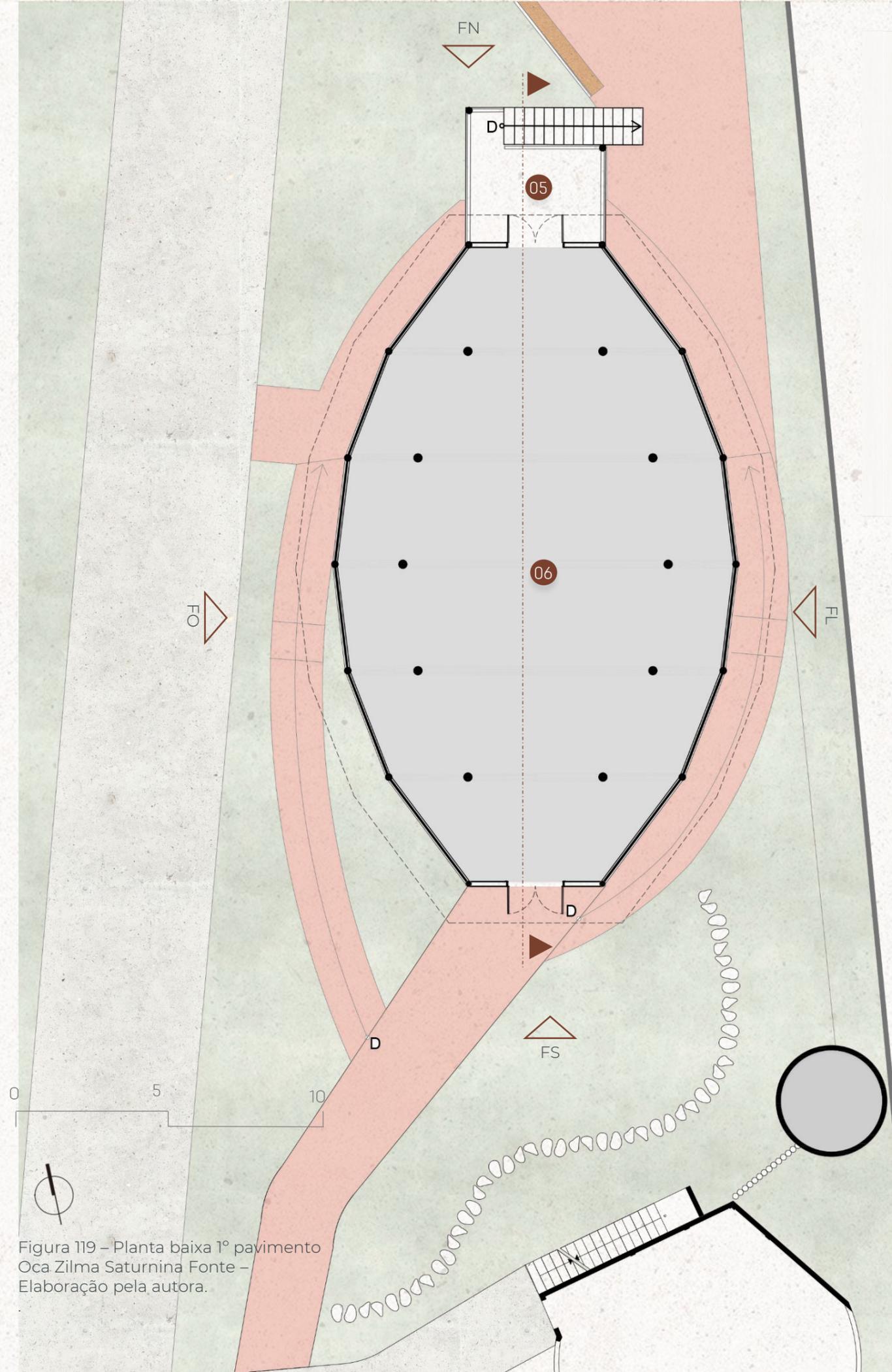


Figura 119 – Planta baixa 1º pavimento Oca Zilma Saturnina Fonte –
Elaboração pela autora.

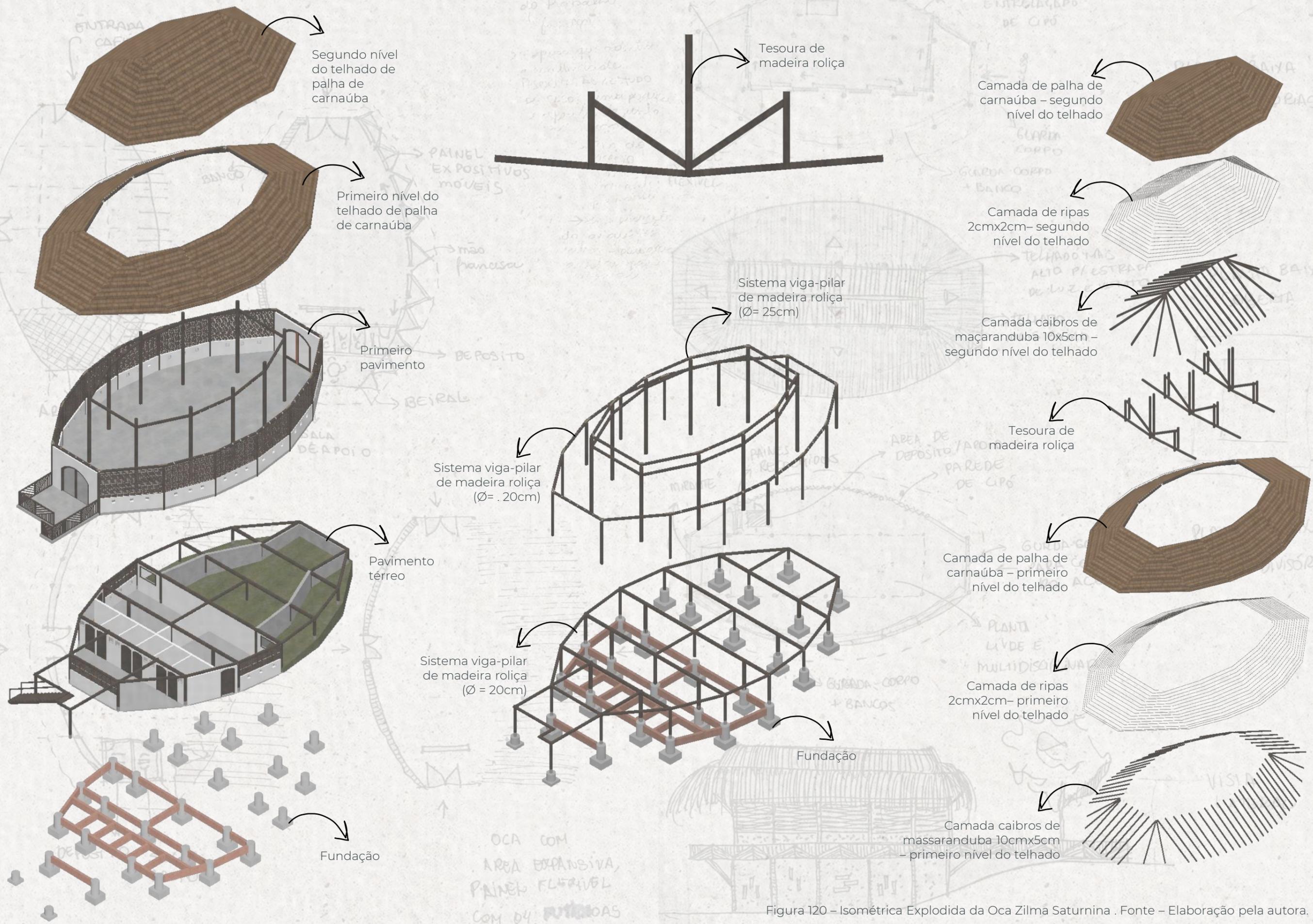


Figura 120 – Isométrica Explodida da Oca Zilma Saturnina . Fonte – Elaboração pela autora.

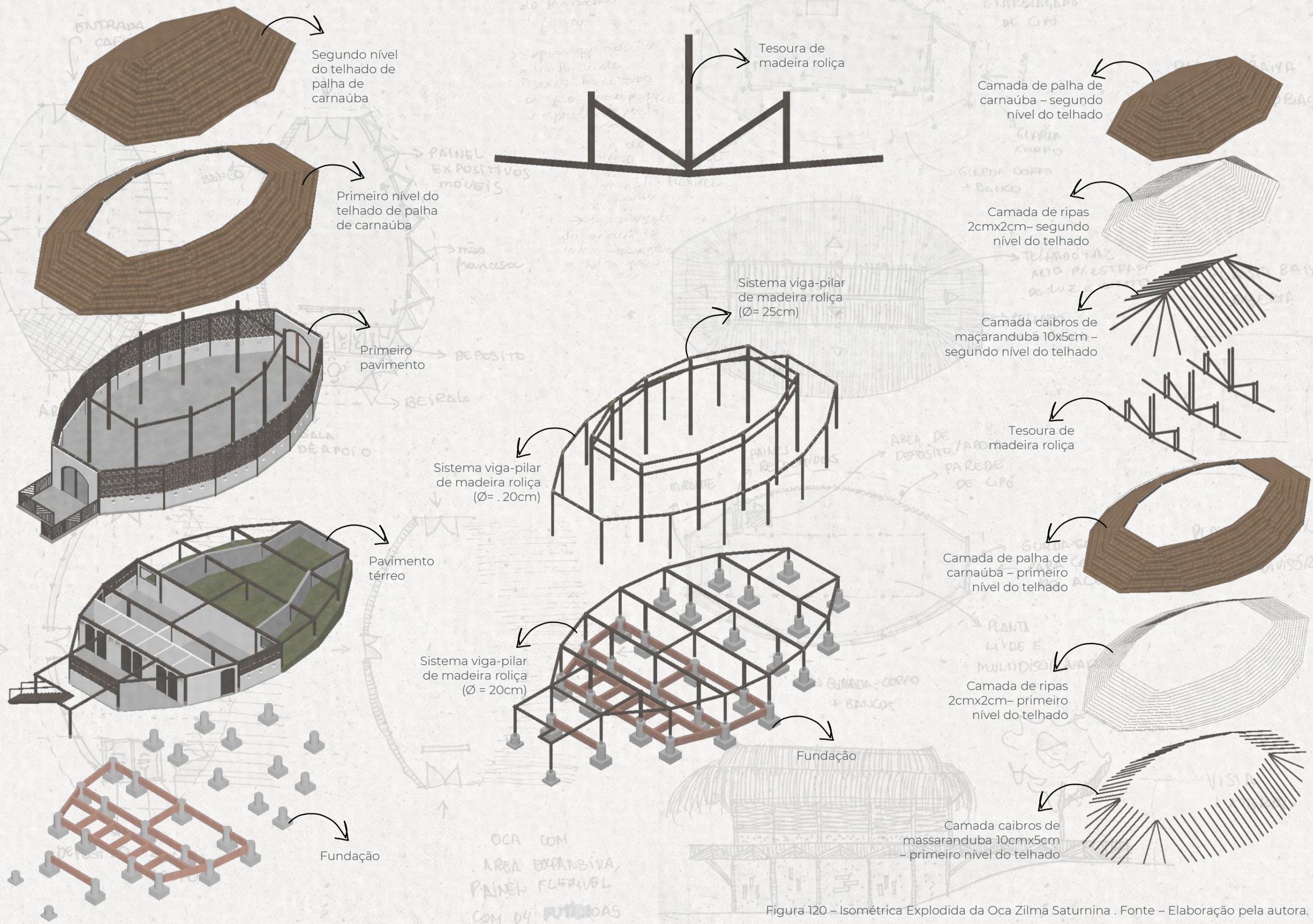
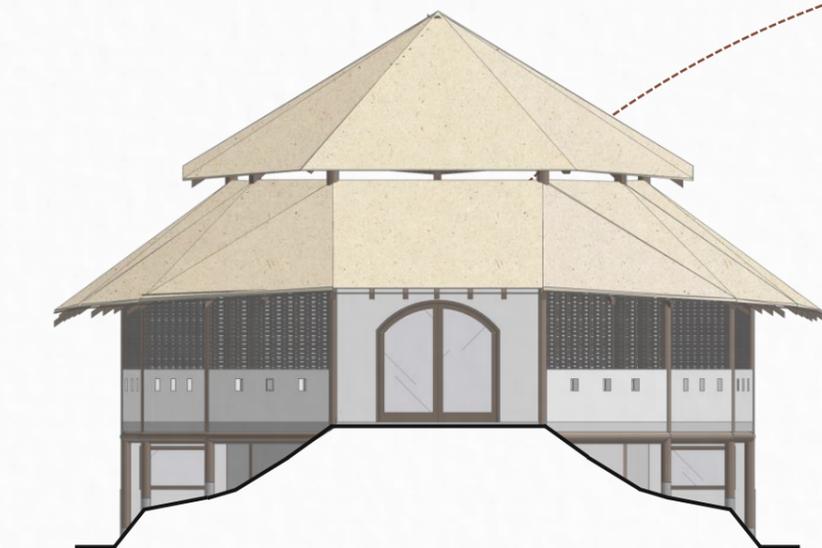
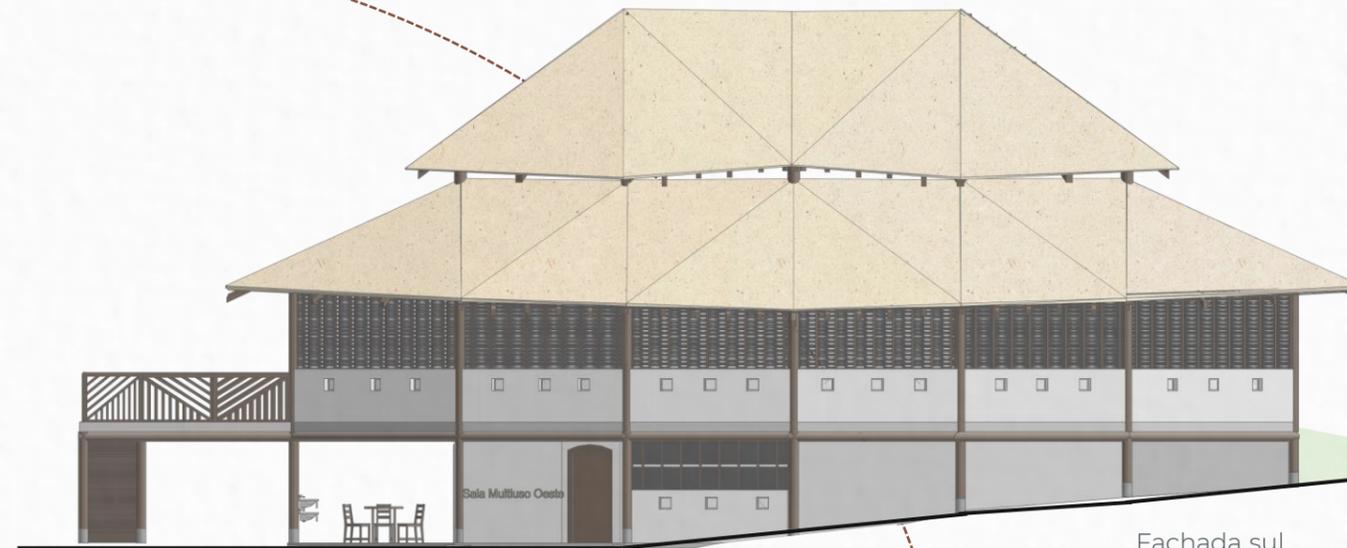


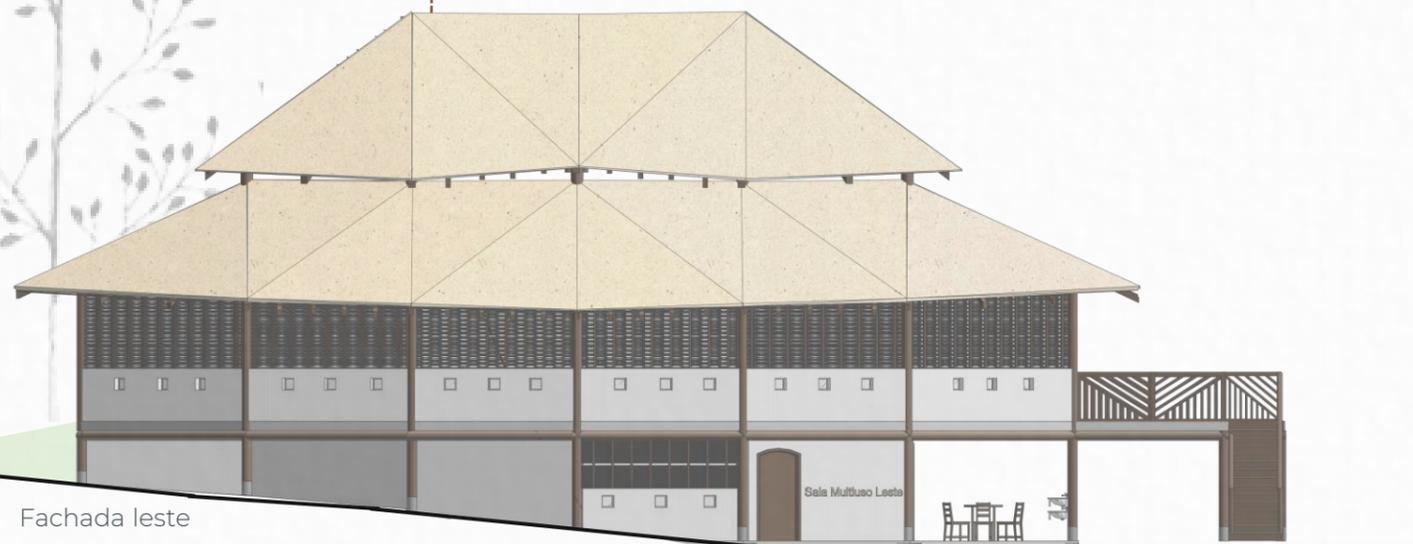
Figura 120 – Isométrica Explodida da Oca Zilma Saturnina . Fonte – Elaboração pela autora.



Fachada oeste



Fachada sul



Fachada leste



Fachada norte

CIRCULARIDADE

Figura 121 - Fachadas da Oca Zilma Saturnina
Fonte - Elaboração pela autora.

COMUNIDADE

POSTO 4VARAS

OCA ESCOLA

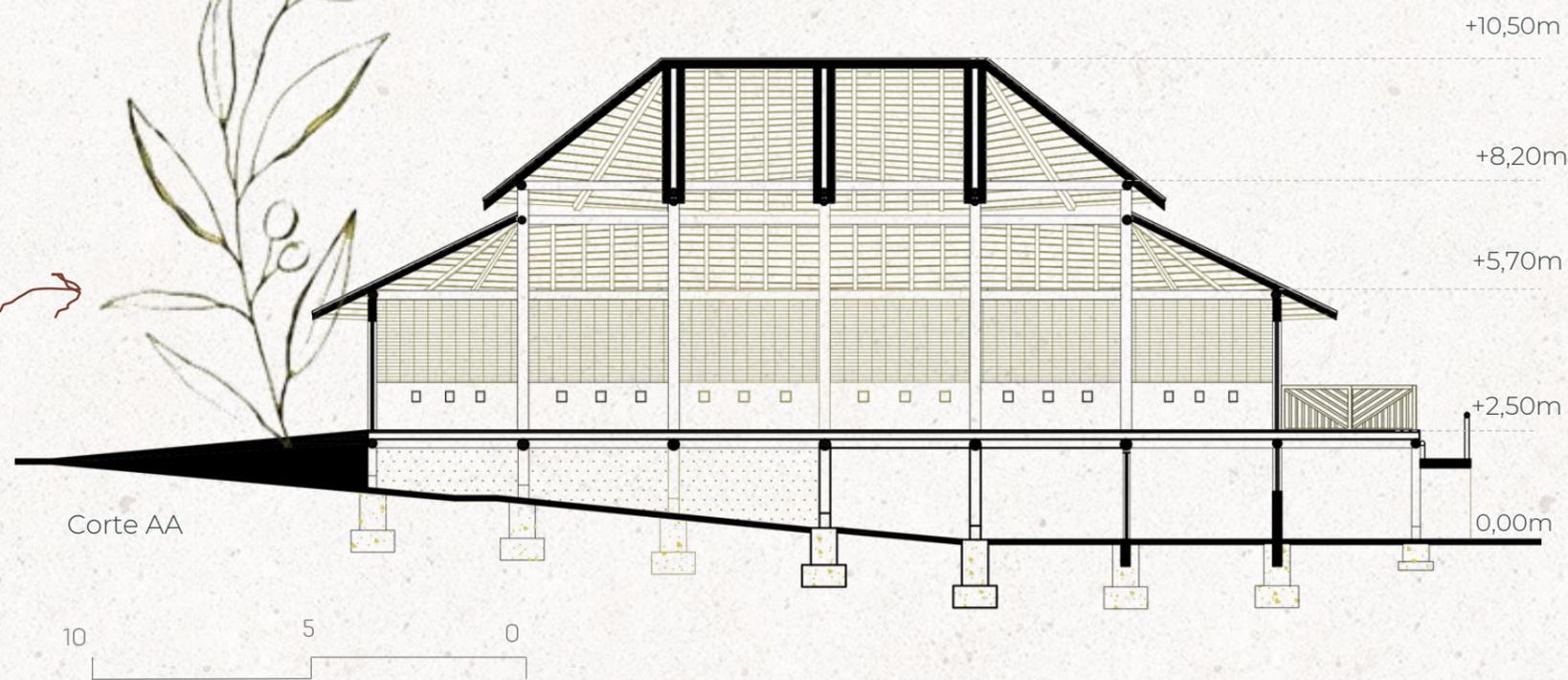
OCA ZILMA

CAFÉ

ENTRADA

AVENIDA

MAR

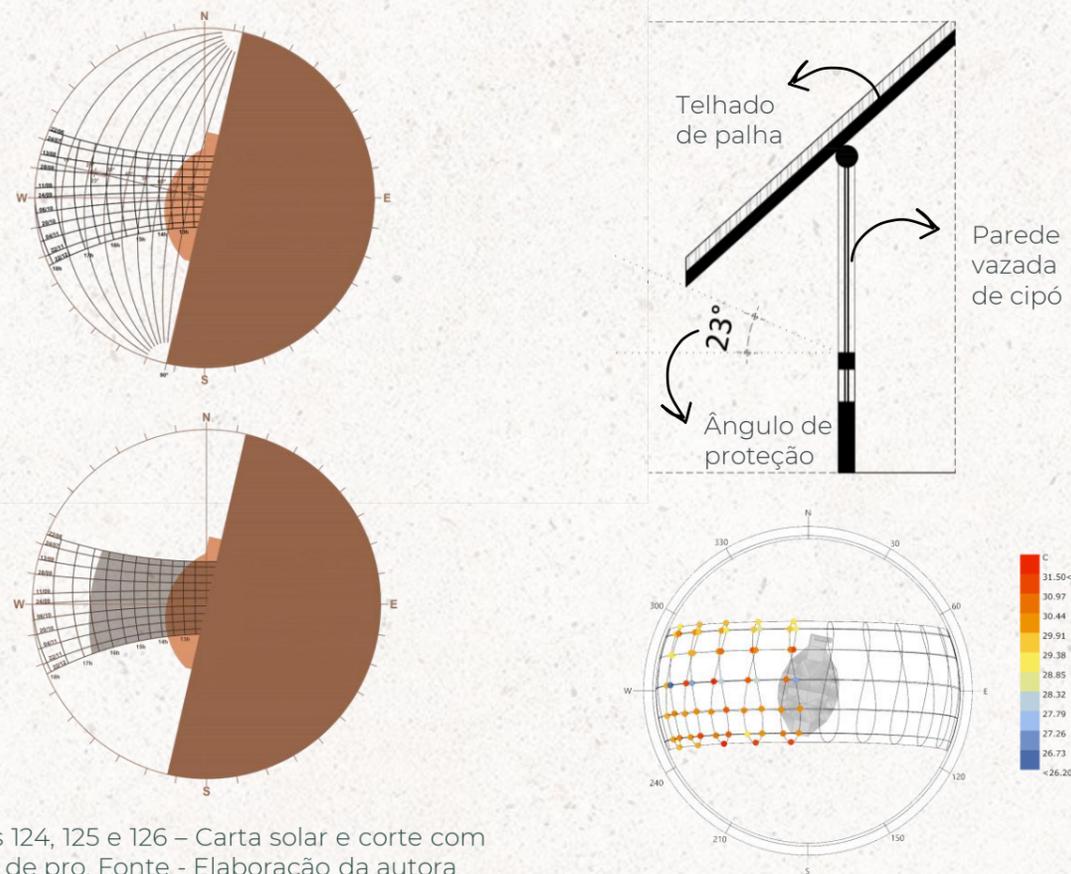


Figuras 122 e 123 – Corte geral do projeto MISMEC 4 Varas e Corte da Oca Zilma Saturnina.
Fonte – Elaboração pela autora.

4.3.3 Análise bioclimática

Segundo HOLANDA (1976) para que uma construção no nordeste consiga garantir seu conforto térmico, onde a brisa penetre e circule, é de fundamental importância a prática de certos critérios, como: um telhado que gere ampla sombra, paredes vazadas para filtrar a luz, proteção das janelas e um espaço fluido, contínuo e desafogado. Para o partido do projeto da Oca Zilma Saturnina foi adotado essas características, constatando, por meio de simulações solares, que essa tipologia vernacular consegue gerar um conforto térmico satisfatório.

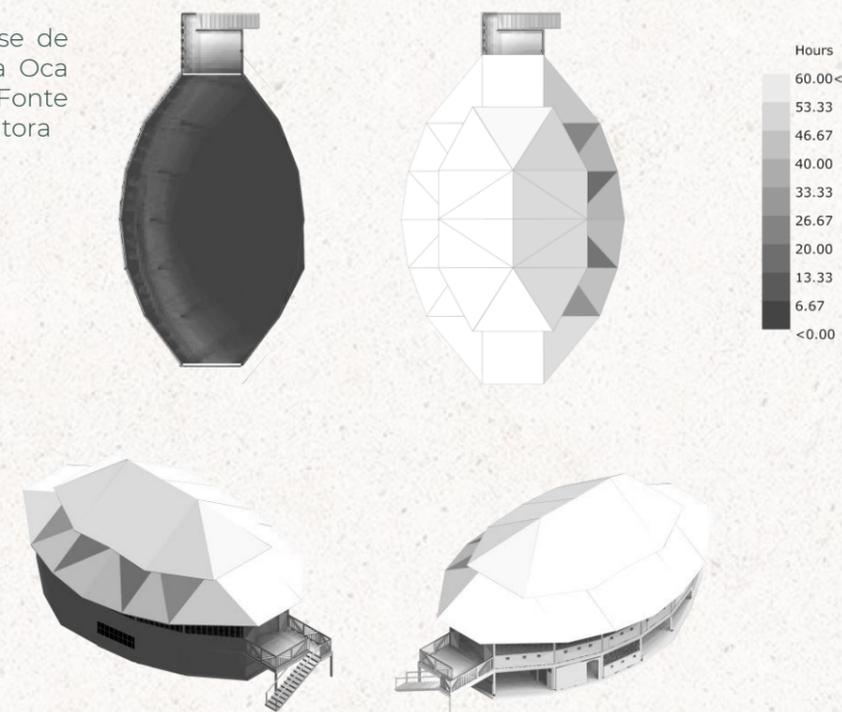
De acordo com FROTA(2004), a carta solar nada mais é do que a projeção das trajetórias aparentes do sol, no plano do horizonte do lugar, contendo os quatro pontos cardeais, contanto com equinócios e solstícios. Por meio dela é possível determinar os períodos de insolação nas fachas verticais, dados esses essenciais para as simulações. Por meio do beiral contínuo e da carta solar é possível achar o ângulo de proteção, que no projeto corresponde a 23°, com isso a oca possui proteção até 16h15 durante o inverno, 16h45 durante o verão e 16h30 durante dos equinócios (Figura 108 a 110).



Figuras 124, 125 e 126 – Carta solar e corte com ângulo de pro. Fonte - Elaboração da autora

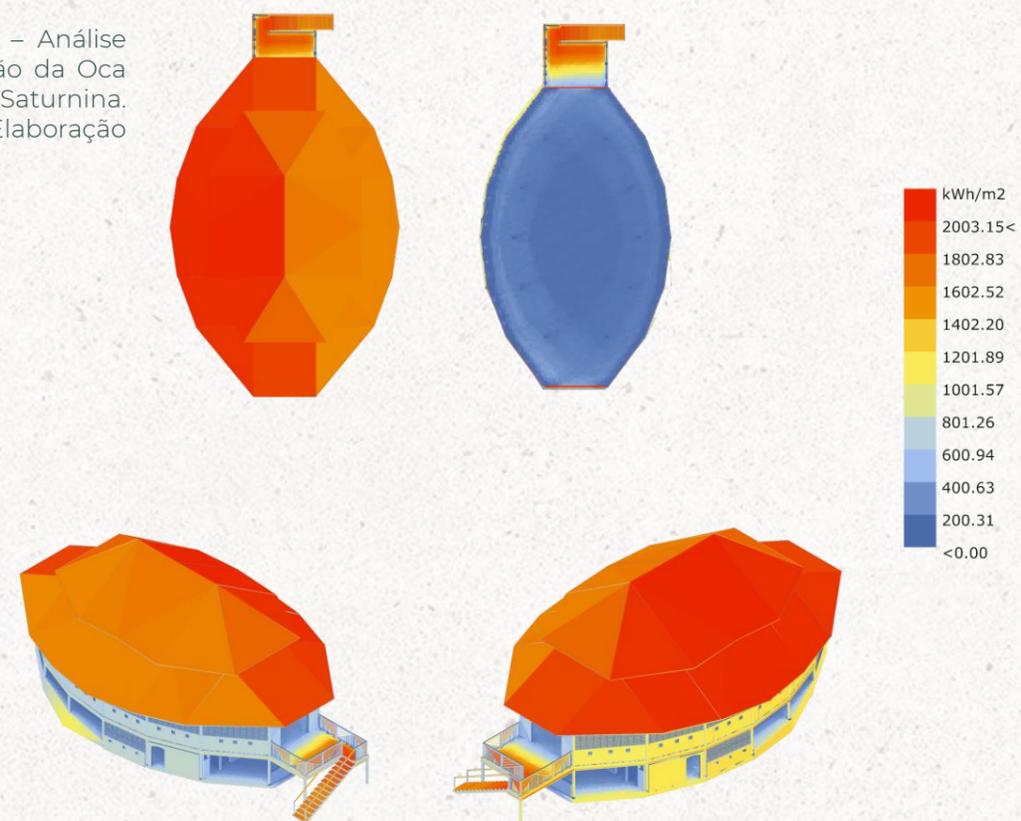
A primeira simulação, consiste na quantidade de horas que tem sombra na edificação, buscando detectar quais são as áreas que recebem sobras todas as horas e quais as áreas que mais recebem iluminação direta. Tendo em vista que o sol da tarde é mais intenso, acaba tendo proteção indireta da parede de cipó e da água do telhado. Para essa análise foi considerado um dia de cada mês, das 12h às 16h (Figura 111).

Figura 127 – Análise de sombreamento da Oca Zilma Saturnina. Fonte - Elaboração da autora



Outra análise é a para detectar a quantidade de sol, qual área possui maior insolação, energia e radiação. Visto que, em função da latitude do lugar, da orientação e da data é que é possível saber as superfícies em exposição e a intensidade de radiação solar incidente direta. Para essa análise considerou todos os dias completos do ano (Figura 112). Vale ressaltar que essas análises não consideraram o entorno e o paisagismo denso, analisando apenas a edificação isolada.

Figura 128 – Análise de insolação da Oca Zilma Saturnina. Fonte - Elaboração da autora



4.3.4 Vocabulário Construtivo

Consiste, primeiramente, em utilizar a tecnologia já existente e no aproveitamento do domínio técnico da mão-de-obra especializada, o seu Antônio (Tonhão), o seu Zé Maria e o seu Aurélio, mestres das tradições responsáveis por construir as outras ocas presentes no projeto, respeitando a materialidade e o simbolismo que remetem à ancestralidade e compõem uma identidade já estabelecida e defendida pelo projeto MISMEC 4 Varas, além de trazer outras soluções construtivas analisadas nos projetos de referência.

Coberta: o elemento principal é a palha de carnaúba que, depois de cortada e secada, é encaixada em “V” no sentido vertical na trama de estrutura de madeira de 2cmx2cm. Essa solução construtiva sustentável, permite um conforto térmico, juntamente com a abertura entre os dois níveis do telhado, com inclinação de 65%, 75% e 85%, a qual possibilita a entrada de luz e ventilação natural. A alta inclinação permite o escoamento rápido da água pluvial e sua secagem ao está exposta ao sol. Vale ressaltar, que seu desenho e inclinação teve influencia do Centro de Produção Cultural Tapeba.

Piso: Pensando no custo benefício e na solução já empregada do projeto, o piso possui altura (h) total de 20cm, é sustentado pela a trama de vigas roliças e dividido em três camadas: camada de concreto, contrapiso e a cada de acabamento (DETALHE 01).

Parede: Uso de meia parede dividida em duas partes, sendo: a metade inferior, de 1,10m, constituída de alvenaria; a superior, por sua vez, de cipó entrelaçado com um suporte de madeira na vertical. A ligação dos pilares de madeira roliça e essa alvenaria, se dá por meio de pinos metálicos, influenciando no desempenho e na durabilidade do edifício (DETALHE 02).

Guarda-corpo: Constituído de madeira massaranduba com o intuito de continuar a linguagem já desenvolvida na passarela das flores, desenvolvida pela autora deste projeto e executada por seu Tonhão e seu Zé Maria.

Divisórias/Expositores: Entrançados de palha de carnaúba com um espaço central para informativos, com possibilidade de encaixe nos pilares ou nas vigas, permitindo maior flexibilidade espacial.

Conexões: Para o sistema viga-pilar foi adotada a conexão por entalhe, a qual transmite os esforços de compressão entre as peças, tendo uma parte do pilar cortada para se encaixar a viga, além ter um bom custo benefício. Na tesoura do telhado, faz-se o uso de barras de aço rosqueadas, fixadas com arruelas e porcas nas extremidades. Ainda, para ajudar na fixação das peças, optou por soluções como o cepo e o “cachorro” (DETALHE 03 e DETALHE 05).

Fundação: De acordo com CAMPOS (2002), o principal detalhe da fundação com pilares de madeira roliça é fazer com que a madeira não entre em contato direto com o sol e com a umidade, evitando a ação capilar e o desgaste da estrutura. Por isso, foi optado um pescoço de concreto e um capacete metálico, com ligações galvanizadas (DETALHE 04).

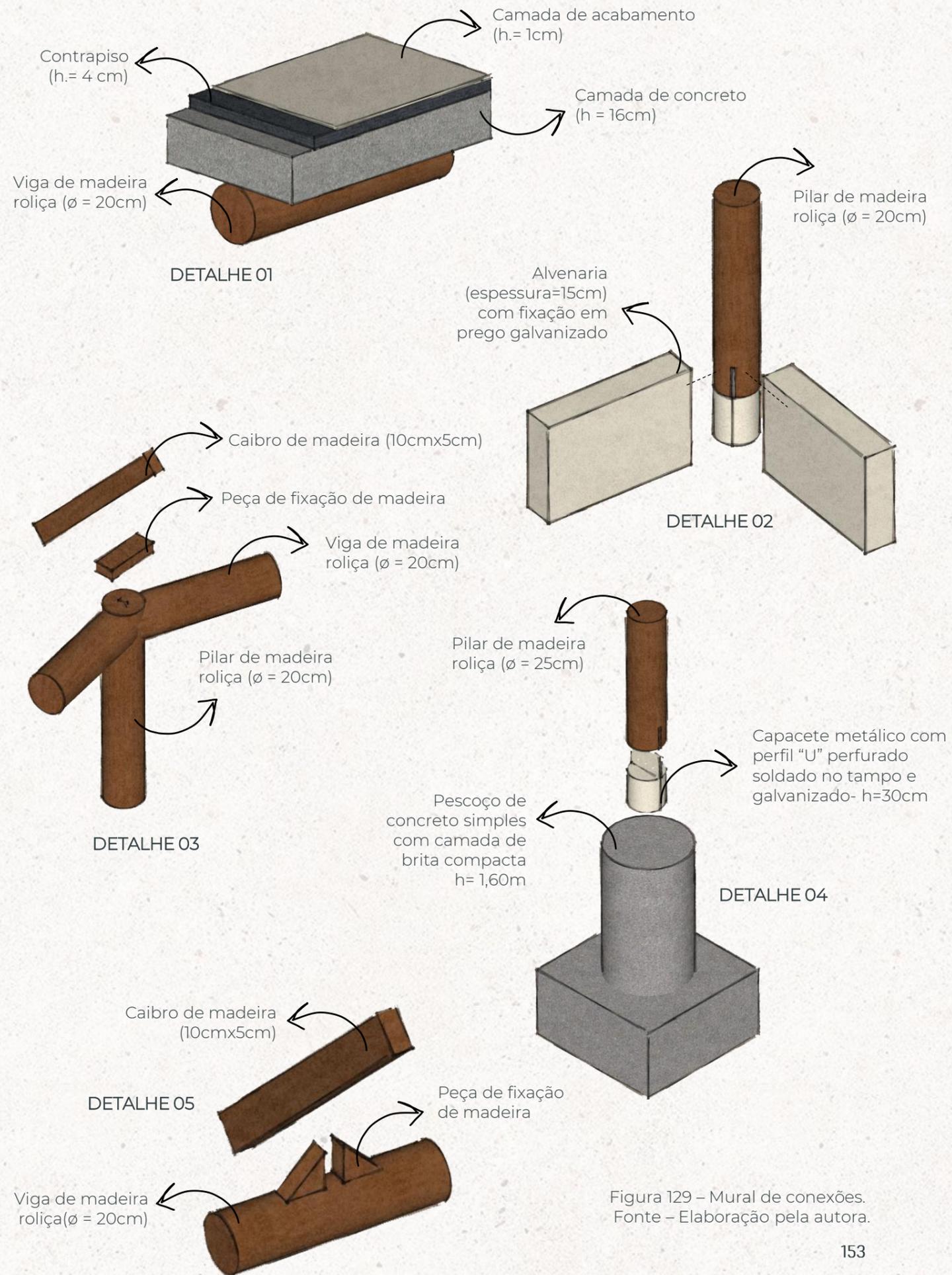


Figura 129 – Mural de conexões. Fonte – Elaboração pela autora.



Fig. 130 - Perspectiva Oca Zilma Saturnina.
Fonte - Elaboração pela autora.

CASA

"O projeto Quatro Varas hoje pra mim é minha família, é minha vida, tudo que eu construí de personalidade, do que eu sou hoje foi construído aqui dentro, é parte da minha vida." Antônio Claudio, 2023 – Apêndice

É minha casa, a gente passa mais tempo aqui do que em casa, mas significou a minha transformação. Luana Cavalcante, 2023 – Apêndice





Fig. 131- Perspectiva Oca Zilma Saturnina .
Fonte - Elaboração pela autora.

ACOLHIMENTO

*“Pra mim foi, assim, uma descoberta de cuidar do outro cuidando de si. Então, cuidar do outro também é cuidar de mim.”
Lélia Pessoa, 2023 – Apêndice*

*“O projeto representa a cura da alma. Acho que é aquela história que cuidando do outro eu me cuido, então não existe cuidado sem essa relação.”
Igor Premal, 2023 – Apêndice*

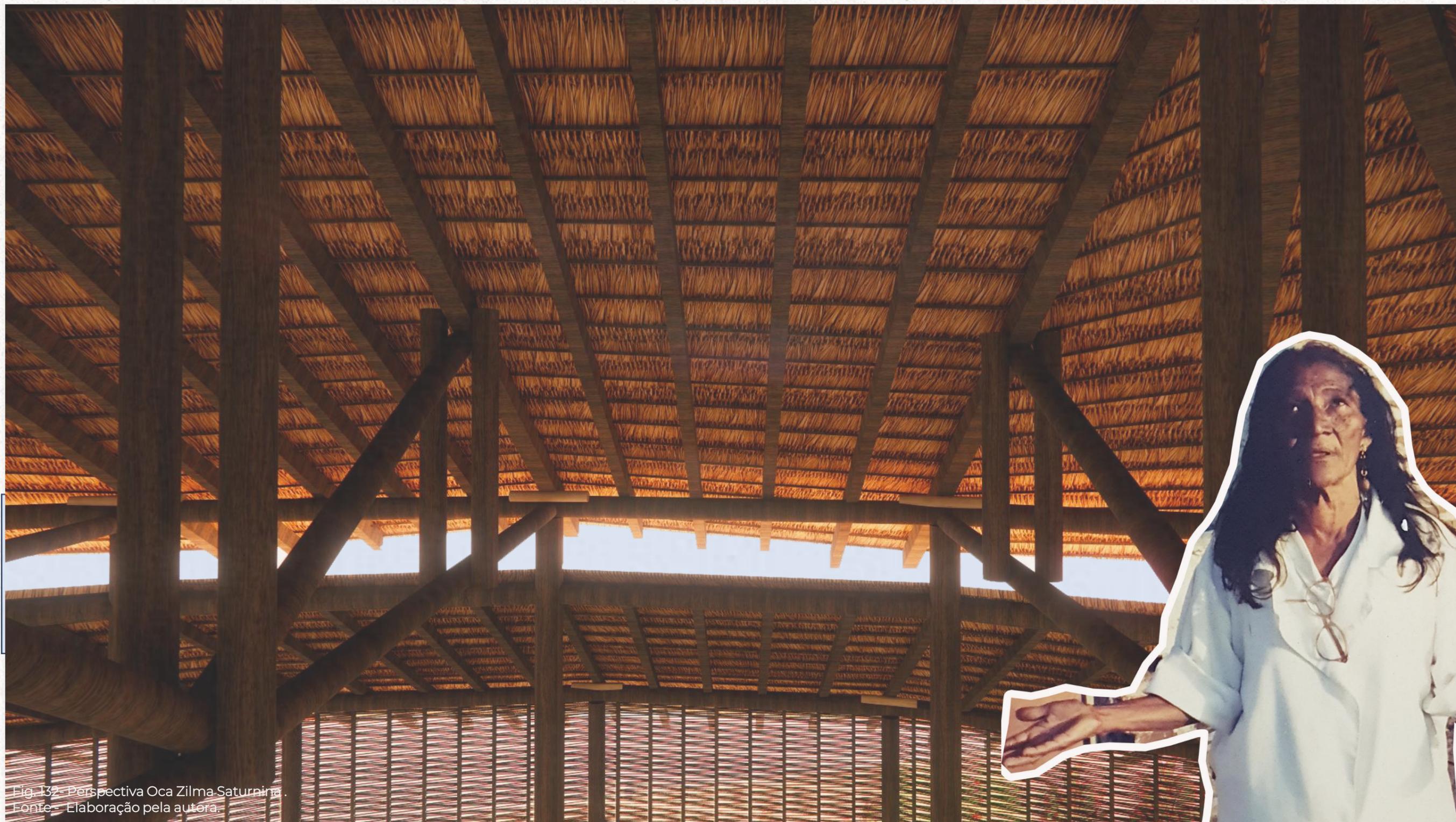


Fig. 132- Perspectiva Oca Zilma-Saturnina.
Fonte- Elaboração pela autora.

AMOR

"Significa um oásis, um oceano. Aqui tem um mistério, aqui tem um sagrado, as pessoas que entram naquele portão, ao sair, elas saem completamente diferentes, aqui tem um campo de energias."
Olga do Nascimento Ribeiro 2023 – Apêndice



Fig. 133 - Perspectiva Oca Zilma Saturnina .
Fonte - Elaboração pela autora.

TRANSFORMAÇÃO

*"O projeto aumentou meu envolvimento com natureza, eu nunca quis me distanciar disso, aonde eu fosse morar tinha que ter algum "quintalzinho", alguma coisa com planta."
Meiryelle dos Santos Arruda, 2023 – Apêndice*

4.4 Canteiro vivo

Em paralelo com essa pesquisa, fui voluntária do MISMEC 4 Varas, tendo partes do projeto orçado e executado, juntamente com a comunidade, o Seu Antônio, seu José Maria, o setor administrativo e alguns amigos. Atualmente já foi construído a passarela das flores, o guarda corpo e os bancos, porém a Loja MISMEC 4 Varas já está sendo executada.

Segundo o projeto Sem Muros (2023), um a vivência no território e canteiro itinerante proporciona uma troca na cultura e no olhar, além de gerar vínculo entre prática e teoria, ao criar tecnologias pautas na troca e no diálogo de saberes, lembrando, sobretudo, nos recursos disponíveis.

Além disso, no exercício profissional de arquitetura é recorrente a apartação entre o desenho arquitetônico e a prática no canteiro de obras, estando dividido o ofício em dois corpos: o ser pensante — o ser que projeta, no caso os profissionais da arquitetura e urbanismo — e o ser que executa — o pedreiro e outros prestadores de serviços mais específicos. (Sem Muros Arquitetura Integrada. "Canteiro móvel: costurando saberes e ações no território" - ArchDaily Brasil.)

Figuras 134 e 135 – Construção banco, etapa inicial. Fonte – Acervo da autora



Figuras 136 e 137 – Construção guarda corpo, fase inicial. Fonte – Acervo da autora.



Figura 138 e 139 – Construção loja, fase inicial. Fonte – Acervo da autora.



Figuras 140 e 141 – Construção banco e guarda-corpo, fase acabamento. Fonte – Acervo da autora.



Figuras 142 e 143 – Finalização guarda-corpo. Fonte – Acervo da autora.

Figuras 144 e 145 – Finalização bancos e avanço na construção Loja . Fonte – Acervo da autora.



Figuras 146 – Início do MISMEC 4 Varas Fonte – Acervo: MISMEC 4 Varas.

5. Reflexões

Como moradora do território, vivenciei o projeto e suas necessidades de uma forma mais intensa, sendo voluntária do MISMEC 4 Varas durante toda essa pesquisa. Essa posição me fez perceber e, conseqüentemente, querer relatar a existência de um conhecimento ancestral presente no território e na sua formação populacional. Diante da aproximação com os fundadores do projeto, tive um maior acesso às informações, contando, assim, a história do Grande Pirambu atrelada, principalmente, à família Barreto. Porém, no decorrer desse trabalho, constatei que muitas outras famílias fizeram parte dessa história e dessa construção, fazendo necessário expandir ainda mais os horizontes, a qual possui um diferencial para o desenvolvimento da arquitetura cearense ao usufruir dessa nova perspectiva do seu povo.

Outro ponto reflexivo é que a adoção de uma postura mais acolhedora, atenciosa e colaborativa em um canteiro vivo, como o do MISMEC 4 Varas, foi o diferencial para gerar confluência entre os saberes, criando um equilíbrio entre os diferentes conhecimentos técnico e tradicional, em que cada um teve sua devida importância. Sabendo que essa postura confronta a ideia mais disseminada nos dias atuais, a do arquiteto como o protagonista e único criador, distanciando e dificultando, cada vez mais, o diálogo e o contato com essas mãos que ensinam.

Por fim, diante das vivências, visitas, levantamentos, entrevistas e estudos a respeito da tipologia afro-indígena, sobretudo do Ceará, constata-se, neste trabalho, certas características, como a predominância do traço curvo, da centralidade, do uso de materiais naturais, fazendo uso de uma arquitetura termicamente confortável, fragmentada e flexível, que se entrelaça com a natureza, tendo as massas vegetativas como marco, além de possuir peças diversas de fixação e de conexões com o mesmo material da estrutura. Com isso, devendo ser mais referenciada e difundida, já que existe tanto saber vivo qualificado em nosso território, capaz de produzir essa arquitetura sustentável e com alto caráter identitário.

6. Referências

AASARCHITECTURE. **Thread by Toshiko Mori architect**. Aasarchitecture, [S. l.], 2 fev. 2017. Disponível em: <https://aasarchitecture.com/2017/02/thread-toshiko-mori-architect/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

Acervo Mismec 4 Vara

Acervo Valdecy Alves

ALMEIDA, Luiz Savio de; SILVA, Amaro Helio Leite de. **Índios do Nordeste: Etnia, Política e História**, 1 ed. Maceió: Edufal, 2008.

BARRETO, Adalberto de Paula . **Quando a boca cala os órgãos falam...: Desvendando as mensagens dos sintomas**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2003.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária: passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BARRETO, Adalberto, PIERRE Jean. **O índio que vive em mim: o itinerário de um psiquiatra brasileiro**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Parque naturalizado : Como criar e cuidar de paisagens naturais para o brincar**. 1 ed. São Paulo, abril de 2022.

BLAUTH, Guilherme.; BARROS, Maria Isabel Amando de. **Parques naturalizados (livro eletrônico): como criar e cuidar de paisagens naturais para o brincar**. São Paulo: Instituto Alana, 2022.

CAMAROTTI, Maria Henriqueta; OLIVEIRA, D. **Terapia Comunitária Integrativa: Circularidade nas relações sociais**. In: OSÓRIO, L. C. e VALLE, M. E. P. (Orgs.) **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARVALHO, Alissa Cendi Vale de; RIBEIRO, Beatriz Costa; PESSOA, Camila Mont'Alverne Barreto de Paula; DIAS, Ed Ney Borges; SOUSA, Larissa; PEREIRA, Marcella Macena Lima; SOARES, Carlos Marcello Marreiro; VIANA FILHO, Murilo Valdo; MENDONÇA, Thais Brito; OLIVEIRA, Thamires Rodrigues de. **Quando o outro é prioridade: o tecelão de retalhos da existência que coleciona silêncios e alivia angústias**. Revista Entrevista, Fortaleza, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36259/1/2013_art_japbarreto.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023.

CAVALCANTE, Raimundo. **Pirambu**. Fortaleza: Expressão gráfica e Editora, 2016. 92p.

CV: depoimento [Jul. 2005]. Assentado, liderança. Fortaleza: 2023. Acervo Particular.

DE PAULA, Erika. Severiano Mário Porto e Mário Emílio Ribeiro. **Centro de Proteção Ambiental de Balbina, Manaus, AM**, [S. l.], 24 jun. 2020. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/severiano-mario-porto-e-mario-emilio-ribeiro-centro-de-protecao-ambiental-de-balbina-manaus-am/>. Acesso em: 11 maio 2023.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. 1. ed. São Paulo: Jandaira, 2021.

FROTA, Anésia Barros. **Geometria da Insolação**. 1 ed. São Paulo: Geros, 2004.

FERES, Lucas et al. **Casa do Benin na Bahia** [recurso eletrônico]: Projetos, Memórias e Narrativas. Salvador: Pinauna, 2021.

GIFFONI, Francinete Alves de Oliveira. **Saber ser, saber Fazer: Terapia Comunitária Integrativa, uma experiência de aprendizagem e construção da autonomia**. Doutorado (tese de doutorado em educação brasileira). Programa de Pós-Graduação em educação brasileira. Linha de 136 pesquisa: movimentos sociais, educação popular e escola. UFC, Faculdade de Educação. Fortaleza, CE, 2008.

GOMES, Doralice Oliveira. **A expansão da terapia comunitária integrativa no Brasil e sua inserção em ações de políticas públicas nacionais**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) - Campus Sobral, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2013.

GOMES, Taynara. **A Lente Colonial da Urbanização e as Resistências das Especialidades Amazônicas**. Sessão Temática 13: Identidade e territórios: adaptação e resiliência. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ENANPUR, XX, 2023, Belém, PA. Anais [...] São Paulo: FAUUSP. Disponível em: <http://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st13-04.pdf>. Acesso em: 10, de agosto, 2023. MACHADO, Maria Fátima Roberto; PORTOCARRERO, José Afonso Botura; SILVA, Dorcas Florentino de Araújo (org.). **Tecnoíndia: Arquitetura, antropologia e tecnologias indígenas em Mato Grosso**. 1. ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2020. ISBN 978-65-86328-09-7.

MAYBURY-LEWIS, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. 400 p.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

MONTEIRO, Sandra Paula Evaristo. **Projeto Vila do Mar no grande Pirambu: avanços e retrocessos**. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MONTUORI, Bruna Ferreira; NICOLETTI, Viviane Mattos. **Perspectivas decoloniais para um design pluriversal**. PosFAUUSP. Dossiê: Estudos decoloniais na arquitetura, no urbanismo, no design e na arte. v. 28, n. 52. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/176954>. Acesso em: 10, outubro de 2023. MUNICÍPIO DE FORTALEZA. **Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo nº 236, de 11 de agosto de 2017**. Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo. [S. /], 2017. Disponível em: https://portal.seuma.fortaleza.ce.gov.br/fortalezaonline/portal/legislacao/Consulta_Adequabilidade/1-Lei_Complementar_N236%20de_11_de%20agosto_de_2017_Lei_de_Parcelamento_Uso_Ocupacao_do_Solo-LUOS.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

Nascimento, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4288330/mod_resource/content/1/O%20Genocidio%20do%20Negro%20Brasileiro.pdf. Acesso em: 5 de novembro, 2023.

OLIVEIRA, Ítalo José Lira dos Santos et al. **Benefícios da Implantação dos Jardins de Chuva no Meio Urbano**. Sessão de Trabalho Oral VI-002. Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, XI, 2020, Vitória, ES. Anais eletronicos [...], EDITORA. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2020/VI-002.pdf>. Acesso em: 25, novembro, 2023.

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação**. 2. ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2018. v. 1000. 254p.

PROJETO QUATRO VARAS. **Do Sertão à Favela**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

RIOS, Kênia Souza (org.). **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. [S. /]: Repositório Institucional UFC, 2014. ISBN 978-65-86328-09-7. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10380>. Acesso em: 10 maio 2023.

RIVALTA, M.C.B; ALMEIDA, F.A.R. **José Airton Barreto, a vida em diálogos**. Ceará: Pádua Gráfica, 2011.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5978313/mod_resource/content/1/SANTOS%2C%20Antonio%20Bispo.%20Somos%20da%20terra.%20PISEAGRAMA%202018.pdf. Acesso em: 12 de outubro, 2023.

SERAINÉ, Florival. **Sobre o Torém (dança de procedência indígena)**. IN: Revista do Instituto do Ceará (ANO XCI Tomo XCI). Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1955.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. **Índios do Nordeste: temas e problemas** 5. Maceió: EDUFAL, 2003.

STUDIO ANNA HERINGER. **Centro de atendimento a pessoas com deficiência Anandaloy**. Archdaily, [S. /], 18 dez. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/951162/centro-de-atendimento-a-pessoas-com-deficiencia-anandaloy-studio-anna-heringer>. Acesso em: 11 maio 2023.

TOSI, Marcela. Campos de concentração no Ceará: a história contada nas páginas do O POVO. **O Povo**, [S. /], 23 mar. 2022. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/campos-de-concentracao-ceara/2022/03/23/campos-de-concentracao-no-ceara-a-historia-contada-nas-paginas-do-o-povo.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

UNIMAR, Arquitetura. **Sobre a Arquitetura Ecológica**. Blog: Arquitetura Unimar, 2010. Disponível em: <https://arquiteturaunimar.wordpress.com/2010/08/11/sobre-a-arquitetura-ecologica/>. Acesso em: 08 nov. 2023.

VALLE, Carlos Guilherme do. **Cartão Postal**. 1990. Fotografia. 640 x 453 pixels. Disponível em: https://img.socioambiental.org/v/publico/Tremembe/tremembe_3.jpg.html. Acesso em 04/04/2023.

VAN LENGEN, Johan. **Manual do Arquiteto Descalço**. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 1981.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

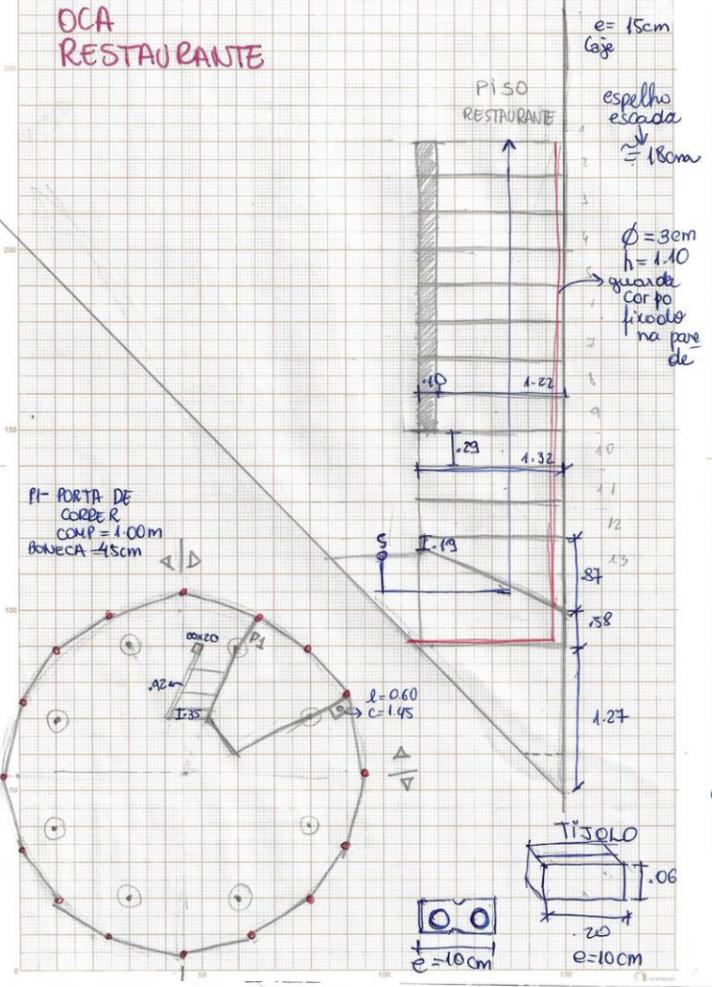
MINISTÉRIO DA SAÚDE, ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PICS: Versão Preliminar**. Laboratório de Inovação em Saúde Prática - LISP, Brasília, p. 58-79, 2022. Disponível em: <https://apsredes.org/wp-content/uploads/2022/05/LIS-PICS.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

Apêndice 01

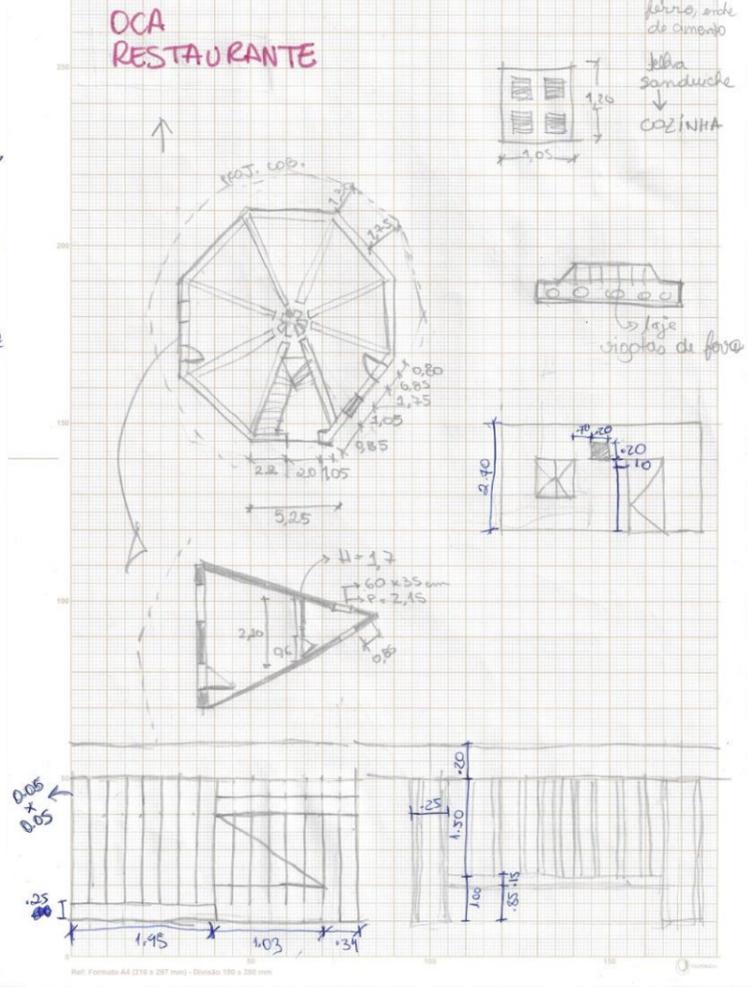
Desenhos do levantamento técnico do MISMEC 4 Varas e desenhos do processo projetual.

Desenho 01: Oca Restaurante térreo
Desenho 02: Oca Restaurante térreo
Desenho 03: Oca Restaurante telhado
Desenho 04: Oca Restaurante detalhes construtivos
Desenho 05: Oca saúde
Desenho 06: Oca saúde detalhes
Desenho 07: Oca saúde estrutura
Desenho 08: Oca saúde cabines
Desenho 09: Oca saúde detalhes 02
Desenho 10: Café
Desenho 11: Oca galeria
Desenho 12: Oca terapia
Desenho 13: Oca Escola térreo
Desenho 14: Oca Escola 1 andar
Desenho 15: Farmácia Viva
Desenho 16: Administração
Desenho 17: Casa José Maria
Desenho 18: Escalda pés
Desenho 19: Banheiros
Desenho 20: Implantação
Desenho 21: Posto 4 Varas
Desenho 22: Paisagismo
Desenho 23: Conexões
Desenho 24: Detalhe construtivo Oca Partilha de Saberes – Estudo de caso
Desenho 25: Estudo volumétrico Oca
Desenho 26: Estudo volumétrico Oca 02
Desenho 27: Estudo volumétrico Oca 03
Desenho 28: Estudo Espaço Valdecir
Desenho 29: Estudo fachada
Desenho 30: Estudo horto
Desenho 31: Estudo divisórias
Desenho 32: Estudo paisagístico
Desenho 33: Estudo do simbolismo/materialidade
Desenho 34: Estudo redário

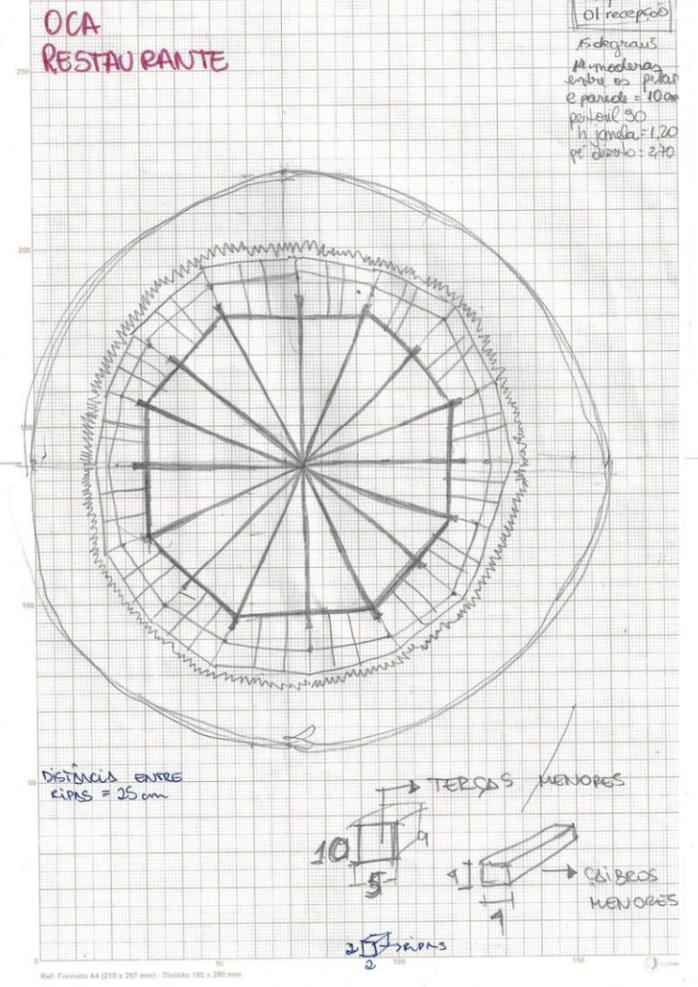
OCA RESTAURANTE



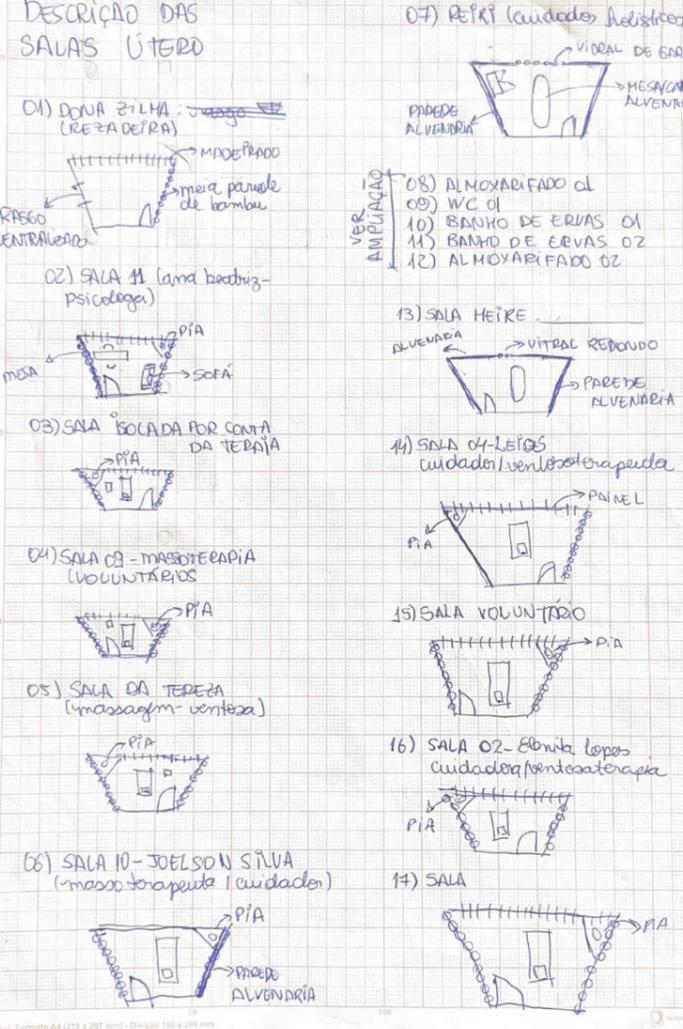
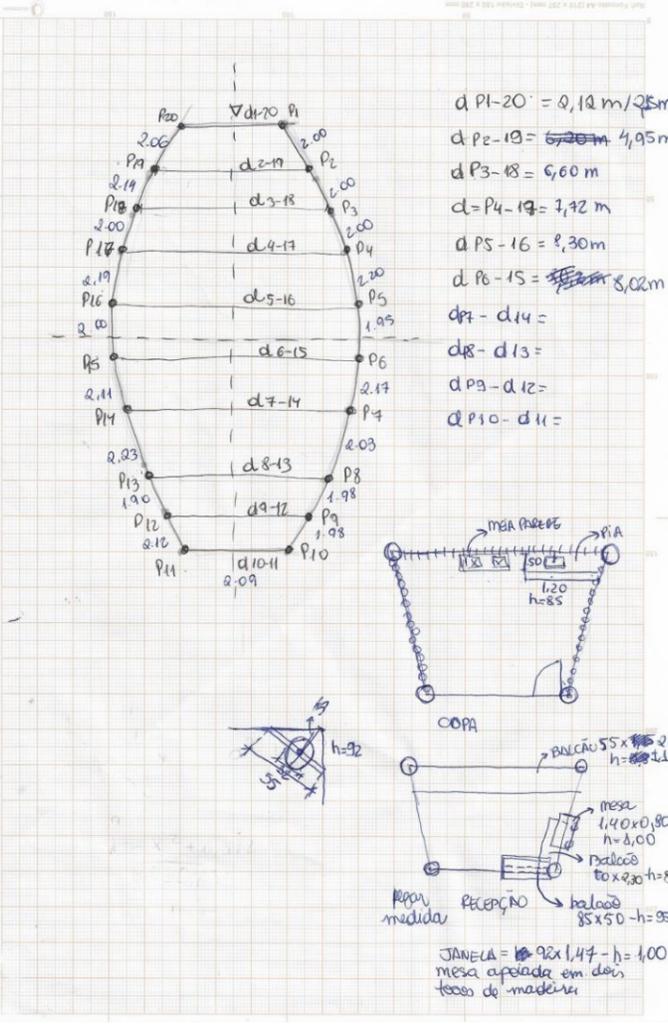
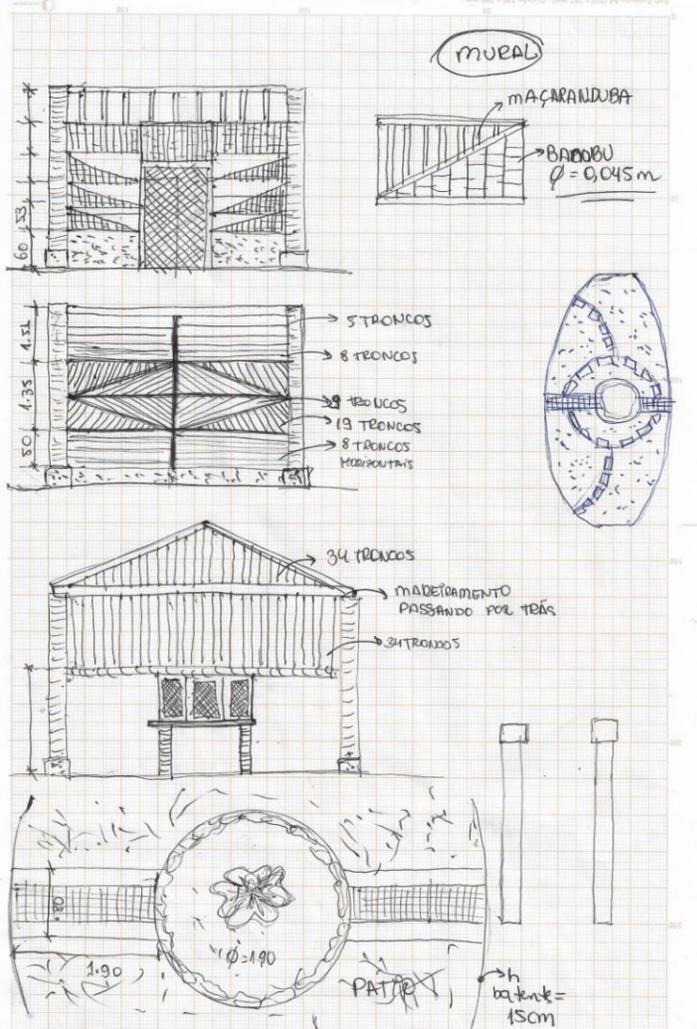
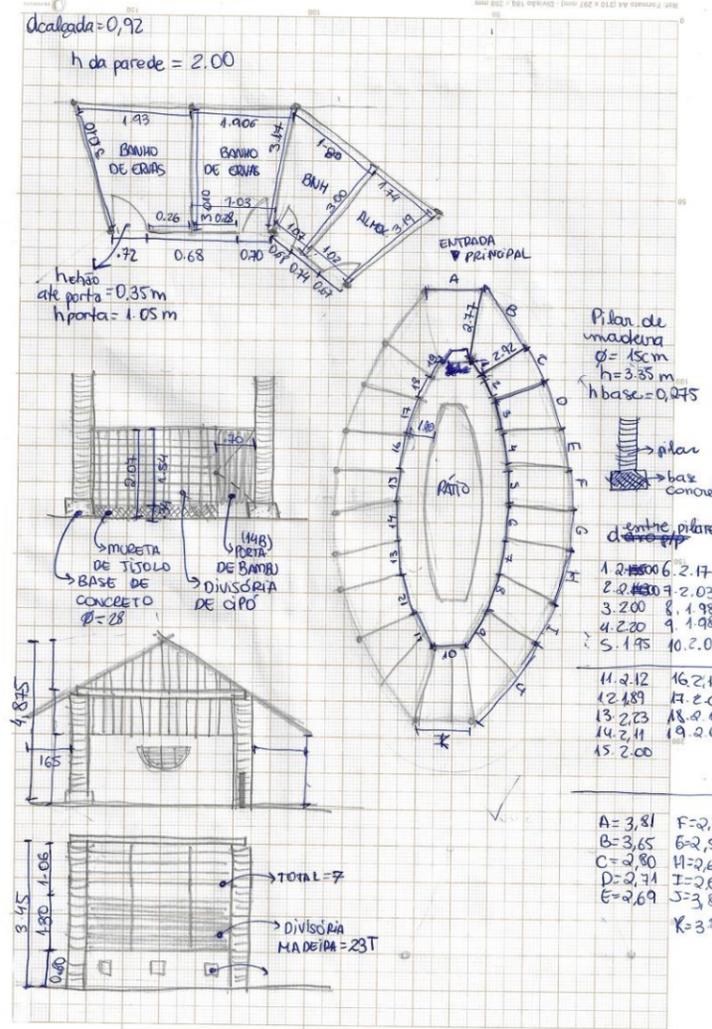
OCA RESTAURANTE

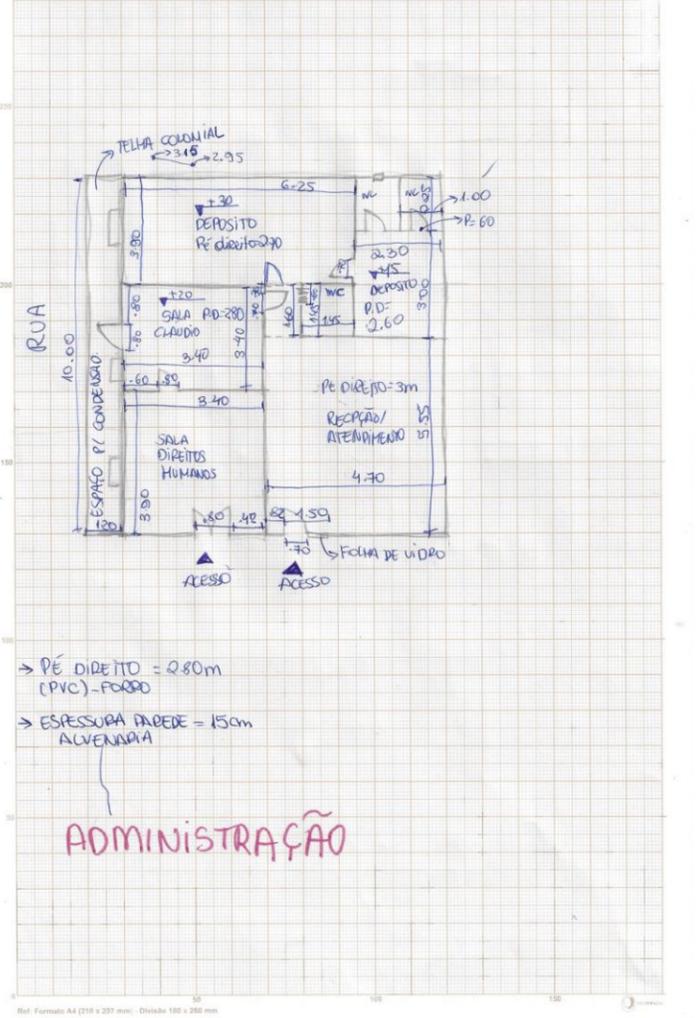
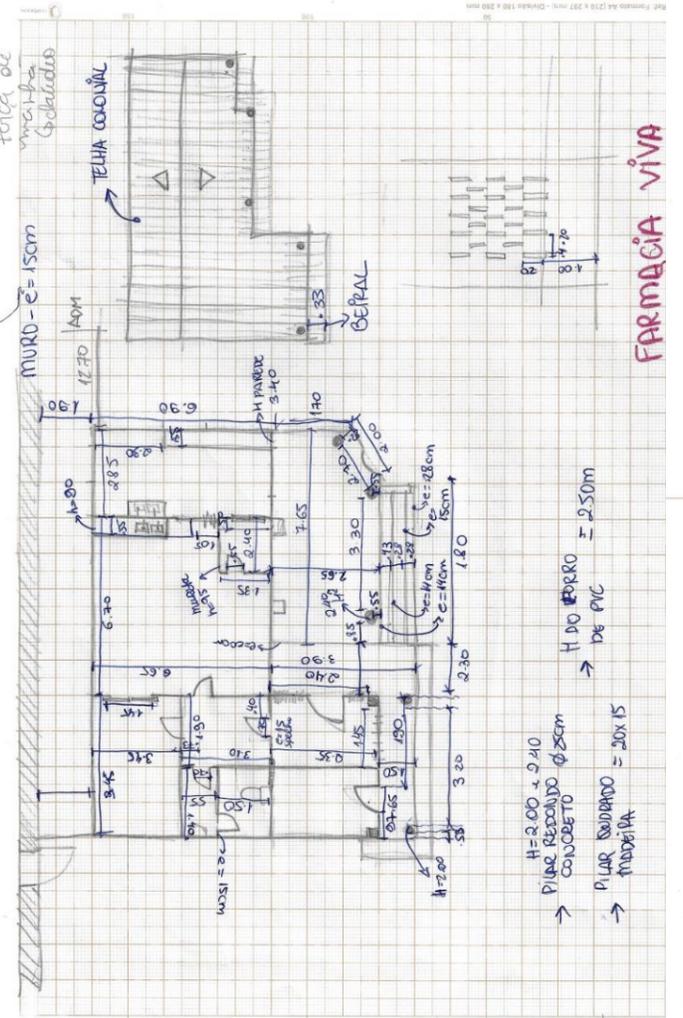
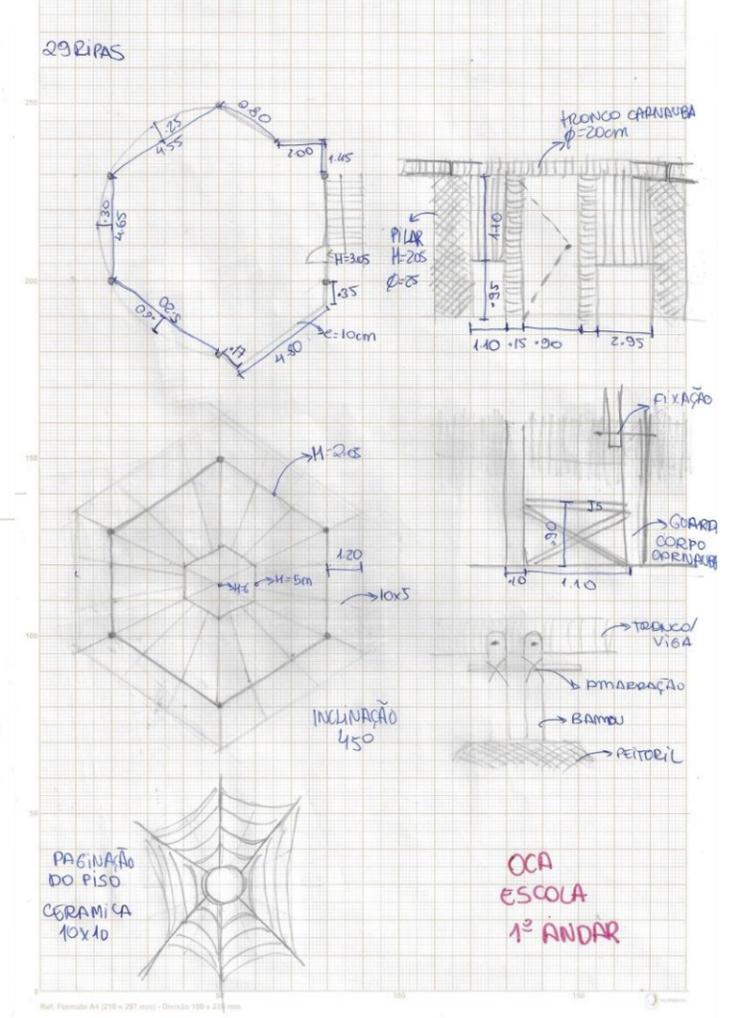
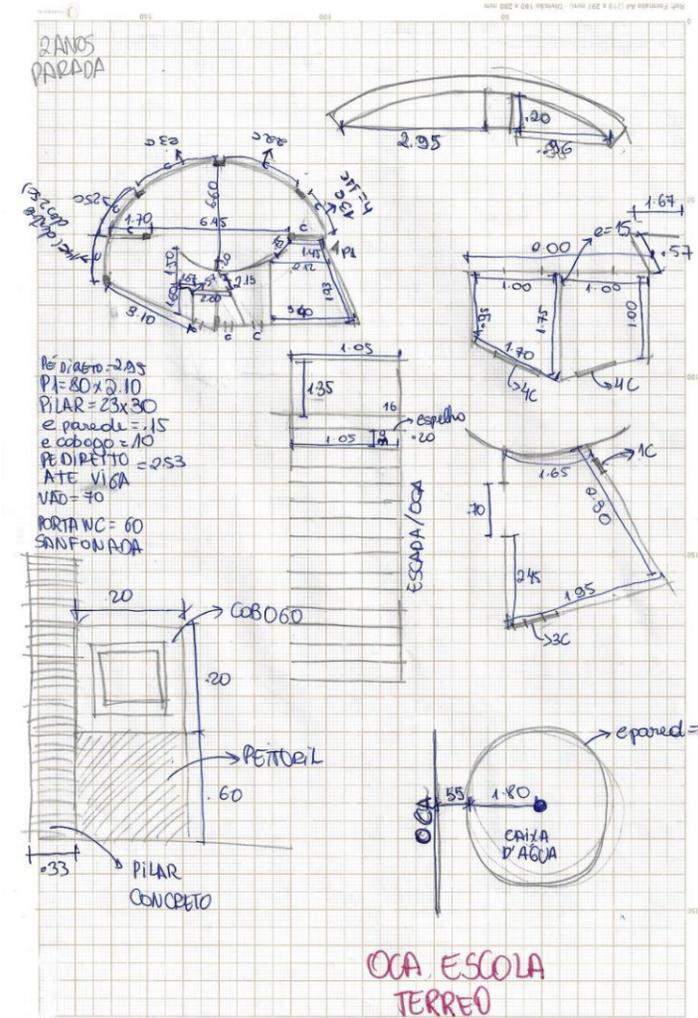
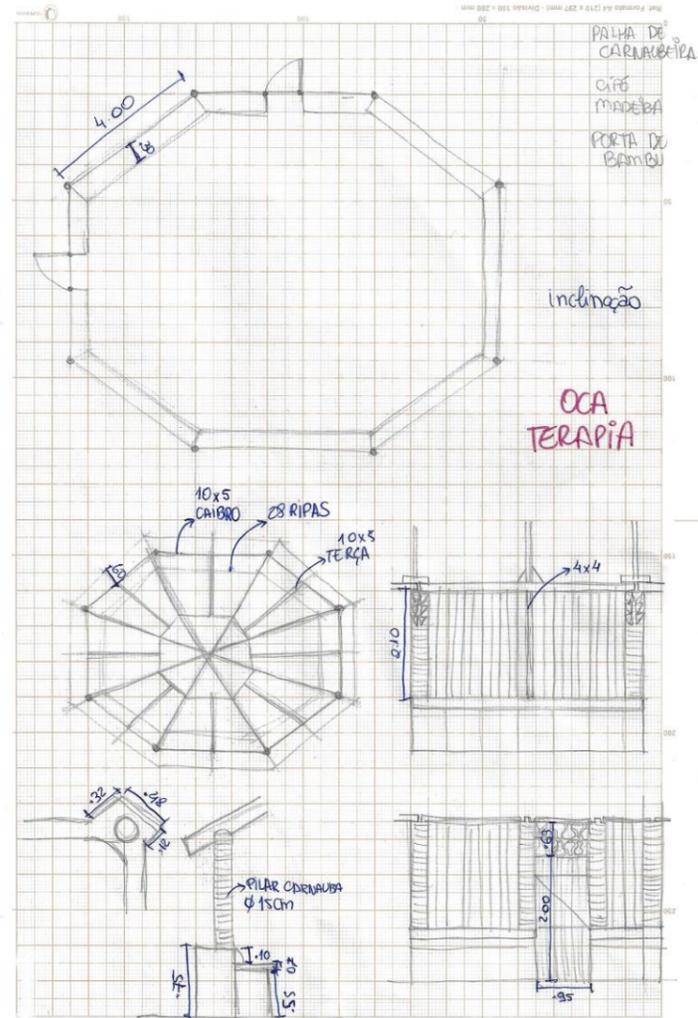
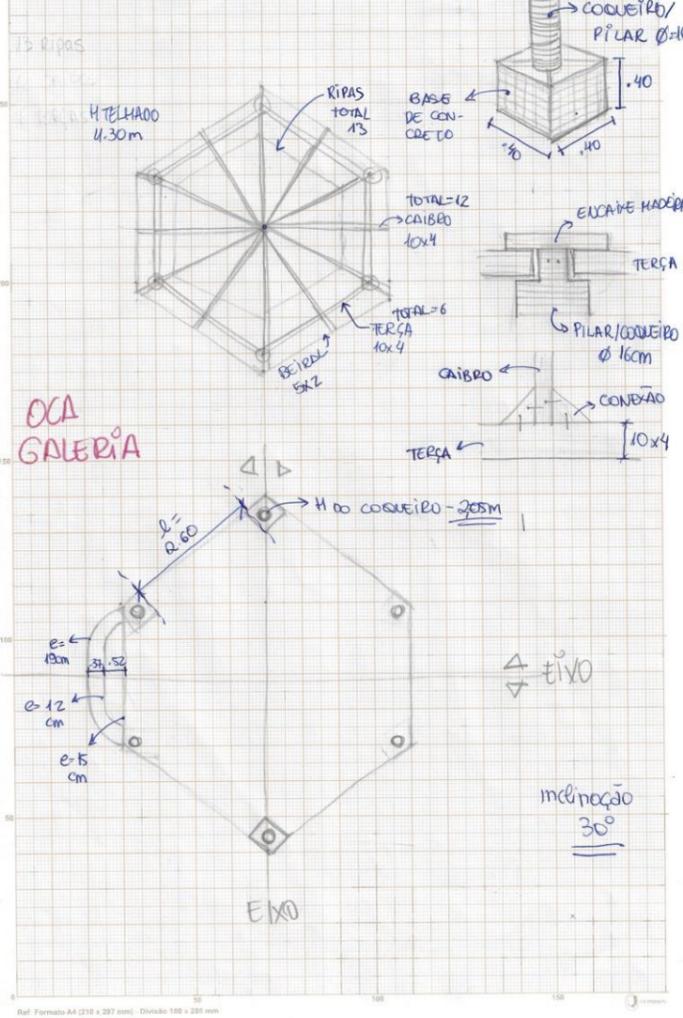
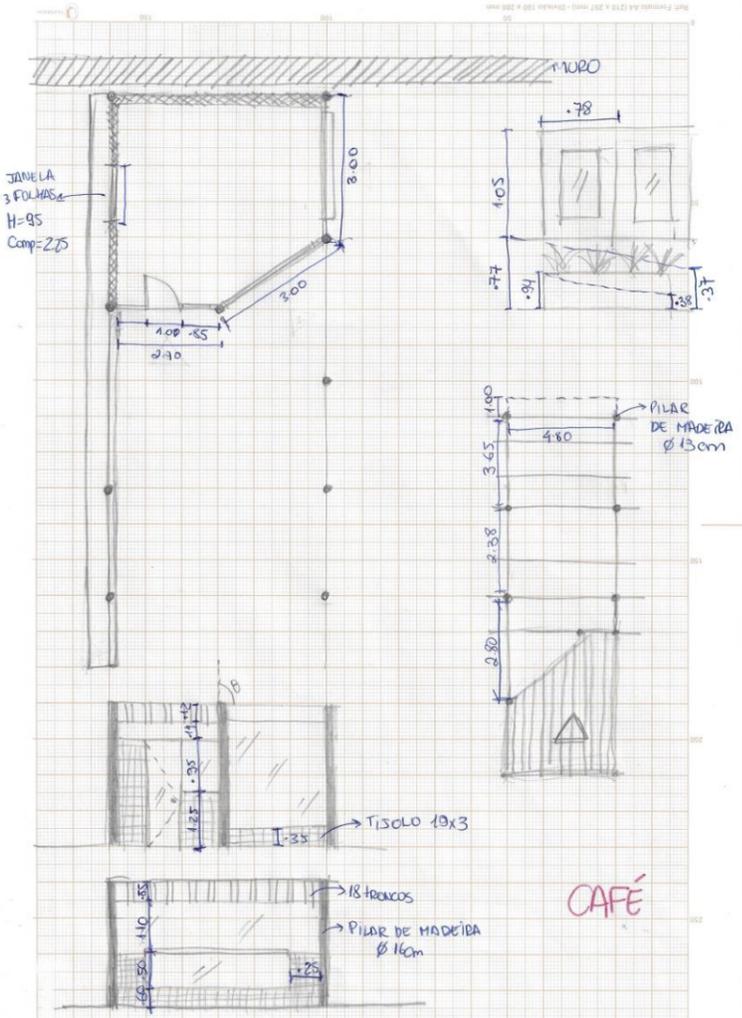
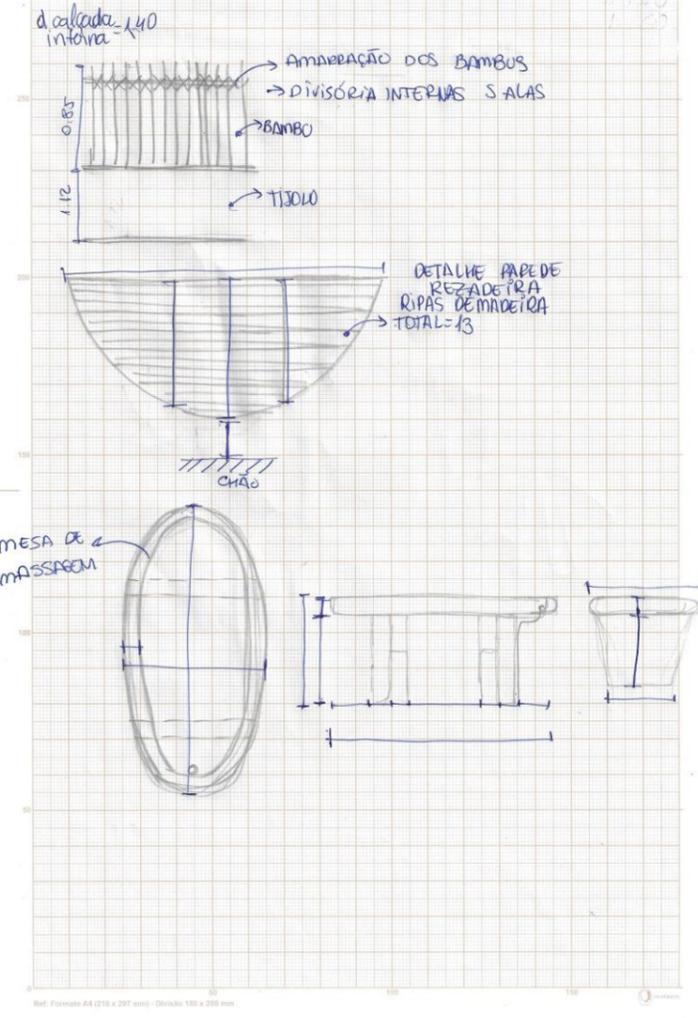


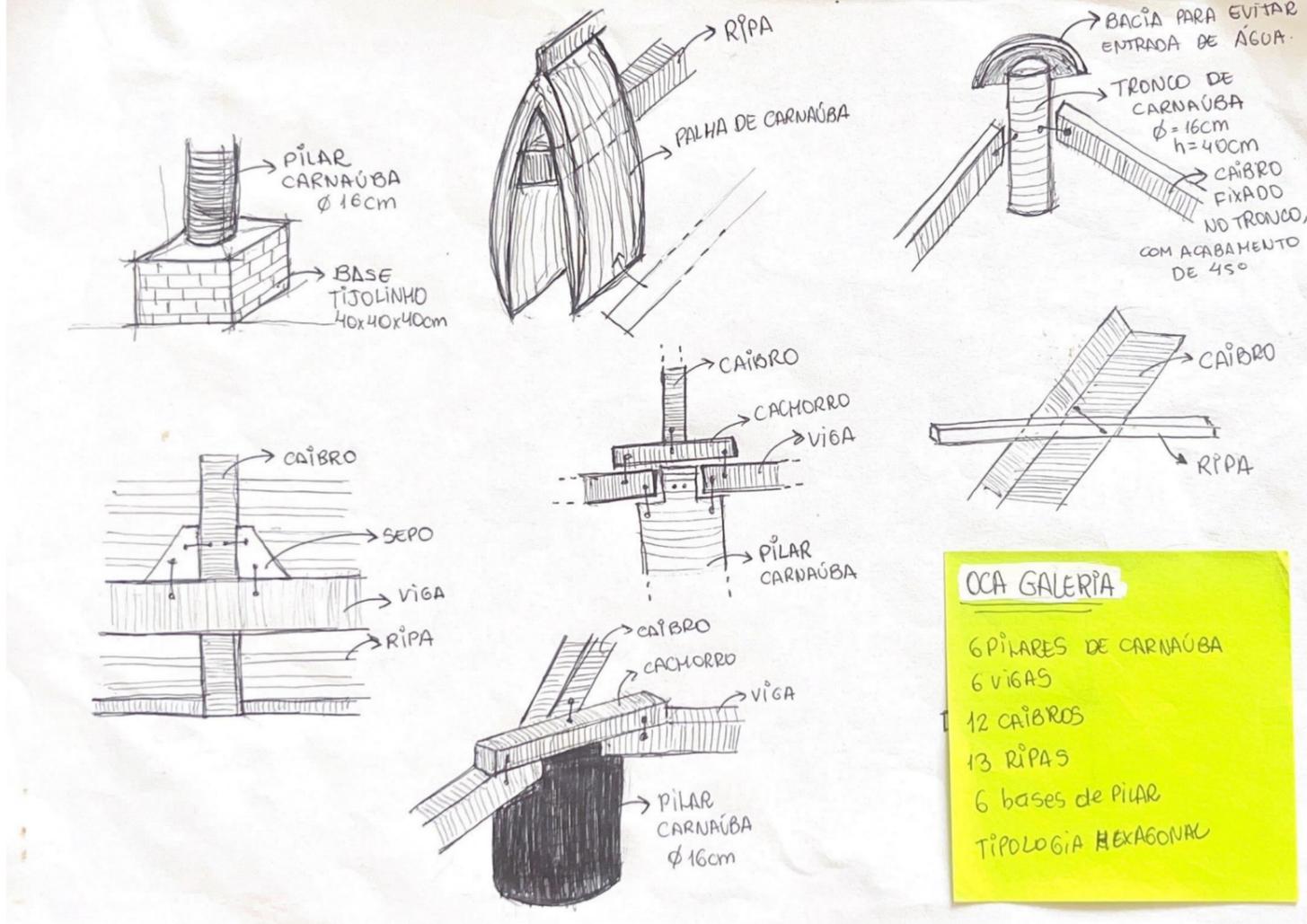
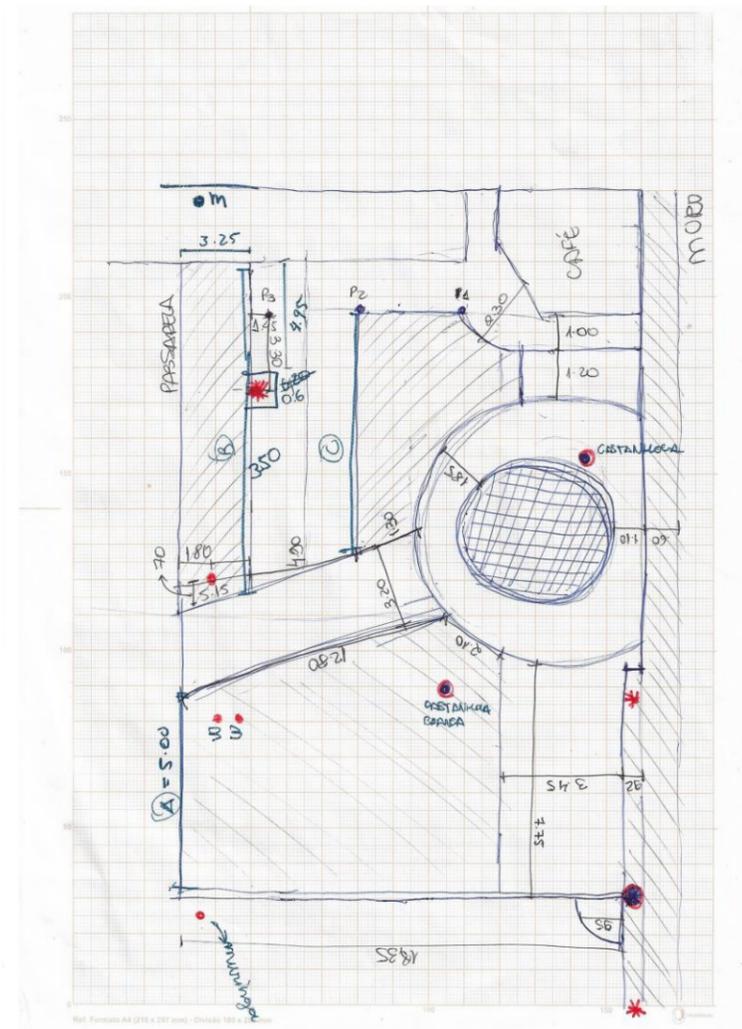
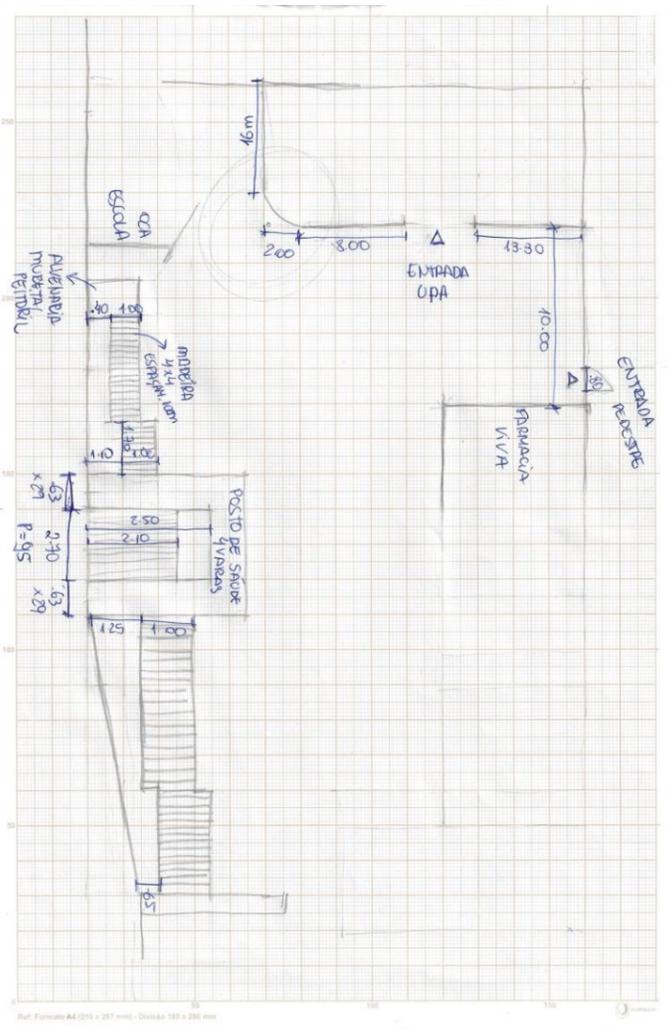
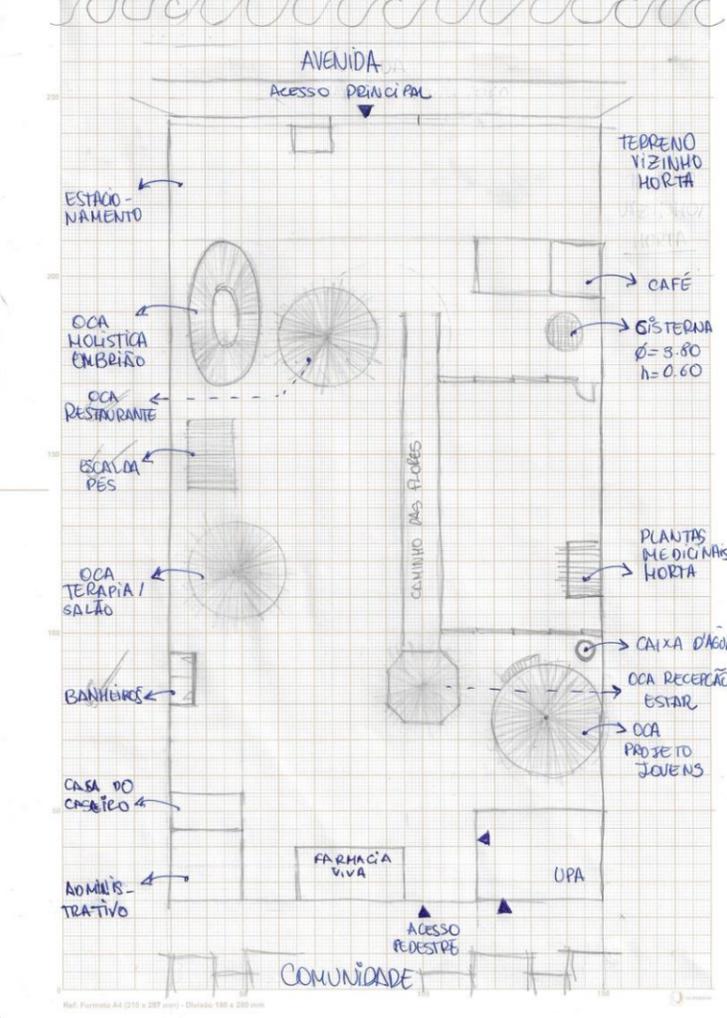
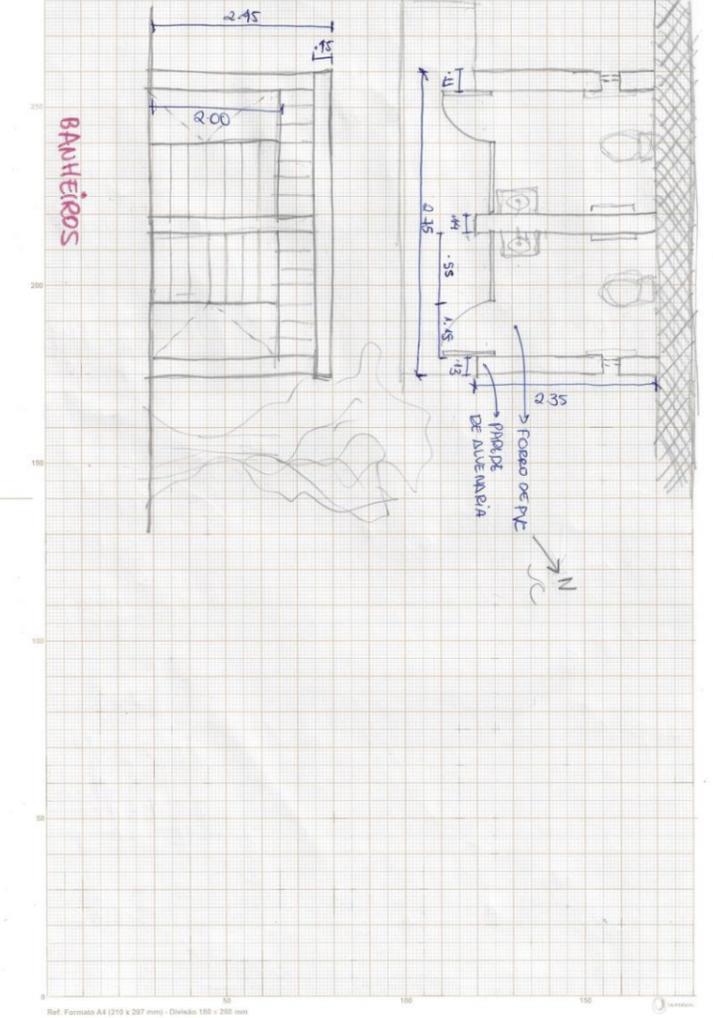
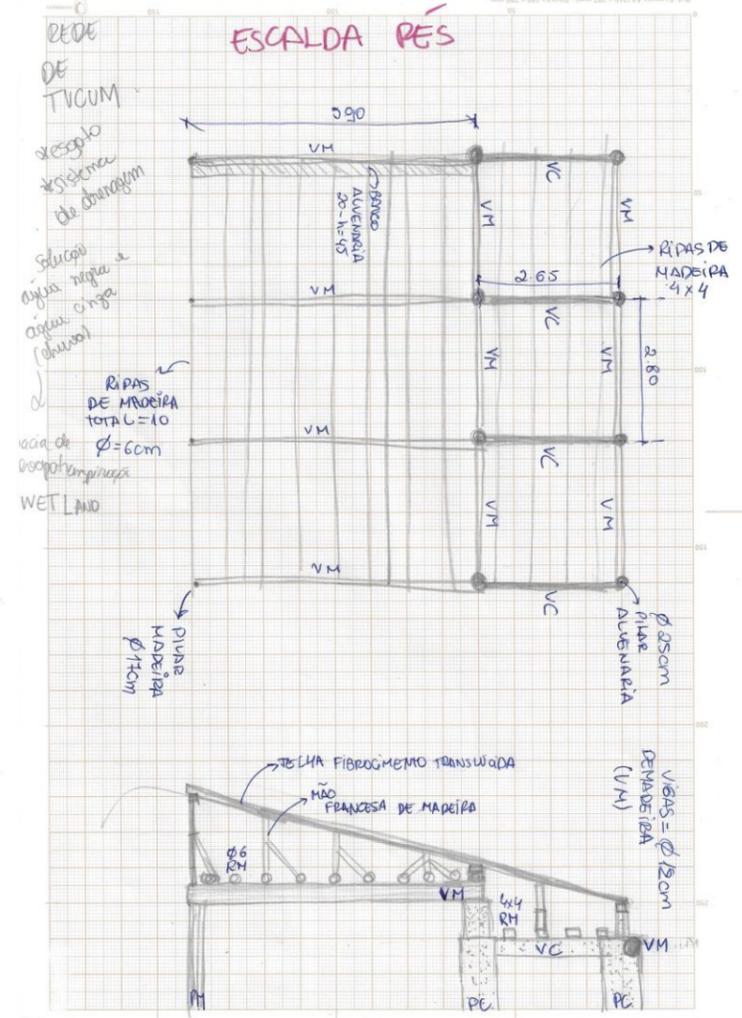
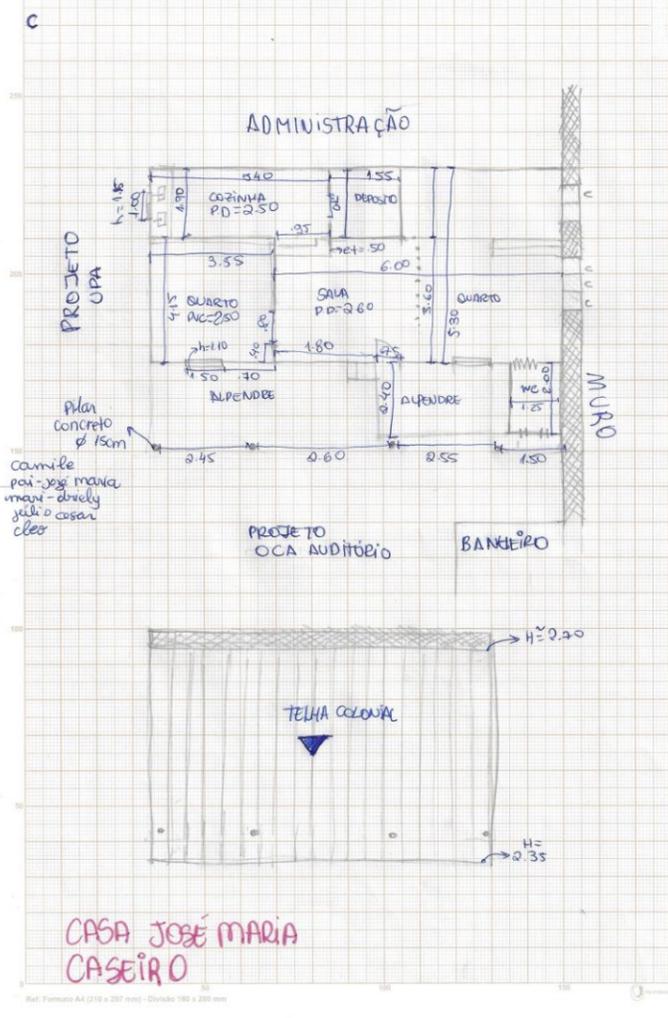
OCA RESTAURANTE

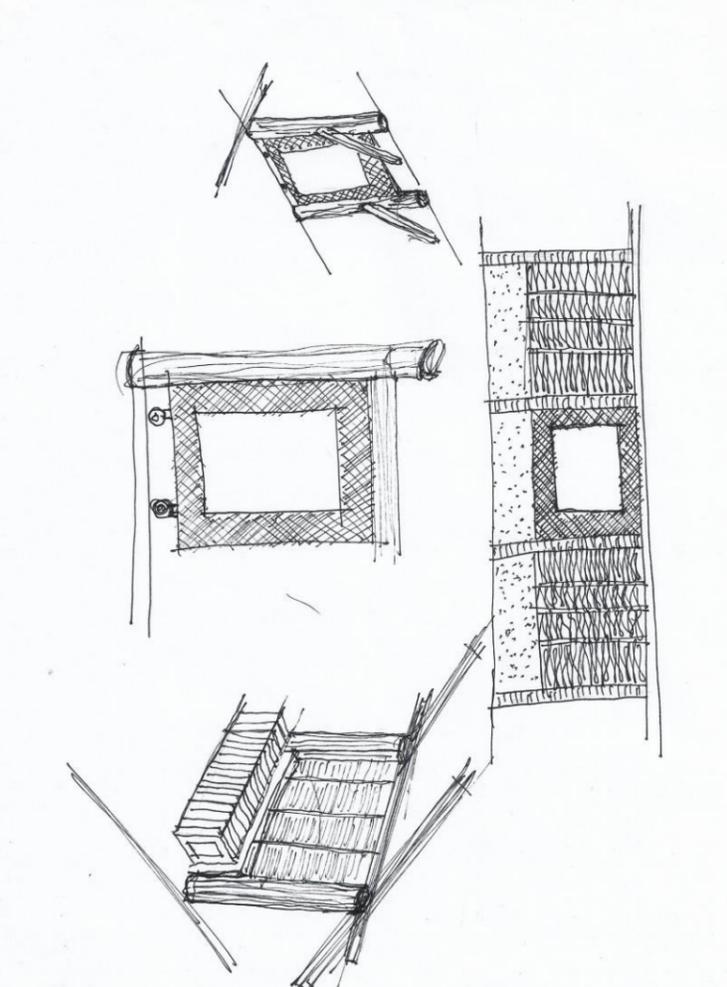
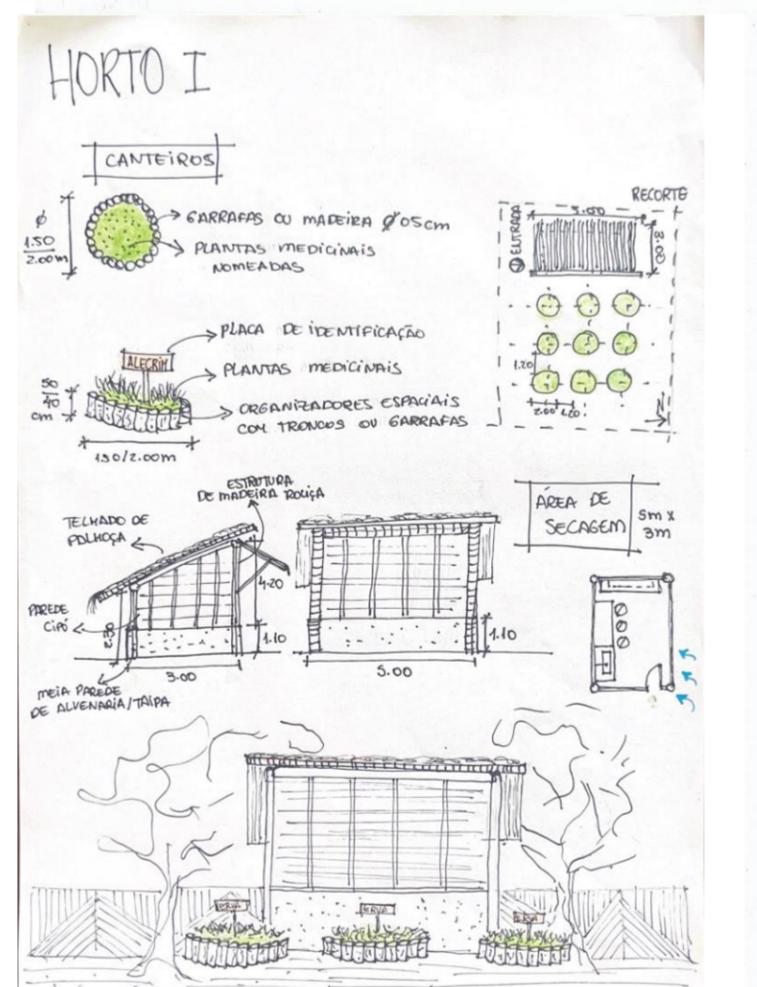
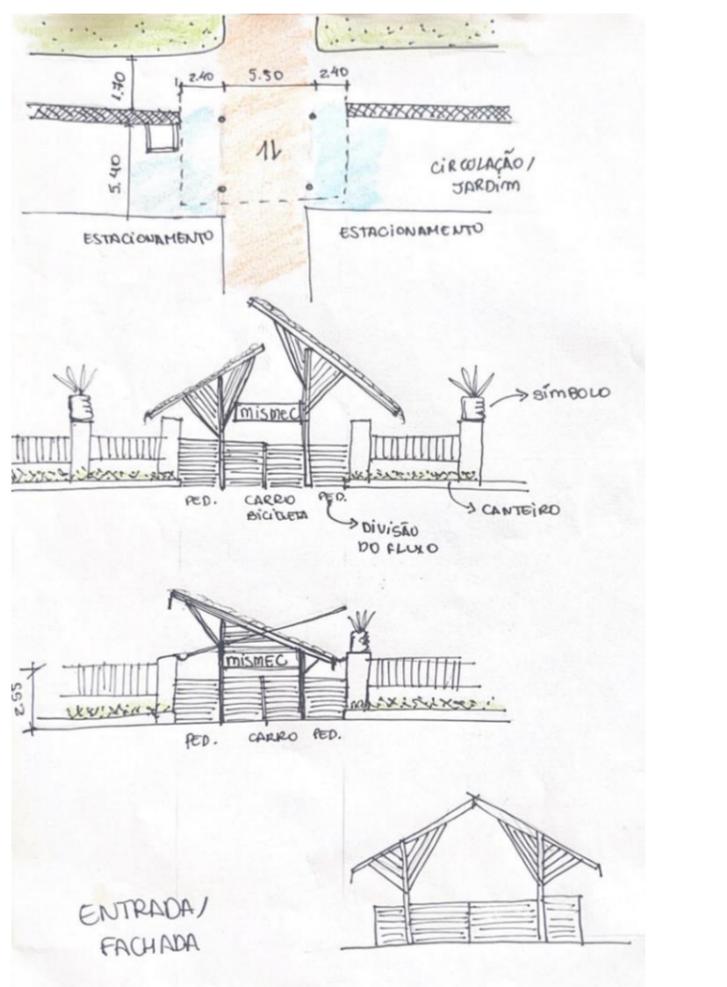
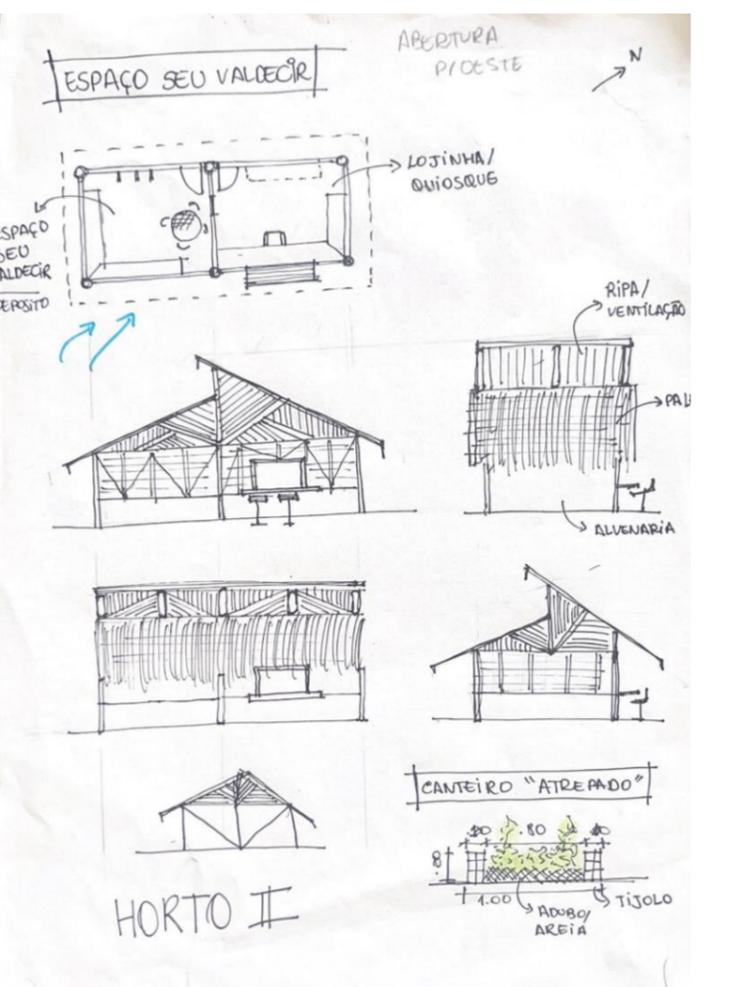
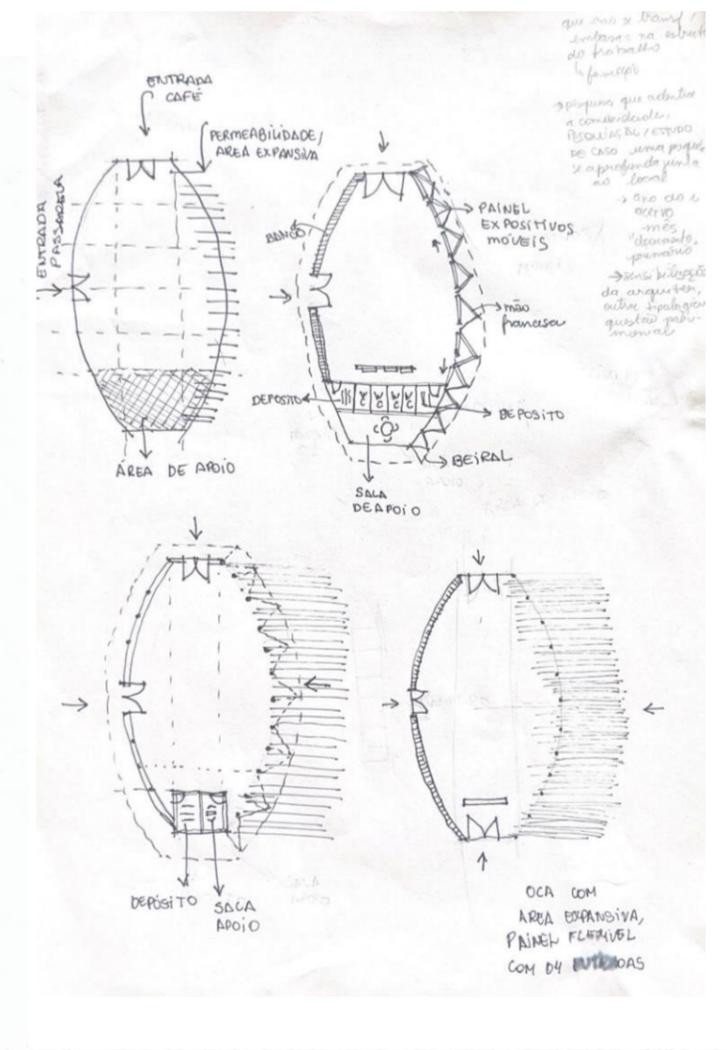
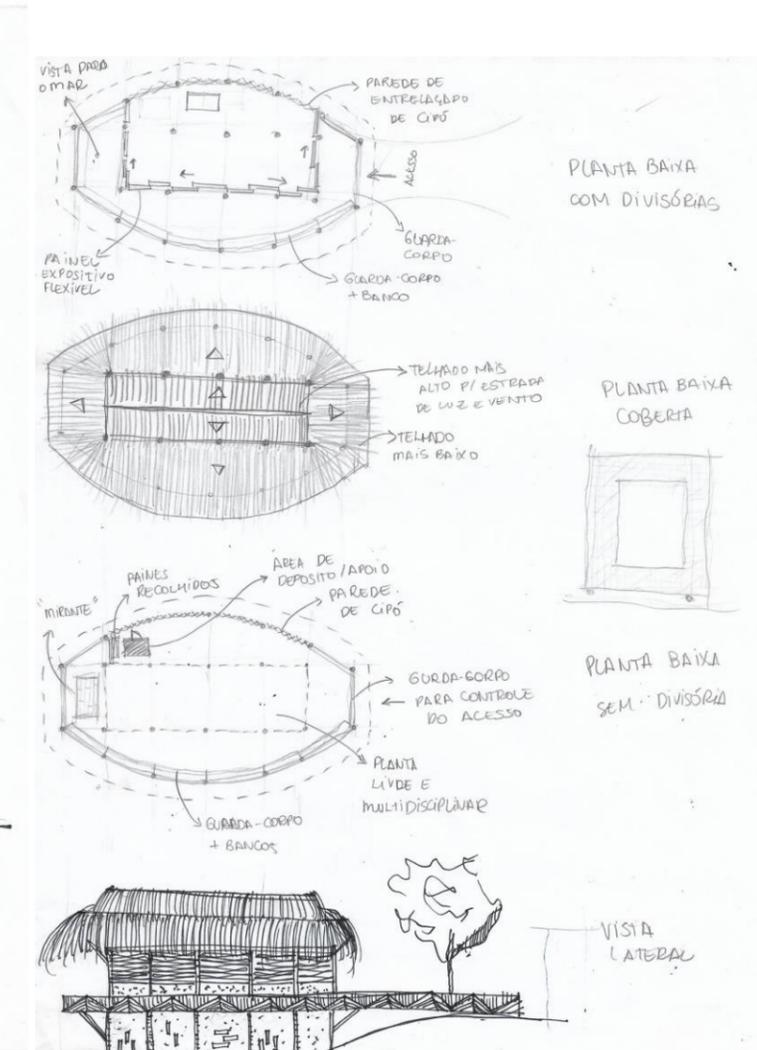
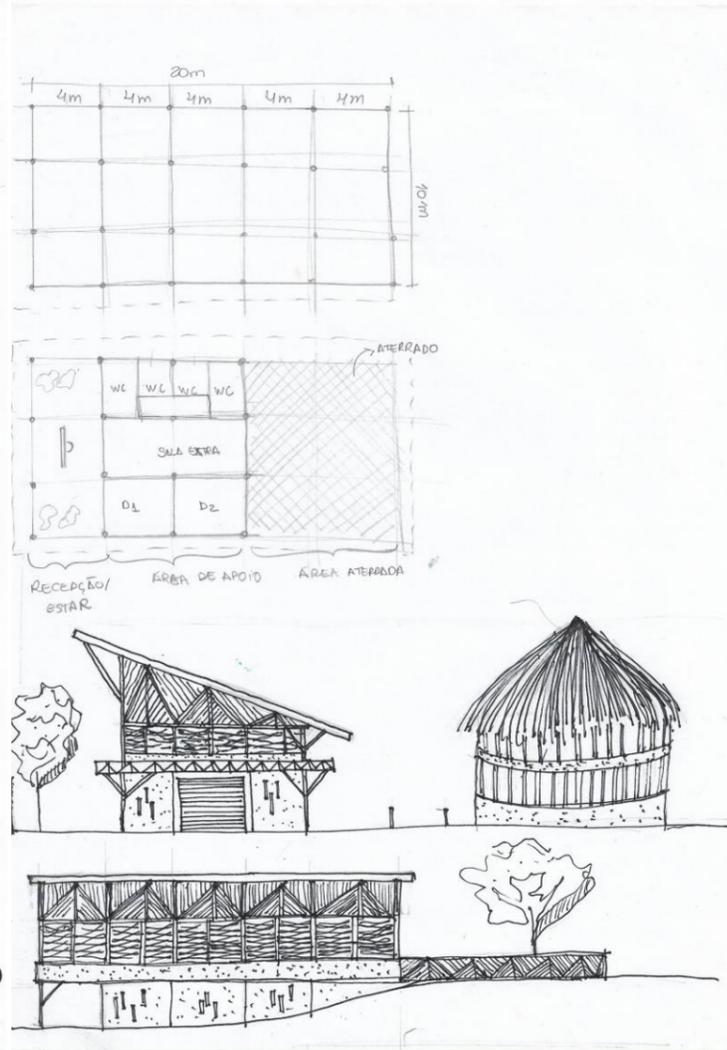
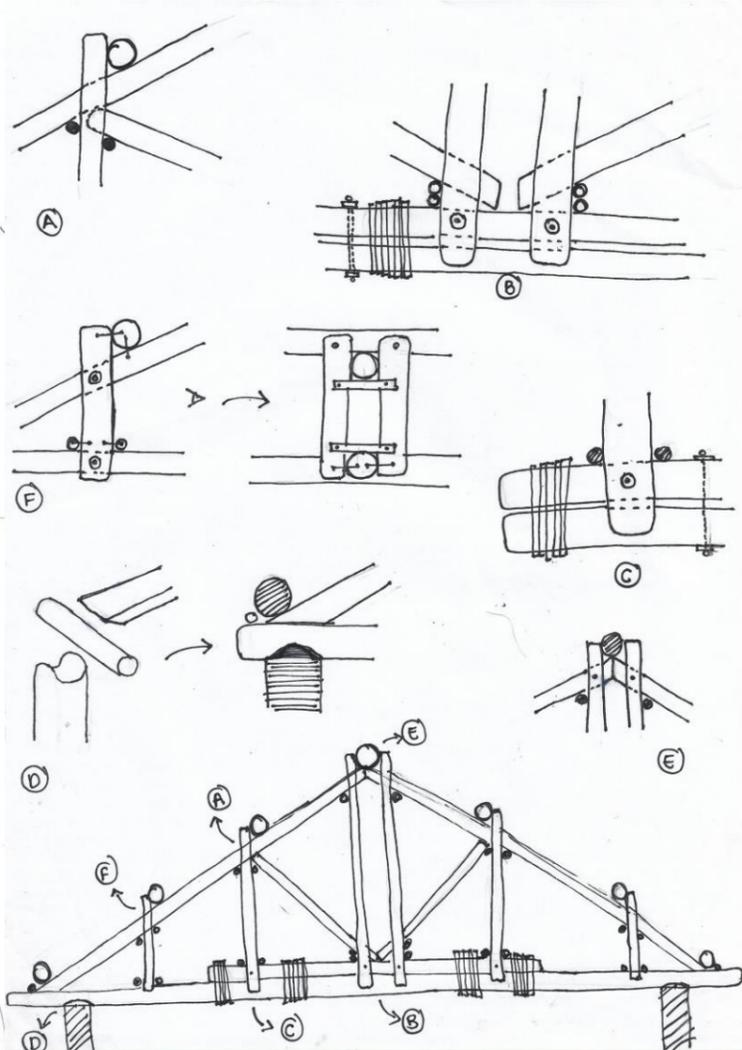


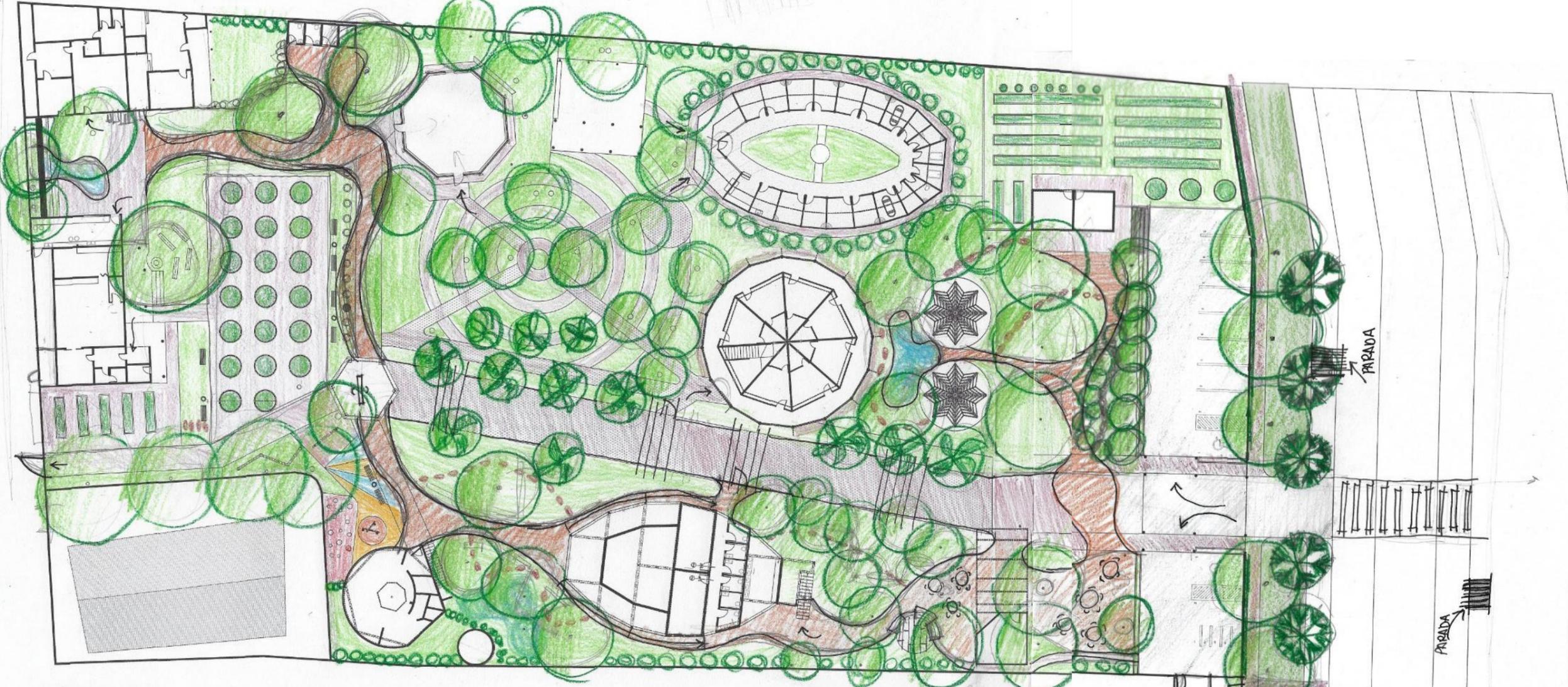
DETALHES CONSTRUTIVOS OCA RESTAURANTE







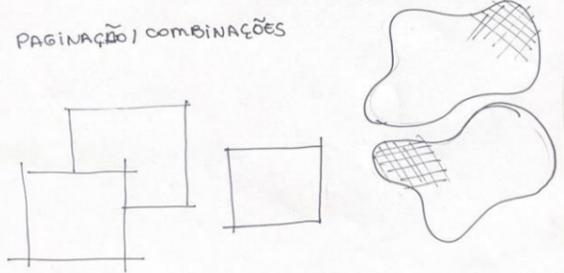
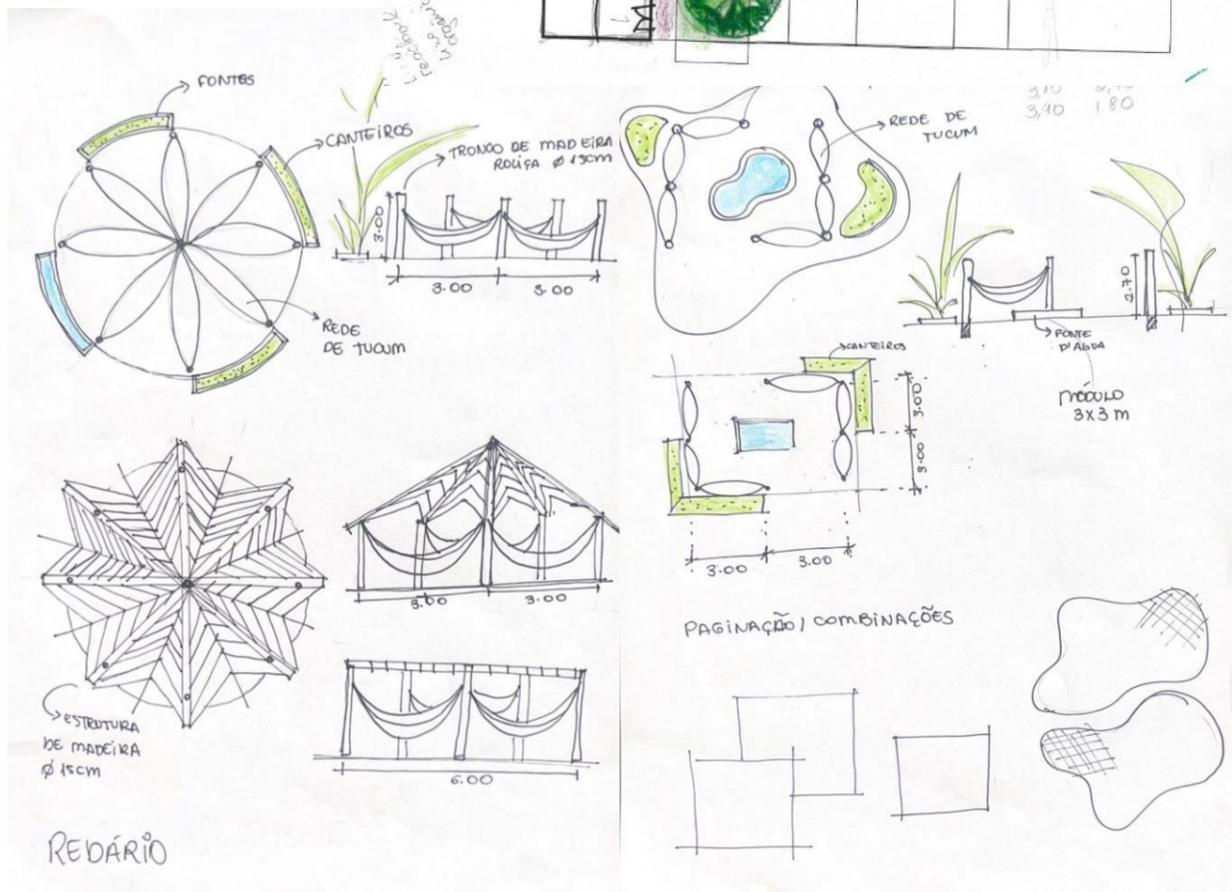




1/250 N
 pau-brasil
 ou
 ipê
 ou
 carnaúba
 (antídotos)
 ou
 baunilha
 (pasta de leite)
 → pomar de
 frutas
 aromáticas

MATERIAUOADE - SIMBOLOGIA

- **PILAR + ESTRUTURA:**
 EUCALIPTO
 OU CARNAÚBA
 → PILAR VEGETAL
 → LEMBRAR DO
 CONTATO COM O
 SOLO: EVITAR!
- **COBERTA:**
 PALHA DE CARNAÚBA
 OU TAUBILHA
 → "ENCAIXE" NA
 RIPA
- **PISO:**
 * TERRA BATIDA (ESTUDAR+)
 OU CIMENTO ARANHA
 → TORÉM
 TRIBO INDÍGENA
 AHOPALA
- **PAREDES:**
 MEIA PAREDE
 DE BARRO / TAIPA /
 ALVENARIA E
 CIPÓ (ENTRELAÇADO)
 → CIPÓ (FIADOS)
 → ESTRUTURA DE MADEIRA
 → ALVENARIA
- **GUARDA-CORPO**
 MADEIRA MAÇARANDUBA
 CONTINUAR A LINGUAGEM
 JÁ DESENVOLVIDA
 NA PASSARELA
 → DESENHO DO PAINEL
 DA CCA SAÚDE
- **DIVISÓRIAS / EXPOSITORES**
 → HISTÓRIA
 MISHEC
 → PAINEL DE ENTREUSO
 DE PALHA
 → FLEXIBILIDADE E
 POSSÍVEL ENCAIXE
 COM PILARES E VIGAS
- **CONEXÕES:** PARAPUSOS + ENTRELAÇADO DE CORDAS + S POSIÇÃO DE PEÇAS



Apêndice 02

Entrevistas



Entrevista semiestruturada com os funcionários do MISMEC 4 Varas

Meiryelli dos Santos

Joelson Mariano

Leide Albano

Igor Premal

Antônio Claudio

Valdecir Bernardo

Olga do Nascimento

Marcelino Silva

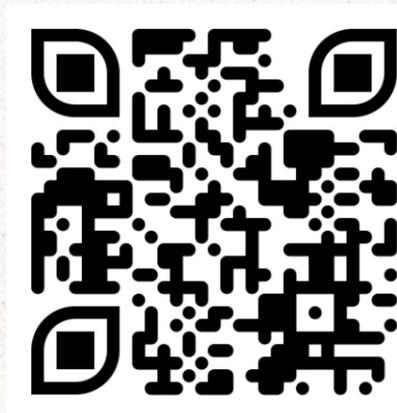
Luana Cavalcante

Manuela Guimarães

Alexandre costa

Humberto Teixeira

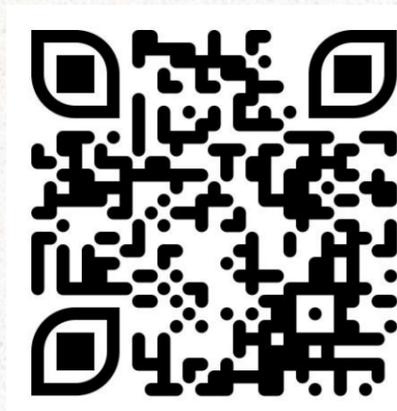
Leila Pessoa



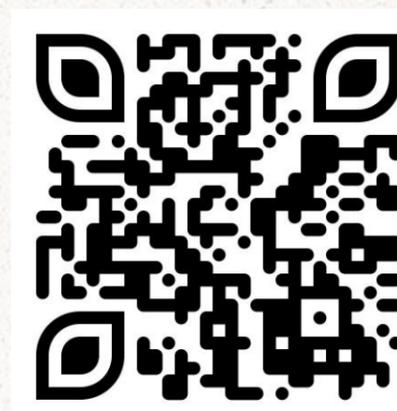
Entrevista semiestruturada com os usuários do MISMEC 4 Varas

Antônio de Sousa Costa (Toin)

Antônio Araújo Pontes



Entrevista com o Airton Barreto, Liderança do MISMEC 4 Varas



Entrevista com o Sérgio Rodrigues, líder comunitária dos Tapeba

